

DANIELA SOARES DOS SANTOS

ESTUDO DE UM PROJETO DE NAÇÃO PARA O BRASIL
DE FINS DO SÉCULO XIX A PARTIR DA LEITURA DOS
ROMANCES PUBLICAC U ~~EA~~ ~~AE~~

Universidade Federal de Minas Gerais
FAFICH
Programa de Pós-graduação em História
Linha de Pesquisa: Ciência e Cultura na História
Orientadora: Regina Horta Duarte

ESTUDO DE UM PROJETO DE NAÇÃO PARA O BRASIL DE FINS DO
SÉCULO XIX A PARTIR DA LEITURA DOS ROMANCES PUBLICADOS POR
ALUÍSIO AZEVEDO ENTRE 1881 E 1895.

Este exemplar corresponde à versão final da dissertação apresentada pela aluna Daniela Soares dos Santos (matrícula 2005209303) ao Departamento de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em História.

Banca Examinadora:

Dra. Regina Horta Duarte – Depto. de História da UFMG – (orientadora)

Dra. Anny Torres – Depto. de História da UFMG – (membro)

Dr. Luiz Gonzaga Morando Queiroz – Depto. de Letras da Uni-Bh – (membro)

Belo Horizonte - Minas Gerais

Março de 2007

RESUMO:

Com este trabalho objetiva-se discutir o uso da literatura como uma prática política na sociedade carioca de fins do século XIX. Para tanto, trabalha-se com os romances produzidos por Aluísio Azevedo entre os anos de 1881 e 1895: *O Mulato* (1881), *O Cortiço* (1890), *Casa de Pensão* (1884), *O Homem* (1887), *O Coruja* (1890), e *Livro de Uma Sogra* (1895), procurando identificar nestas obras as concepções do autor sobre as questões ligadas à higiene, habitação popular e medicina. Considerando-se o envolvimento dos intelectuais do período com os ideais higienistas e modernistas, buscou-se identificar e discutir o que Aluísio Azevedo propôs como projeto social e literário para o país naquele momento.

ÍNDICE:

Agradecimentos-----	05
Introdução-----	06
Capítulo 1: Literatura: Testemunho Histórico e Socialmente Construído -----	12
1.1- Proposta de Trabalho e Metodologia-----	12
1.2-A Cidade na Literatura: O Rio de Janeiro e a Situação Habitacional do Pobre Urbano em Fins do Século XIX-----	25
Capítulo 2: Aluísio Azevedo, o romance social e seu projeto para o Brasil -----	43
2.1- Aluísio Azevedo: Sujeito e Personagem de suas Histórias-----	43
2.2- O Romance Naturalista, Suas Especificidades e a Proposta de Azevedo-----	54
Capítulo 3: Rio de Janeiro: Uma Cidade no Espelho -----	70
3.1- O Cenário: a Cidade do Rio de Janeiro em Fins do Século XIX nas Obras de Azevedo -----	70
3.2- Higiene Física e Moral: os Entraves ao Estabelecimento da “Civilização” -----	84
Considerações finais -----	97
Anexos-----	102
Fontes e Bibliografia-----	105

AGRADECIMENTOS:

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para superar todos os obstáculos que enfrentei do início à conclusão deste trabalho, e por ter colocado em meu caminho pessoas que me ajudaram a superá-los:

Meus pais, aos quais devo e dedico todas as minhas conquistas.

Minhas irmãs, que sempre me incentivaram.

Rosa e Roberto, pelo apoio e carinho.

Valéria, Fábio, Rafaela e Fabiana, minha família em B.H.

Regina, que aceitou me acolher “no meio do caminho” e após muitos transtornos, encontrando uma orientanda desmotivada e literalmente “desorientada”!

Igor, com seus telefonemas e e-mails que me fizeram rir mesmo nos momentos mais desesperadores.

Paula, que despertou em mim o prazer pelo estudo da literatura e me causou um “problemão”.

João Paulo que nunca tem paciência comigo... Mas amor a gente não explica nem entende, só ama.

E por fim, Fefê, meu pequeno ajudante e companheiro incondicional.

A todos agradeço o apoio, a atenção e me desculpo pelas repetidas ausências e impaciência constante...

Amo vocês.

Introdução:

Em todo o Brasil e de modo particular na cidade do Rio de Janeiro – centro econômico, político e cultural – discutia-se, em fins do século XIX, a questão da identidade nacional: políticos e intelectuais aventavam um projeto de nação para o país que ia de encontro à realidade das condições higiênicas e habitacionais da maior parte da população aí domiciliada no referido período.

Este trabalho constitui-se em uma nova e mais abrangente perspectiva de análise de um tema que vem sendo desenvolvido desde a graduação, e cujo objetivo é discutir o uso da literatura como uma prática política na busca pela construção da identidade nacional, no Rio de Janeiro em fins do século XIX.

A partir das idéias de higiene, habitação popular e medicina, bem como sua inter-relação, pretende-se discutir o projeto literário e social proposto por Azevedo e expresso em sua obra. Para tanto, trabalharemos com os romances ditos naturalistas produzidos pelo autor entre os anos de 1881 e 1895: *O Mulato* (1881)¹, *Casa de Pensão* (1884)², *O Homem* (1887)³, *O Coruja* (1890)⁴, *O Cortiço* (1890)⁵, e *Livro de Uma Sogra* (1895)⁶.

A escolha dos romances rotulados como naturalistas é também parte da estratégia deste trabalho: embora a opção pelas obras tenha sido realizada tendo em vista uma classificação feita por parte da crítica literária, não acreditamos que a obra de Azevedo possa ser rigidamente enquadrada em romântica ou naturalista. Participamos de uma perspectiva proposta por Luiz Gonzaga Morando Queiroz⁷, segundo a qual Aluísio Azevedo tinha clareza da dinâmica instituída à sua obra e estabelecia uma intercalação de estéticas como resposta à sua época.

A opção por esta perspectiva de análise deve-se justamente à discordância quanto à rotulação naturalista conferida às obras. Dada a consciência que, acreditamos, Azevedo tinha ao produzir cada obra, com relação a seu público, ao contexto de recepção e

¹ Vide resumo em anexo, página 102.

² Vide resumo em anexo, página 102.

³ Vide resumo em anexo, página 103.

⁴ Vide resumo em anexo, página 103.

⁵ Vide resumo em anexo, página 104.

⁶ Vide resumo em anexo, página 104.

⁷ QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando:1997.

sobretudo à sua própria subsistência, rotulações dentro de padrões preestabelecidos não se aplicam à sua produção bibliográfica.

O autor discutia abertamente, em crônicas e cartas aos amigos, sua opção pelo hibridismo no intuito de “acostumar o leitor” e adaptar o método naturalista à realidade social e intelectual brasileira.

Com um recorte traçado a partir das datas de publicação dos referidos romances, pretende-se analisar a construção da identidade nacional em um momento crucial na história do Brasil: os anos em torno da Proclamação da República. Nessa situação de efervescência de idéias e pretensa ruptura, abriu-se a necessidade de elaborar um novo arranjo político, o qual passava também pela constituição de referências que conferissem coesão ao país, construído através de uma ampla discussão sobre a identidade nacional⁸.

Tendo em vista a ampla divulgação das idéias higienistas através das “penas” da intelectualidade do período que, vivendo a indeterminação do presente, sentia necessidade de intervir para transformar a realidade⁹, os textos literários serão aqui encarados enquanto “testemunhos históricos”. A literatura, neste trabalho, será tratada como “arma intelectual”

⁸ De acordo com Lúcia Lippi Oliveira (1990, pp. 13-21, 30-39), pátria e nação são conceitos que compõem o universo simbólico do mundo ocidental desde o século XVIII e têm assumido conteúdos diferentes para diferentes povos e épocas. Cada grupo os utiliza visando um tipo de identidade coletiva e um sentimento de pertencimento e auto-identificação. Para a autora, o nacionalismo é um substituto moderno para o teológico-metafísico na busca pelas origens. Haveria basicamente três tipos de nacionalismo: o que privilegia os aspectos políticos relacionados à formação dos Estados modernos, o que se baseia em traços culturais típicos de cada grupo social e o que abrange aspectos políticos e culturais associando o êxito do Estado à obediência às tendências. Por acreditar que estas possíveis “correntes” de pensamento evidenciam-se e mascaram-se em diferentes momentos da história do país, sobretudo nos de crise, não nos preocuparemos em tentar “enquadrar” o projeto de Aluísio Azevedo dentro destas classificações, embora de um modo geral suas idéias estejam em consonância com o grupo dito “geração de 1870”. A “geração de 1870” constituiu-se em críticos do Brasil de sua época: condenavam a sociedade “fossilizada” do Império e pregavam a redenção através da abolição da escravatura e proclamação da República. Queriam “iluminar” o país através da ciência e da cultura – únicos meios de sanar os problemas nacionais, causados pela ignorância. Guiados por uma “filosofia do progresso”, julgavam que o país devia repetir, aceleradamente, a experiência do ocidente, a fim de alcançar a parcela mais avançada da humanidade. Consideremos ainda o que a autora classifica como os dois tipos de doutrina sobre nação, sendo o primeiro baseado em Herder, que privilegia a cultura, negando o progresso e buscando as raízes para reconstruir o passado, e o segundo, baseado em Rousseau, que privilegia o elemento político, valorizando a ação do legislador do Estado como principal fator de constituição da nação. Mais uma vez, não pretendemos classificações rígidas como estas, sobretudo porque as aspas ao termo dizem respeito, exatamente, à presença de opiniões conflitantes dentro do grupo “geração de 1870”, mas estas definições ajudarão a balizar o trabalho de pensar estes intelectuais enquanto “sujeitos e personagens de suas histórias”. Importa-nos apreender o projeto de nação expresso na obra de Aluísio Azevedo e para tanto trabalharemos com a concepção de nação proposta por Berger e Luckmann, para os quais nação não é um conceito científico, mas que pretende legitimar uma dada construção social da realidade de forma a garantir a integração coletiva.

⁹ CHALHOUB, Sidney. e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (org): 1998, p.9.

de uma categoria social que, em sua época, se dispôs a identificar e apontar caminhos para a superação das mazelas sociais.

As datas de publicação das obras selecionadas permitem traçar um recorte espacial e temporal que revela um período de intensas transformações políticas e sociais que aguçavam a reflexão dos intelectuais, propiciando o surgimento de núcleos de discussão como o que ficou conhecido como a “geração de 1870”.

O movimento de idéias, em curso na Europa, como o positivismo comtista, transformismo darwinista, evolucionismo spenciano e intelectualismo de Taine e Renan, só chegou ao Brasil cerca de 20 anos depois. Alguns fatores como a Guerra do Paraguai e a Proclamação da República Francesa em 1870 influenciaram a penetração destas idéias no país¹⁰.

A literatura deste período fornece um quadro revelador do imaginário em gestação entre os políticos, governantes e intelectuais nas últimas décadas do século XIX. Há crença na existência de um “caminho para a civilização”, um modelo europeu de “aperfeiçoamento moral e material” e que caberia aos governantes auxiliar o povo sob seu domínio nesta “caminhada”.

Além disso, um dos requisitos para que a nação atingisse a prosperidade dos países mais “evoluídos”, seria a solução dos problemas de higiene pública, uma vez que acreditavam que a moralidade estava relacionada também à limpeza física.

A partir desta idéia tentou-se legitimar a extinção dos cortiços como focos geradores de doenças, lugares sujos e superpovoados. Esta concepção ganhou ainda mais força a partir da década de 1870, em que a febre amarela, com os transtornos que causava aos imigrantes, passou a ser percebida como empecilho às tentativas dos cafeicultores de amenizar a substituição do trabalho escravo pela mão-de-obra livre européia. A má fama de cidade pestilenta estaria desencorajando os imigrantes em potencial.

Como maior cidade do país, capital econômica, política e cultural, era natural que o Rio de Janeiro sentisse em maior intensidade as “fermentações” dos últimos anos do Império, que culminariam na abolição da escravatura e Proclamação da República. A

¹⁰ Ver: OLIVEIRA, Lúcia Lippi: 1990, p. 10.

cidade, segundo José Murilo de Carvalho¹¹, passou por alterações quantitativas no que dizia respeito à demografia, composição étnica e estrutura ocupacional, sobretudo devido às imigrações, mas também devido às emigrações.

As condições habitacionais agravaram-se neste período: degradaram-se tanto em termos quantitativos quanto qualitativos: “O Rio possuía, em 1888, 1331 estalagens e 18666 quartos de aluguel, em que moravam 46680 pessoas incluindo todo o vasto contingente do mundo da desordem”¹². A abolição da escravatura ainda contribuiria para o aumento de habitações coletivas e do número de habitantes por quarto.

Por estes e outros motivos, o Rio de Janeiro em fins do século XIX (1881-1895) era considerado “... uma das cidades mais lindas do mundo, mas também uma das mais fatais à saúde e mesmo à existência”.¹³ Principal porto de entrada de capital do país, a cidade, atendendo às solicitações de uma economia voltada para a exportação e aos ideais de progresso da elite - para a qual este, muitas vezes, significava prédios pomposos e largas avenidas em detrimento do adequado fornecimento de água, rede de esgoto e iluminação pública para todos os bairros - passou, no referido período, por um processo que Sonia Marques bem definiu como: “Assainir et embellir - et sourtout déconstruire”.¹⁴

Tendo em vista o título empregado por Nicolau Sevckenko¹⁵ ao descrever o campo das idéias dos intelectuais do período - *Literatura como Missão* - é significativa a análise das obras selecionadas, uma vez que Aluísio Azevedo retoma em várias de suas obras os temas ligados à higiene, habitação popular e constituição do saber médico para discutir, questionar e ironizar usos e costumes da sociedade de seu tempo, sendo também expressão deste aspecto os próprios títulos de algumas obras - como *O Cortiço* e *Casa de Pensão* - e a forma como descreve seus personagens: seres impulsivos, movidos pelo instinto, em oposição à racionalidade e cientificidade buscadas no período.

Embora diversos críticos da primeira metade do século XX considerem a produção ficcional de Aluísio Azevedo irregular do ponto de vista estético-artístico, e posteriormente esta posição quase não é revista, é visível que faltam trabalhos que recolorem Azevedo

¹¹ CARVALHO, José Murilo de:1987, pp. 16-22.

¹² CARVALHO, José Murilo de: 1987, p. 36.

¹³ VICENT, Frank (1890). *Apud.* HAHNER, June E.:1993, p.169.

¹⁴ MARQUES, Sonia.:1995, p.31.

¹⁵ SEVCENKO, Nicolau: 1985.

em um lugar mais adequado com sua colaboração ficcional no movimento literário brasileiro do final do século XIX.

Este trabalho pretende também amenizar a ausência de pesquisas relacionadas à obra de Azevedo, que efetivamente se proponham a esta revisão, abrindo o leque de discussões nesta área. Os trabalhos existentes sobre a obra do autor são, em sua maioria, relacionados à relevância do naturalismo, limitando-se a uma abordagem técnica dos aspectos literários¹⁶.

Pode-se traçar um segundo grupo de trabalhos que limitam-se a estabelecer paralelos entre o trabalho de Azevedo e outros autores, sendo que neste grupo de trabalhos a obra de Azevedo aparece de forma subsidiária, apenas para ilustrar ou contrapor idéias¹⁷. Há, por fim, um último grupo de trabalhos biográficos, que restringem-se a analisar as influências da trajetória do autor na constituição de alguns personagens e de seus universos psicológicos¹⁸.

Neste intuito, no primeiro capítulo buscou-se apresentar a metodologia de trabalho discutindo sua validade em relação às fontes propostas. Em um segundo momento, procurou-se fazer uma breve discussão sobre a forma como a cidade do Rio de Janeiro, do referido período, é apresentada na bibliografia sobre o tema.

No segundo capítulo apresentou-se a trajetória pessoal e profissional de Aluísio Azevedo, bem como suas opções dentro do cenário literário e político brasileiro de fins do século XIX. Neste capítulo discute-se os projetos do autor para o país e como este trabalho pretende analisá-los tendo em vista o autor como personagem e sujeito de suas histórias e de seu tempo, e levando-se também em conta as especificidades do romance naturalista.

No terceiro capítulo discutiu-se a cidade do Rio de Janeiro como cenário das obras de Azevedo, ou seja, a forma como a capital aparece na obra do autor, metaforizando o país idealizado e tornando perceptíveis suas aspirações políticas e sociais de civilização e modificação dos usos e costumes da sociedade carioca.

Tendo em vista os objetivos e a metodologia adotada neste trabalho, pretendeu-se pensar - através do cruzamento dos romances com a bibliografia sobre a urbanização do

¹⁶ Ver: SODRÉ, Nelson Werneck: 1992. FARACO, Carlos Emílio. e MOURA, Carlos Marto: 1998.

¹⁷ Ver: ORTIZ, Renato: 1986. DALCASTAGNÈ, Regina: 1989. VENTURA, Roberto: 1991.

¹⁸ MÉRIAN, Jean-Yves: 1988. Embora esta obra não se restrinja a isto, está muito presa a este tipo de análise do universo psicológico.

final do Império, a institucionalização da medicina e a conformação do naturalismo - quem é este “homem higiênico” proposto por Azevedo em fins do século XIX e quais os aspectos cotidianos que deveriam ser destruídos ou ajustados para sua viabilização dentro dos projetos do autor de civilização e moralização da sociedade brasileira através da literatura.

Capítulo 1: Literatura: testemunho histórico e socialmente construído.

1.1- Proposta de trabalho e metodologia

Neste trabalho a literatura será utilizada como “testemunho histórico e socialmente construído”¹⁹, mergulhando no projeto social e literário presente na obra de Aluísio Azevedo. Será realizada, para tanto, uma análise das noções de higiene, habitação popular e ciência – sobretudo no tocante à constituição da hegemonia da medicina científica no país – contidas nestas obras e das implicações que lhes são inerentes dentro do processo de “gestação” da identidade nacional em curso no período.

Conhecedor e admirador do pensamento de Émile Zola, Azevedo trabalhava sob a égide da relação ciência/literatura, e como pode-se perceber na literatura naturalista produzida no período – que tomou para si a missão de respaldar e preparar o ambiente literário para as teorias científicas nascentes – também em sua obra encontramos a presença do tríptico ciência, educação e moralidade²⁰.

Acreditamos que Aluísio Azevedo tinha clara para si uma “missão civilizadora” que incluía uma reeducação do povo em seus modos e costumes. Seu projeto literário, esboçado e publicado em uma crônica de 1885, é também claramente social. O autor faz parte de um grupo maior de intelectuais, políticos e ativistas que critica e propõe acerca da realidade vigente, mas se diferencia deste grupo ao ironizar excessos e ridicularizar práticas abusivas dentro do mesmo projeto modernizante proposto por ele.

Escritor/personagem polêmico, e tido muitas vezes como ambíguo, Aluísio Azevedo aproveitou-se da organização escolar e da concepção verticalizada de construção social para divulgar suas idéias através de seus livros, fazendo da literatura uma prática política em seu tempo.

No entanto, não deixou de criticar essa mesma organização social e política através da caricaturização de personagens políticos e do povo, explicitação da falta de infraestrutura presente nas habitações populares, das práticas populares de cura e da suposta

¹⁹ CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. (org): 1998, pp.7 e 8.

²⁰ QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando: 1997, p. 42.

imoralidade presente neste meio. Além disso, embora adote o modelo naturalista, assume uma postura de hibridez em seus romances, afim de “acostumar” seu público.

Voltando ao tríptico naturalista - ciência, educação e moralidade- acreditamos que Azevedo utilizou-se da ironia para criticar a sociedade que consumia produtos importados e não viabilizava a produção nacional, apropriava-se de modelos que não se adequavam à realidade que a maioria não queria ver. A intenção do autor era “escancarar” essa realidade vigente que vetava a entrada do país entre as nações “civilizadas” européias.

Propomos uma análise que privilegie as referências às moradias populares e à institucionalização da medicina, acreditando que estas questões são perpassadas pelas de higiene e moral/educação, dentro de um projeto literário-político-social expresso e implícito na obras selecionadas. Embora dotados de marcas pessoais – que serão também consideradas – , estes textos constituem-se em um testemunho histórico e prática política em seu tempo.

Esta faceta da literatura foi abordada por vários estudiosos. Nicolau Sevcenko, ao utilizar as obras de Euclides da Cunha e Lima Barreto a fim de traçar um “quadro” dos anseios e frustrações da *intelligentzia* brasileira residente no Rio de Janeiro, caracteriza a literatura como espaço de dúvida, perplexidade e denúncia por parte dos “inconformados e socialmente mal ajustados”²¹. Segundo o autor, ao se trabalhar com a literatura como fonte para a história social:

“A exigência metodológica que se faz, contudo, para que não se regreda a posições reducionistas anteriores, é de que se preserve toda a riqueza estética e comunicativa do texto literário, cuidando igualmente para que a produção discursiva não perca o conjunto de significados condensados na sua dimensão social. Afinal, todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo - e é destes que eles falam”.²²

Pioneiro nesta perspectiva de estudos, o autor, no entanto não se preocupa em pensar os literatos em sua época, verificando suas redes de interlocução com a sociedade. Embora faça esta proposta, como podemos perceber no trecho acima, não a podemos notar efetivamente ao longo de seu texto. Ao propor uma “releitura e reinterpretação das obras”

²¹ SEVCENKO, Nicolau: 1985, p.20.

²² SEVCENKO, Nicolau: 1985, p.20.

Sevcenko limita-se a entender a formulação de projetos, pela intelectualidade, para a sociedade, como se dela não fizessem parte. O autor parece pensar os literatos como seres superiores e externos à sociedade, forma, aliás, como eles próprios se viam²³.

Pode-se também notar este fato na observação a seguir, em que Sevcenko descreve as frustrações de Euclides da Cunha e Lima Barreto frente aos primeiros anos da República:

“[...] A rigor, a República veio sepultar os planos e perspectivas de ambos, sufocando-os sob uma maré de descrédito, desconsideração, abandono e indiferença. Sua literatura foi sua reação, sua resposta. Através dela eles refizeram e reformaram o país, derruindo a <falsa República> sob a pontaria implacável das suas críticas”²⁴.

É certo que a consolidação da República não ocorreu segundo as perspectivas e aspirações de grande parte daqueles que por ela haviam lutado, vindo desta maneira a sepultar planos e instaurar grande descrédito. Certo é também que a reação veio através de violentos artigos e caricaturas através da mesma imprensa que até então defendia, com os mesmos mecanismos, a proclamação da República. Mas não passou disso.

Desiludidos de seus ofícios e dos salários de miséria, muitos escritores (entre eles, Aluísio Azevedo) entraram para o serviço diplomático, dentro da mesma estrutura que criticavam. Ninguém derruiu a <falsa República>, refez ou reformou o país. Muito se escreveu no intuito de chamar atenção para os problemas do país ou na tentativa de “civilizar” e “moralizar”, mas efetivamente, a República – falsa ou verdadeira – não foi <posta abaixo> como sugere o autor ao atribuir “super poderes” aos literatos.

A obra de Roberto Schwarz²⁵ representa um certo avanço neste sentido. Ao problematizar obras de Machado de Assis a fim de realizar um estudo das “idéias fora do lugar” a partir de uma perspectiva da especificidade do mecanismo social brasileiro em relação ao europeu, considera que diferentemente do que se pensa, a matéria do artista não é informe, mas historicamente formada, registrando por isso, de algum modo, o processo social a que deve sua existência.

O autor considera ainda que, ciente ou não deste processo, o escritor registra a gravitação cotidiana das idéias e perspectivas práticas frente à falência de significância das

²³ Ver: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda: 1994, pp. 1-27.

²⁴ SEVCENKO, Nicolau: 1985, p. 214.

²⁵ SCHWARZ, Roberto: 1992, p. 25.

formas fixas, o que, neste estudo, em específico, tem a ver com a busca de um ideal de nação associado ao progresso - que por sua vez era associado aos padrões europeus - frente a uma realidade vigente repleta de “signos do atraso”, e os meios empregados para extingui-los, expressos, por exemplo, no combate às habitações populares sob o argumento de higienização.

Pensar os intelectuais como agentes de sua época e sociedade – e não como “totalidade a-histórica” - é o que faz Leonardo Affonso de Miranda Pereira em *O Carnaval das Letras*. Em seu estudo sobre a representação do carnaval para os literatos, o autor propõe a utilização dos textos literários como intervenções políticas e culturais constitutivas de realidades específicas: “...a literatura era vista como campo privilegiado de construção do passado, do presente e, principalmente, do futuro”²⁶.

Além disso, Pereira utiliza-se da metáfora da família para traçar pontos de consenso e conflito entre os literatos, uma vez que para o autor a identidade também é construída na diferença: a partir da auto-atribuição de uma “missão pedagógica”, os intelectuais tinham em comum a convicção de que caberia a eles definir um projeto para a sociedade. Brigas e discussões eram acarretadas, em parte, pelas diversas definições sobre o caráter que esse projeto deveria assumir.

Pereira afirma, inclusive, que as discordâncias e conflitos, sejam por questões literárias, estéticas, desavenças pessoais ou políticas, eram mais visíveis e características que as experiências em comum. Devido a isto, eram comuns verdadeiras “digladiações” na arena pública dos jornais e revistas da época. Mas de diferentes maneiras e sob diferentes pontos de vista, os cronistas e ficcionistas sentiam-se unidos pela responsabilidade sobre os rumos da nação²⁷.

Em *A História Contada*, Sidney Chalhoub e Leonardo Affonso de Miranda Pereira se propõem a refletir sobre a literatura na perspectiva da história social, “desnudando o rei” e tratando-a como testemunho histórico dos conflitos de sua contemporaneidade²⁸. Para tanto, os autores consideram serem necessários certos cuidados: em primeiro lugar, “buscar a lógica social do texto”²⁹, ou seja, desvendar o que os autores testemunham sem ter tido a

²⁶ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda: 1994, p. 8.

²⁷ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda: 1994, p. 32.

²⁸ CHALHOUB, Sidney. e PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda: 1998, pp. 7-8.

²⁹ CHALHOUB, Sidney. e PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda: 1998, pp. 7-8.

intenção de fazê-lo, e em segundo lugar, ponderar as características específicas desta fonte (tipo de literatura, características, concepções do autor/escola de pensamento). Dessa forma, acreditam ser possível identificar “literatura e literatos como sujeitos e personagens das histórias que contam”³⁰.

As perspectivas deste trabalho abarcam as dos anteriormente citados. Nesta obra chama-se atenção para a superação do uso da literatura como arte em si e propõe-se sua criação dentro de um processo condicionado pelo meio social - estando ou não o escritor ciente deste “limite”, como afirmou Roberto Schwarz³¹. Ao mesmo tempo, leva-se em consideração as especificidades deste tipo de documento e encara-se os literatos não apenas como sujeitos, mas também como personagens de suas histórias, abarcando as perspectivas propostas no trabalho de Sevcenko³².

Considerando serem os “textos literários” uma expressão do meio social e prática em seu tempo, pretende-se, neste projeto, utilizar a metodologia empregada pelos autores supracitados ao trabalharem com história e literatura: considerar a última enquanto produção cultural social e geograficamente condicionada, constituindo-se, dessa forma, em expoente dos valores, temas, motivos e revoltas de sua sociedade.

Nesse sentido é ainda mais singular o trabalho com romances. Os romances empregar-se de temas cotidianos e da “gravitação das idéias”³³ ou seja, das perspectivas frente aos fatos dados. O Romance Naturalista é uma variação do Realista - que se caracteriza por uma representação que se quer objetiva, “quase fotográfica”,³⁴ da realidade - e apresenta uma visão de mundo mais mecanicista, determinista até, uma vez que somente admite princípios comprovados por leis e métodos cientificamente válidos.

O escritor naturalista, afinado com o estatuto de verdade científica adquirido pela ciência no período, procura assumir a postura do cientista, sendo objetivo e registrando a realidade sem idealizações³⁵.

Diferenciando-se da herança romântica, para a qual o indivíduo é a medida de todas as coisas, os escritores naturalistas acreditam que o homem nada mais é que uma

³⁰ CHALHOUB, Sidney. e PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda: 1998, pp. 7-8.

³¹ SCHWARZ, Roberto: 1992, p. 24.

³² SEVCENKO, Nicolau: 1985, p. 214.

³³ FARACO, Carlos Emílio. e MOURA, Francisco Marto: 1998, p. 161.

³⁴ FARACO, Carlos Emílio. e MOURA, Francisco Marto: 1998, p. 161.

³⁵ Ver: VENTURA, Roberto: 1991, pp. 1-71.

engrenagem no universo social³⁶. Não bastava mais, como para os românticos, definir-nos enquanto nação, era preciso perguntar-se sobre que nação seria essa. Estes “novos literatos” identificam-se, apesar das divergências internas ao grupo, como parceiros em uma odisséia que tinha por finalidade construir um novo modelo de sociedade e abalar os moldes da antiga, que não os servia mais³⁷.

Para Azavedo, por exemplo, este projeto de consolidação de uma identidade nacional passava pela constituição Tm (c)Tj 1 0 021 0 0 1 1867 T235.92 605.975(t)Tj 1 0 0 1 31

“(...)A ação principia no tempo da Independência e acabará segundo o autor, pelos meados do ano que vem, ou talvez do imediato; isto é, começa em 1820 e acaba em 1887. Aluísio conta que estes dois anos ainda não vividos lhe fornecerão uma cena política de que ele precisa para fecho do seu trabalho. Tenciona pintar cinco épocas distintas, durante as quais o Brasil vai se transformando até chegar ou a um completo desmoronamento político e social ou a uma completa regeneração de costumes impostos pela revolução”³⁹.

O ambicioso projeto não chegou a concretizar-se, embora o autor tenha trabalhado coletando informações e documentos para sua efetivação. Mas em algumas obras podemos perceber personagens e situações que comporiam a trama, que teria por fundo uma descrição, em perspectiva mais sistemática, dos motivos da degradação da sociedade imperial.

O projeto de Azevedo seria testemunho de uma certa idéia de Brasil. A história de duas famílias urbanas, uma representante do proletariado e outra da burguesia, seria dividida em romances independentes mas ligados pelo laço do sangue, cimentador do conjunto como um todo. A intenção era pôr em cena os determinismos hereditários, raciais, genéticos e fisiológicos que deveriam agir resultando numa nova sociedade, síntese do velho e do novo mundo.

Os personagens não seriam levados em conta individualmente, mas como um conjunto, o que também se deixa entrever pelos próprios títulos de algumas obras e nas dimensões humanas tomadas por estruturas físicas. Em obras nas quais é possível vislumbrar parte deste projeto, como em *O Cortiço*, *Casa de Pensão* e *O Homem*, estruturas físicas tomam vida, como acontece com a cidade, a venda, o cortiço, o sobrado, a pedreira ou a casa de pensão.

O título apontado pelo autor para a coletânea também merece especial atenção. “Brasileiros antigos e modernos” é uma clara alusão ao projeto do autor para o país. A crítica à sociedade imperial e o apontamento dos motivos de sua ruína são parte do processo de “convencimento” da sociedade em suposta <degenerescência>. Se tomarmos o sentido estrito do termo⁴⁰ teremos a real idéia das concepções “científicas” de sociedade

³⁹ AZEVEDO, Aluisio: 1885.

⁴⁰ degenerescência: alteração dos caracteres dum corpo organizado. FERREIRA, Aurélio B. de Holanda: 1989, p. 153.

àquela época: um corpo organizado, onde cada membro desempenha uma função para o bom funcionamento geral.

O uso dos termos “antigos” e “modernos” também é revelador do imaginário nacional em gestação: a associação da cidade antiga com o atraso e a ruína do império e da escravidão a serem substituídos pela modernidade da República reformada física e moralmente, ou seja, civilizada. Este pensamento nortearia as empreitadas de desmantelamento do “velho” em todas as suas expressões – e principalmente no que tangia à higiene e habitação popular – e estabelecimento do “novo”. “Novo” este que apontava para os usos, costumes e imagens da Europa.

Preocupados, sobretudo, com sua própria época - captando conflitos, problemas concretos e priorizando dramas cotidianos -, os escritores naturalistas retratam predominantemente os espaços urbanos, e a literatura é por eles considerada instrumento de denúncia e combate - a chamada “arte engajada”, em oposição à “arte pela arte”.⁴¹

Estas últimas características justificam, uma vez mais, a escolha do tema e metodologia deste trabalho, com o qual pretende-se uma análise da literatura enquanto prática social e cultural de um meio marcado pela busca de um ideal de nação nos moldes de pensamento europeus, como podemos perceber neste trecho de *Casa de Pensão*:

“O Lam04 459.33 Tm (s)T2 599.93 Tm (a)Tj 1 0 0 1 219.12 580.05 Tm (r)Tj39.79 Tm (a)Tj

práticas de seus contemporâneos, como podemos perceber em vários trechos das obras e na própria opção do enredo de *Casa de Pensão*.

É importante ressaltar que antes de tornar-se livro, em 1884, *Casa de Pensão* foi inicialmente publicado em folhetins no jornal carioca *Folha Nova*, durante o ano de 1883. No prefácio desta edição o autor afirmava pretender com aquele trabalho estudar uma das mais *características e antipáticas faces de sua sociedade*: a vida em casas de pensão⁴³, revelando assim sua posição frente ao problema da moradia versus higiene e moral na cidade do Rio de Janeiro.

Ligado a estes tema e perpassando vários romances está o “arrivismo social”, que diretamente ligado à moral, era apontado pelo autor como uma das causas de incivilidade da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil como um todo. Em uma crônica de 1892 o autor escreve sobre alguns dos motivos desta suposta “incivilidade”, atribuindo-a a uma inversão na camada social em relação aos países europeus, o que devia-se, sobretudo, ao arrivismo de portugueses residentes no país:

“Meu Deus! como o Rio de Janeiro ainda está longe de ser uma cidade artística e principalmente um centro literário. [...] Pois bem: para se calcular com justiça do nosso estado civilização e cultivo intelectual, basta lembrarmos de que aqui a escala social acha-se rigorosamente invertida. Aqui, a primeira camada é feita pela classe comercial, e a última pelos homens de espírito. [...] Não! Definitivamente o Brasil poderá ser um país civilizado enquanto a grande revolução, a verdadeira, a única, não o tomar pelas duas extremidades e sacudi-lo violentamente, até deslocar tôdas as camada sociais e obrigá-las a tomar o lugar que lhes compete. Antes disso, não passará esta terra de um grande pôrto comercial, onde os estrangeiros aventureiros vêm procurar fortuna rápida”⁴⁴.

Dentro desta perspectiva, a escrita de obras como *O Cortiço* e *Casa de Pensão*, que inicialmente poderia parecer um elogio ou solidariedade ao pobre urbano, constitui-se, na verdade, em uma tentativa de evidenciar, para além das aparentes reformas, estas constituições físicas da cidade e tudo o que elas supostamente cristalizavam – imoralidade, arrivismo, enfim, atraso e incivilidade – no intuito de mostrar a seus concidadãos que, para além das aspirações e modelos europeus, havia uma realidade palpável a ser primeiramente resolvida.

⁴³ AZEVEDO, Aluísio: *1884*, p. 14.

⁴⁴ AZEVEDO, Aluísio: 1954, pp.65 e 69.

O caminho apontado pelo autor era o uso da ciência e seus métodos em todos os campos do cotidiano, inclusive na literatura. A assimilação das idéias higienistas pela intelectualidade do período e a influência do saber técnico sobre a cidade podem ser observadas em uma tese sobre as medidas a serem tomadas para impedir a propagação da febre amarela no Rio de Janeiro, da autoria de Barata Ribeiro, respeitado médico higienista do Império.

A primeira providência a ser tomada, segundo ele, era a demolição das “latrinas sociais” a que o povo apelidou cortiço: “Só vemos um conselho a dar (...): a demolição de todos eles, de modo que não fique nenhum para atestar aos vindouros e ao estrangeiro, onde existiam as nossas sentinas sociais...”⁴⁵

Também Azevedo, anos mais tarde, escrevendo de Vigo ao amigo Florentino de Andrade sobre as reformas que a cidade do Rio de Janeiro sofreria e das quais havia recebido notícias por cartas de amigos e pelos jornais, descreve-nos como já havia sonhado algumas demolições e reconstruções para aquela cidade:

“Será com efeito possível que o Rio de Janeiro perca o seu velho estilo colonial português e dê em capital sadia e limpa, com avenidas arborizadas e casas com estilo? O’ Florindo, isso não será broma? como cá se diz. E a graça é que não leio tais notícias sem pensar logo no Bilac, porque aí, quando andávamos juntos por essas ruas cor de tujuco e cheiro de vasilhame sujo, levávamos a reconstruir platônicamente tôda a cidade, arrasando quarteirões, furando bairros, abrindo praças e até dando reviravoltas nas casas como se fôssem brinquedos”⁴⁶.

No trecho acima fica mais clara a crítica de Azevedo ao Rio insalubre e doente eternizado em suas obras. A crítica à arquitetura e planejamento da cidade – ou à falta dele – e ao próprio cheiro das ruas, revela o desgosto do autor em ver seu projeto não realizado. Sua descrença e desânimo ficam claros na dúvida de que a cidade pudesse se tornar sadia e limpa, arborizada e dotada de estilo.

O autor finaliza esta carta afirmando também que escreveria a Bilac a esse respeito por o considerar “... o que mais tinha contribuído moralmente para a grande revolução estética do Rio”⁴⁷. Mais uma vez Azevedo deixa clara a ligação existente, para ele, entre as

⁴⁵ RIBEIRO, Candido Barata. *Apud*. CHALHOUB, Sidney: 1996, p. 51.

⁴⁶ AZEVEDO, Aluísio: 1954, p. 187.

⁴⁷ AZEVEDO, Aluísio: 1954, p. 187.

mudanças físicas e morais da cidade, sem as quais seria inviável a inserção do país entre os mais civilizados.

Entre os diversos problemas de saúde pública enfrentados pela Junta de Higiene no período, havia a questão das práticas ilegais de medicina, materializado no confronto entre a medicina popular e a constituição do saber médico qualificado. A questão representava ameaça não só para a medicina científica, já bastante desacreditada⁴⁸, mas constituía-se em empecilho às autoridades higiênicas, que tinham limitado o alcance de suas prescrições⁴⁹.

Luíz Otávio Ferreira⁵⁰ sugere que este processo de medicalização não foi pacífico e os médicos, frente à descrença ou indiferença da população com relação à sua autoridade, viram-se forçados a abrir-se a outras concepções de doença e cura, sobretudo as práticas populares européias. E os periódicos, que a princípio serviram para diferenciar o saber científico das práticas correntes, acabou tornando-se instrumento de popularização da medicina oficial.

O papel da imprensa na discussão sobre as questões relativas à medicina é variável: se em alguns momentos os jornais empenhavam-se em combater tudo que era considerado “charlatanismo”⁵¹, em outros faziam duras críticas aos doutores, ironizando os erros e abusos cometidos por eles.

Também com relação à questão médica o posicionamento de Azevedo parece, à primeira vista, contraditório: embora apóie os métodos científicos também critica os médicos que se valem do título para tratar os pacientes como cobaias e, em vários momentos, ironiza procedimentos de método e eficácia duvidosos.

A este respeito são significativos os casos de histeria tratados em *O Mulato*, *Casa de Pensão* e *O Homem*. O tema que aparece de forma subsidiária nas duas primeiras obras passa a ser assunto central na terceira. Neste último romance, Doutor Lobão, descrito como homem rude e grosseiro que gabava-se do posto de primeiro cirurgião do Brasil e do título

⁴⁸ Robert Darnton sugere que a ciência, em seus primórdios, tinha o mesmo impacto de experimentos e atividades não-científicas, daí a desconfiança dos pacientes em relação aos médicos e sua opção pelos curandeiros, uma vez que estes já haviam obtido uma legitimação simbólica da qual os primeiros prescindiam. *Apud.* SAMPAIO, Gabriela dos Reis: 2001, pp.150-151.

⁴⁹ SAMPAIO, Gabriela dos Reis: 2001, pp. 111-138.

⁵⁰ FERREIRA, Luiz Otávio. *In.*: CHALHOUB, Sidney. (et. al.) :2003, pp. 111-115.

⁵¹ SAMPAIO, Gabriela dos Reis: 2001, p. 29. Segundo a autora o charlatanismo era caracterizado como qualquer prática não-oficial de cura.

se aproveitava para cobrar valores despropositais pelas consultas, vive dividido entre as teorias e práticas antigas e modernas:

“ [...] - A histeria pode ter causas várias, nem sempre é produzida pela abstinência. Convenho mesmo com alguns *médicos modernos* em que ela nada mais seja que uma nevrose do encéfalo e não estabeleça a sua sede nos órgãos genitais, como queriam *os antigos*...”⁵²

“[...] No fim de longas horas de esforço, o Dr. Lobão, já desesperado, teve, a contragosto, de aceitar o conselho de um seu colega *ainda moço e de idéias modernas* – a compressão do ovário.”⁵³

A presença de oposições verbais como “modernos” e “antigos”, ou mesmo a caracterização do médico “ainda moço e de idéias modernas” é esclarecedora quanto a preocupação sobre os métodos científicos e, em especial, a “questão médica”⁵⁴ na obra de Azevedo. O tom crítico e irônico que norteia a descrição das práticas de Dr. Lobão ao longo do romance revela o posicionamento crítico e a ponderação do autor com relação às práticas de cura, sejam elas populares ou acadêmicas, antigas ou modernas.

Os casos de histeria tratados nas obras contém uma nítida crítica à educação excessivamente romântica dispensada às mulheres das camadas sociais mais abastadas, sendo esta a causa de muitos problemas fisiológicos, como o nervosismo e a própria histeria. O autor chega a sugerir o trabalho braçal como cura destes males, ao opor as diferenças entre as moças da alta sociedade e as lavadeiras, por exemplo.

No conjunto das narrativas este último aspecto sugere a noção de moderação, muito utilizado pelo discurso médico da época, segundo Queiroz⁵⁵. De acordo com estes preceitos, o equilíbrio era essencial para manutenção da saúde física e moral, sendo seu desvio a causa da perda da inserção social e conseqüente morte, real ou imaginária.

Longe de estabelecer um consenso, os médicos, muitas vezes, também estiveram em um processo conflituoso de “construção dos saberes”⁵⁶, segundo nos informa Marta de

⁵² AZEVEDO, Aluísio: 1957, p. 59 (grifos meus)

⁵³ AZEVEDO, Aluísio: 1957, p. 83 (grifos meus)

⁵⁴ Segundo Betânia Gonçalves Figueiredo a modernização das “artes da cura” incorporou de modo tenso e conflitivo o velho e o novo, sem abolir a multiplicidade. Não é possível dissociar totalmente médicos e práticos, moderno e tradicional, cultura erudita e popular. Há uma interação da diversidade no século XIX. FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves: 2002, pp. 10, 234.

⁵⁵ QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando: 1997, p. 142.

⁵⁶ ALMEIDA, Marta de: 2003, p. 125.

Almeida. Homeopatas, alopatas, contagionistas, infeccionistas e defensores da medicina fisiológica travavam verdadeiras lutas em torno dos diagnósticos, causas e tratamentos das doenças.

A necessidade de popularização da medicina aliada aos preceitos higiênicos, fez com que predominassem nos periódicos a crítica aos costumes populares, tidos como extremamente danosos à saúde. Essa incursão médica pelo universo cotidiano era balizada pela suposta “...inadequação entre os hábitos populares de se vestir e alimentar e as características ambientais da cidade do Rio de Janeiro, cidade tropical dominada pelo clima quente e úmido”⁵⁷.

Em fins do século XIX, na cidade do Rio de Janeiro, a literatura desempenhou uma função social: como afirmou José Murilo de Carvalho⁵⁸, na impossibilidade de lidar com as “repúblicas dos cortiços” e tudo que lhes era inerente, a República procurou destruí-las, e a literatura podia ser usada tanto para legitimar as arbitrariedades governamentais quanto para contestá-las, justificando, uma vez mais, a aparente ambigüidade presente nos textos de Azevedo.

Aluísio Azevedo, como escritor naturalista, intelectual engajado e pensador da nacionalidade brasileira que foi, propôs-se a revelar, a desnudar mesmo os aspectos cotidianos, os problemas concretos mais conflitantes com o ideal de nação que se desejava construir, como forma de denúncia dos empecilhos - associados à monarquia e escravidão - que impediam o ingresso do país entre as nações “civilizadas”.

Nascido em um momento em que a então “Atenas Brasileira” – São Luís do Maranhão – entrava em decadência, filho de comerciantes portugueses em uma sociedade marcada por um forte sentimento anti-português, Azevedo pôde presenciar, durante sua infância e adolescência, a ruína do campo, a permanência da escravidão e o fracasso da imigração européia em sua cidade natal.

O Maranhão forneceu-lhe os primeiros contatos com as idéias positivistas e republicanas e a oportunidade de avaliar os excessos da escravidão. O Rio de Janeiro, em plena “revolução intelectual” quando da chegada de Aluísio Azevedo em 1876, ofereceu-lhe oportunidade de aprofundar seus conhecimentos de filosofia positivista e fortaleceu

⁵⁷ FERREIRA, Luiz Otávio: 2003, p. 115.

⁵⁸ CARVALHO, José Murilo de: 1987, p. 39

seus ideais republicanos e abolicionistas, engajando-se entre os literatos que propunham uma nova identidade para o país:

Questionando as instituições e as práticas do período por meio de suas obras, Aluísio Azevedo utiliza-se da escrita para criticar e propor um projeto literário e social. Não desconhecendo, e, ao contrário, considerando as especificidades do romance enquanto gênero literário, estas obras serão encaradas, neste trabalho, sob a ótica da história social, como “testemunhos históricos”.

1.2- A cidade na literatura: o Rio de Janeiro e a situação habitacional do pobre urbano em fins do século XIX.

Como maior cidade do Império, sede da Corte, o Rio de Janeiro era porta de entrada às novas idéias e problemas trazidos pela emergência da modernidade. Assim, foi a primeira cidade a se defrontar no espelho em crise de identidade, sofrendo com um impulso urbano tardio frente a outros países da América Latina, como por exemplo Buenos Aires. Sendo a identidade uma construção simbólica, o olho não vê coisas, mas imagens de coisas que significam outras coisas, segundo diria Calvino⁵⁹. O que significa dizer que a imagem refletida no espelho é criada/recriada conforme a subjetividade do interlocutor.

A crise de identidade vivenciada na maior cidade brasileira, o Rio de Janeiro, revela alguns efeitos das condições latino-americanas que, segundo Pesavento, acentuam o lado perverso do processo de acumulação capitalista⁶⁰. A herança escravagista associada à persistência de uma estrutura política patriarcal e oligárquica impediam a construção da identidade urbana do Rio de Janeiro. À cidade desejada – uma urbe higiênica, bonita e ordenada – opunha-se a cidade real.

As inversões entre a cidade real e ideal, completam-se, segundo a autora, em um processo de negação da identidade colonial. As oposições entre progresso e tradição traduzem-se na associação da cidade colonial ao popular e às manifestações da cultura do povo. Suas práticas sociais, música, dança, hábitos, bem como os espaços por eles

⁵⁹ CALVINO, Ítalo: 1990.

⁶⁰ PESAVENTO, Sandra Jatahy: 2002. p. 169.

frequêntados (botequins, quiosques) ou onde moravam (pensões e cortiços) passam a ser condenados. Cria-se uma operação de “limpeza” da memória social, em uma tentativa de varrer tudo que evocasse o popular/antigo a ser superado⁶¹.

A identidade desejada pela elite financeira e intelectual, da qual a representação da cidade ideal, metonimizada no Rio de Janeiro, é uma faceta, aponta para a Europa. Paris passa a constituir-se no emblema de metrópole e modernidade. No jogo de representações entre “nós e os outros” o modelo parisiense é o outro desejado pelas elites brasileiras. Sobretudo para um grupo especial de “leitores da cidade” – escritores, poetas, fotógrafos – a cidade do Rio de Janeiro passa a constituir-se em microcosmo da modernidade e macrocosmo social, suscitando ações de intervenção urbana semelhantes as do prefeito Haussman, que revolucionou a capital francesa⁶².

De maneira especial nas últimas duas décadas os centros urbanos tornaram-se tema de vários pensadores das mais variadas áreas. No âmbito da literatura, sobretudo a partir do realismo, os problemas das grandes aglomerações urbanas começaram a aparecer na narrativa ficcional. A cidade passa a figurar não mais como espaço geográfico, mas como símbolo da existência humana.

Para os intelectuais, literatos e políticos da época, o Rio de Janeiro não representava a cidade almejada. Da mesma forma, médicos, comerciantes e toda a classe dominante não se via neste espelho. A cidade não mais refletia sua imagem e passava a constituir-se em empecilho aos seus novos interesses tanto pela falta de estrutura quanto pela ameaça das epidemias. A capital do país era também a dos miasmas⁶³, infecções e doenças, com grande concentração de negros e pobres circulando por vielas estreitas e escuras, pelas quais nem o ar circulava ileso dos esbarrões com estes “em mangas de camisa e descalço”⁶⁴.

Sob influência das descobertas biológicas ocorridas a partir do século XVII, agora ampliadas e melhor divulgadas, sobretudo pelo movimento iluminista do século XVIII, o último quartel do século XIX assistiu à ampliação do uso de analogias entre a cidade e os organismos vivos. Termos como *sistemas de circulação*, para designar ruas, e *funções* para

⁶¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy: 2002, p. 169.

⁶² Sobre este assunto ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy: 2002, pp. 7-25.

⁶³ Em uma tese de 1853, existe a seguinte definição para <miasmas>: “corpúsculos extremamente pequenos que, absorvidos e misturados ao sangue, vão produzir os seus nocivos efeitos (...), partículas orgânicas especiais, miasmas, que dissolvidos nos vapores aquosos são por sem dúvida os que tão poderosamente nos intoxicam”. GOMES, Carlos Thomas Magalhães. *Apud*. MACHADO, Roberto:1978, p. 275.

⁶⁴ PECHMAN, Robert Moses: 1992, p.30.

referir-se a atividades básicas da cidade passaram a ser comuns. A cidade começou a ser vista como um organismo cujo bom desempenho dependeria do funcionamento das diferentes partes constitutivas.

As descobertas de Willian Harvey sobre o sistema sangüíneo difundidas a partir de 1628 deram início a uma revolução científica que alterou toda compreensão sobre o cor

dos pobres do centro da cidade e a demolição de suas antigas residências, suscitava a necessidade de transportes que os servissem, que por sua vez reclamavam um adequado sistema viário, para escoamento de mão-de-obra e mercadoria.

Partícipe destas crenças e descobertas “científicas”, Aluísio Azevedo, utiliza-se também da metáfora da organização e funcionamento do corpo para justificar suas crenças políticas e sociais. Após utilizar-se da descrição da infância de Amâncio (*Casa de Pensão*) e dos preconceitos sofridos pelo mulato Raimundo (*O Mulato*) para desferir suas críticas à sociedade provinciana de São Luís do Maranhão – metonímia da sociedade patriarcal, baseada no mando e no favor que deveria ceder lugar à República –, Aluísio Azevedo centra sua análise na sociedade carioca.

Promovendo uma caricatura do advogado responsável pelo “caso Capistrano”, representado no romance *Casa de Pensão* pelo advogado Teles de Moura, Azevedo nos oferece um panorama de alguns problemas morais que deveriam ser resolvidos para que o país se enquadrasse no perfil das nações civilizadas. O autor também nos oferece algumas pistas das evoluções científicas no que dizia respeito à anatomia:

“O Teles era um advogado velho, muito respeitado no foro; não pelo caráter, que o não mostrava nunca, nem pela sua ciência, que a não tinha; nem tampouco pelos seus cabelos brancos, que a estes nem ele próprio respeitava, invertendo-lhes a cor; mas sim pela sua proverbial sagacidade, pelas suas manhas de chicanista, pela sua terrível figura de raposa velha, pelos seus olhinhos irrequietos e matreiros, pelo seu nariz à bico de pássaro, pela sua boca sem lábios, donde a palavra saía seca, e penetrante como uma bala. [...] O passado do Teles era toda uma legenda de vitórias judiciais; atribuíam-lhe anedotas mais antigas do que ele; muito processo se anulou naquelas unhas de tamanduá; muito criminoso escapou às penas da lei por entre as malhas da sua astúcia; muito inocente foi parar à cadeia ensarilhado nas pontas de seus sofismas”⁶⁹.

A descrição excessivamente depreciativa do advogado, comparando suas maneiras e formas às de animais, sugere um questionamento da própria civilidade e humanidade da justiça brasileira, personificada no personagem. O autor parece sugerir que, assim como em outros aspectos do cotidiano, ainda falta ao país ser “domesticado”, por assim dizer. Falta

⁶⁹ AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 226.

ao país a civilização encontrada além do atlântico em detrimento do estado “animal”, “selvagem” em que ainda nos encontramos em relação àquelas nações.

O fato de o autor referir-se à anulação de processo, prisão de inocentes e liberação de criminosos também sugere a permanência de estruturas coloniais que se pretendia “varrer” da história do novo país a ser construído. Mais uma vez Azevedo salienta a prevalência de favores e clientelismo em setores da sociedade que deveriam ser isentos: é a supremacia do dinheiro e do mando sobre a igualdade e a justiça⁷⁰.

A riqueza de detalhes e a mistura de sensações são marcas do realismo/naturalismo e da busca por conferir legitimidade científica ao texto, apesar das muitas recorrências a expressões populares, tais como *raposa velha*, *olhinhos irrequietos*, *boca sem lábios*, *unhas de tamanduá*, *palavra seca e penetrante como uma bala*.

A menção ao *nariz à bico de pássaro* é também muito rica. Note-se que na mesma época Machado de Assis em “O segredo do Bonzo”⁷¹ fazia uma discussão acerca de “narizes” que escamoteava uma discussão mais ampla sobre crença e medicina, e o caráter experimental que esta última assumia no período em questão, fazendo com que os pacientes constituíssem-se em verdadeiras cobaias⁷².

Sidney Chalhoub, em “Para que servem os narizes?”⁷³, faz uma discussão a respeito deste conto, que é extremamente revelador da fé que os homens devotavam à ciência em fins do século XIX. O conto trata de uma pequena cidade na qual os moradores vinham sofrendo de uma doença que lhes deformava os narizes.

Diante da situação, um médico, estudando o assunto, percebeu que a opção era arrancar os mesmos, sem que houvesse prejuízos para os pacientes. Mas estes não queriam se prestar à cirurgia, “preferindo o excesso à lacuna”⁷⁴. O *doutor* resolve então convocar todos os intelectuais da cidade em uma assembléia na qual demonstrou sua descoberta sobre a substituição dos narizes afetados por narizes de natureza metafísica, inacessíveis aos olhos humanos mas de igual eficácia.

⁷⁰ A ocorrência destes temas coincide com os apontamentos de Marlise Meyer. A autora, ao caracterizar o romance-folhetim entre 1871-1914, afirma que os temas mais comuns são: loucura, mães e filhos, críticas ao casamento, adultério, dinheiro, criminalidade. MEYER, Marlise:1996, pp. 241-273.

⁷¹ ASSIS, Machado de: 1997, pp. 27-34.

⁷² A esse respeito ver também: SAMPAIO, Gabriela dos Reis: 2001, pp. 17-62.

⁷³ CHALHOUB, Sidney. et al. (org): 2003, pp. 19-55.

⁷⁴ ASSIS, Machado de: 1997, p. 33.

O autor, neste ponto, brinca com a propriedade dos intelectuais: afirma a incredulidade de alguns, a dúvida de outros e a adesão final de todos que, frente às descobertas do médico, não queriam *ficar para traz*. E, de cima de todo seu *conhecimento*, puseram-se a dissertar sobre a verossimilhança da descoberta de Diogo Meireles.

Com o aval de físicos, filósofos, bonzos e autoridades, o povo passou a procurar fervorosamente pela cirurgia: “Diogo Meireles desnarigava-os com muitíssima arte, depois estendia delicadamente os dedos a uma caixa, onde fingia ter os narizes substitutos, colhia um e aplicava-o ao lugar vazio”⁷⁵. Não vendo nada no lugar operado, os doentes no entanto, crentes na *cientificidade* e *razão* da medicina que atestava a natureza metafísica do nariz, não ousavam questionar sobre a eficácia da operação e seguiam seus ofícios:

“Nenhuma outra prova quero da eficácia da doutrina e do fruto dessa experiência, senão o fato de que todos os desnarigados de Diogo Meireles continuaram a prover-se dos mesmos lenços de assoar. O que tudo deixo relatado para a glória do bonzo e o benefício do mundo”⁷⁶.

Embora extremamente irônico, Machado de Assis nos revela uma faceta da sociedade brasileira de fins do século XIX que é também abordada, através da descrição do advogado Teles, por Aluísio Azevedo: o questionamento da legitimidade das ciências e a adesão acrítica a seus postulados. Pelo menos quanto à medicina o aspecto da experimentação era verdadeiro, muito embora esta fosse realizada, quase sempre, nos próprios pacientes, para “prejuízo” de alguns⁷⁷. Além disso, o caráter modista da adesão aos postulados médicos também é ironizado pelo autor.

A frase final é, possivelmente, uma referência à pretensão daqueles médicos ao produzir seus compêndios – como aqueles referidos na obra *Casa de Pensão*, dos quais o estudante Amâncio tinha pavor – para a posteridade, o bem da medicina e *do mundo*, e a *glória do bonzo*. A utilização do termo *bonzo* também é rica. Esta palavra tanto pode significar o nome dado a sacerdotes budistas quanto pode sugerir uma conotação de esperteza e “picaretagem”.

⁷⁵ ASSIS, Machado de: 1997, p. 34.

⁷⁶ ASSIS, Machado de: 1997, p. 34

⁷⁷ Outra abordagem sobre o caráter experimental da medicina e a resistência dos pacientes pode ser também encontrada na discussão de José Murilo de Carvalho sobre a revolta da vacina em *Os Bestializados* (1987).

Assim sendo, o trecho sugere não só uma crítica às formas religiosas, que contribuíam para a fixação de crenças “metafísicas” na mente das pessoas, mas também uma crítica ao próprio caráter experimental assumido pela medicina e apoiado por alguns setores interessados, como a própria Igreja. Embora ciência e religião fossem – e ainda sejam – campos controversos, quando necessário os representantes de ambos os lados se uniam a fim de persuadir a população.

Através da abordagem de temas relativos à justiça, ensino e religião Aluísio Azevedo questiona costumes e instituições do Império. Instituições e costumes que deveriam desaparecer juntamente com o imperador, como o autor chegou a declarar. Azevedo discute o papel destas instituições na sociedade carioca, caracterizando-as como reveladoras da ignorância dissimulada pela retórica vazia dos bacharéis.⁷⁸

Longe de contribuírem para o progresso do Brasil, os bacharéis e doutores – a serviço do dinheiro e do poder – seriam uma das causas do atraso cultural do país. O alvo das críticas mais contundente, no entanto, ainda não havia sido atingido: as habitações coletivas.

Mérian qualifica o romance *Casa de Pensão* de “estudo fotográfico, em um dado momento, de uma casa de pensão”⁷⁹. Tendo em conta as observações de Marcelo Balaban⁸⁰ sobre a literatura ser encarada como instantâneos do Rio de Janeiro antigo, como fotografias, da realidade, e a leitura da obra de Azevedo, acredito ser viável esta interpretação de Mérian.

A obra naturalista se propõe a retratar – embora nunca de forma isenta, mas historicamente formada – detalhadamente os ambientes e personagens, levando-nos a uma percepção imagética, quase palpável. Esta é também a proposta de Balaban.

Ao propor as crônicas de Bastos Tigre como Instantâneos, tendo em vista que uma fotografia não deixa de ter sua intencionalidade, mas, ao mesmo tempo, dificilmente não revelará algo que não estava previsto nesta intenção (seja através dos aspectos físicos ou mesmo morais – expressos, neste caso, através dos meios físicos). Desta maneira, acreditamos que a proposta de Balaban não é oposta, mas complementar ao trabalho aqui

⁷⁸ MERIAN, Jean-Yves: 1988, p.539.

⁷⁹ MERIAN, Jean-Yves: 1988, p. 537.

⁸⁰ BALABAN, Marcelo: 2003, pp. 7-47.

proposto, uma vez que permitirá uma análise de trechos muito fortes, imagetivamente, da obra de Azevedo.

Aluísio Azevedo descreve em minúcias, por exemplo, as circunstâncias em que uma casa de família se transformava em pensão, e a evolução desta pensão de seu apogeu à sua decadência até chegar ao degradante estado de casa de cômodos. Aproveitando a oportunidade para criticar o casamento – e a Igreja – o autor ressalta o casamento arranjado, por conveniência, entre Coqueiro e Madame Brizard e o surgimento da casa de pensão:

“Meteram mãos à obra. Coqueiro deixou o emprego, contratou um empreiteiro para restaurar o seu velho prédio da Rua do Resende, e a casa de pensão de Mme. Brizard (...) surgiu ameaçadora, escancarando para a população do Rio de Janeiro a sua boca de monstro.”⁸¹.

Este é um dos muitos exemplos da imagetividade conferida por Azevedo a seus textos. Neste caso, esta característica deve-se ao uso de palavras fortes, como “monstro” e “ameaçadora”. A palavra “monstro”, por exemplo, é extremamente rica, podendo significar “ser ou coisa de constituição imperfeita, aberração, deformidade”⁸². Associada à “ameaçadora”, a palavra “monstro”, no trecho, nos fornece um quadro revelador sobre a imagem acerca das habitações populares.

A percepção destas habitações como uma ameaça refere-se não apenas à ameaça real através do contágio pelas doenças (ampliada pela estreitamento dos laços e promiscuidade supostamente presentes nestes ambientes), mas também o desvio moral das crianças que cresciam neste meio, além da própria ameaça aos planos higienizadores e moralizantes dos políticos e intelectuais.

A menção ao caráter de imperfeição, aberração e deformidade parecem ter mesmo o intuito de chocar, a fim de conquistar novos adeptos e justificar as constantes demolições das moradias identificadas como insalubres ou que encontravam-se no curso do progresso (localizadas em regiões nobres e áreas comerciais). Por fim, o uso da palavra “monstro” também sugere o desconhecido, e que, por isto, causa medo e espanto.

A cena em questão, refere-se, contudo, ao tempo em que a casa de pensão era limpa, recém reformada, e contava entre os hóspedes com deputados de províncias que

⁸¹ AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 69.

⁸² HOUAISS, Antônio. (et. al.): 2004, p. 504.

faziam política ali mesmo na sala da casa, após o jantar e de chinelas, como ressalta Azevedo. No entanto, com o passar do tempo, a casa vai perdendo hóspedes, sobretudo após à doença de Amâncio, que fez com que muitos se mudassem, receosos de serem contaminados pela varíola.

Além das doenças, as brigas entre casais, a loucura de Nini, a presença e morte de um tísico.... todos estes fatores sugerem a lenta deterioração pelas quais passou a casa de pensão, inclusive no que dizia respeito à posição social das pessoas aí residentes.

Em situação semelhante, Azevedo descreve o cortiço de São Romão após a sua reforma, ressaltando a mudança de alguns moradores, mais pobres, para um outro local, mais barato, o Cabeça de Gato. O novo cortiço é desdenhado pelo autor:

“(...) como se todo o seu ideal fosse conservar inalterável para sempre o verdadeiro tipo de estalagem fluminense, a legítima, a legendária; aquela em que há um samba e um rolo por noite; aquela em que se matam homens sem a polícia descobrir os assassinos; viveiro de larvas sensuais em que irmãos dormem misturados com irmãs na mesma lama; paraíso de vermes; brejo de lodo quente e fumegante, donde brota a vida brutalmente, como de uma podridão”⁸³.

Novamente o uso de palavras fortes e imageticamente ricas, ligadas à zoomorfização dos personagens, reforça o tom crítico do autor ao imortalizar na tentativa de extirpar esta parcela da paisagem carioca conflitante com o ideal positivo, que apontava para o cientificamente comprovado, para o novo, para a eugenia e pureza de sangue. Frente ao ideal da cidade limpa e saudável havia o Rio sujo e doente.

Testemunho semelhante sobre a insalubridade dos cortiços e o perigo social por eles representado, foi-nos deixado por Arthur Sauer, dono da Companhia de Saneamento do Rio de Janeiro, ao justificar seu investimento na demolição e construção de novas casas:

“Os cortiços e estalagens da Corte, infeccionados como se acham por suas péssimas condições sanitárias são os focos principais donde surgem as epidemias e nascem afecções mórbidas em ameaça constante aos moradores próximos, razão pela qual foram condenados e é reconhecida a imprescindível necessidade de, quanto antes, serem tais habitações substituídas por outras, construídas segundo as regras higiênicas e de aluguel

⁸³ AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 171.

muito módico para residência de proletários, operários e empregados subalternos”⁸⁴.

A degradação das casas de pensão e cortiços do centro do Rio de Janeiro em fins do século XIX era comum. Como podemos perceber nas citações, as casas eram divididas em cômodos e, se necessário, subdivididas, tornando a salubridade proporcional ao tamanho dos cômodos. E quando alguns poucos cortiços conseguiam transformar-se em estalagens, vendo melhorados suas instalações e hóspedes, logo surgiam outros cortiços para abrigar os que desertavam por não pagar os aluguéis.

Desde 1870, aproximadamente, o tema da remodelação da cidade do Rio de Janeiro vinha à baila trazendo questões como o saneamento não só do espaço físico, mas do comportamento e dos costumes. Mas no que dizia respeito à arquitetura, era preciso reformar o Rio através de um projeto que se pautasse no papel civilizatório da cidade, reduzindo tudo que dissesse respeito ao tradicional e emoldurando uma nova imagem urbana.

O combate às habitações coletivas, identificadas como focos miasmáticos, iniciou-se durante o Império e envolveu muitos interesses, que iam além dos limites do higienismo⁸⁵. A própria polícia apoiava as incursões, muitas vezes violentas, a esse tipo de moradia fluminense: a ela preocupava a explosividade potencial de um centro denso e as dificuldades de controle no caso de conflitos, dada a estreiteza do plano viário⁸⁶.

Com as reformas urbanas pelas quais passou a cidade do Rio de Janeiro, foi necessária a demolição de inúmeros prédios, forçando a saída de seus habitantes que muitas vezes tinham apenas 48 horas para deixar suas casas. Não tendo para onde se deslocar, esta população foi-se aglomerando no centro e tornando ainda mais perigosa sua estadia. O deslocamento para os subúrbios só acontecia quando os recursos financeiros permitiam.

A princípio os subúrbios só eram acessíveis a alguns segmentos da “classe média”, composta por funcionários públicos, militares, empregados ou trabalhadores especializados. Para o grande contingente de trabalhadores que vivia de ofícios artesanais, do comércio e

⁸⁴ Arthur Sauer. *Apud*. CHALHOUB, Sidney: 1999, p. 53.

⁸⁵ Nilson do Rosário Costa (1987, pp.5-25), após apresentar um panorama da evolução científica européia a partir do século XIX, defende que a medicina tinha como controlar doenças por outros meios que não as demolições. Se isto ocorre, é no intuito de legitimar ideologicamente a expulsão dos pobres de áreas centrais e economicamente atrativas.

⁸⁶ ABREU, Maurício de Almeida:1994, p.36.

“do ganho”, sem estabilidade e garantia, restava a procura por novas moradias iguais ou piores às antigas. Derrubada uma estalagem, seus moradores, geralmente, distribuía-se pelas redondezas por efeito do hábito, necessidades de trabalho ou facilidades de crédito⁸⁷.

A crise habitacional, traço marcante da sociedade carioca do último quartel do século XIX, foi agravada no referido período pela escassez de habitação, aumento de aluguéis, superlotação e degradação das condições higiênicas. Sobre o efeito inverso da demolição de moradias populares, um observador da época afirmou: “são exatamente estes acúmulos insalubres de moradores pobres que tornam impossível a sanificação completa da cidade. Eles já são atualmente focos epidêmicos. Até hoje porém, estavam concentrados em um ponto. Agora vão irradiar”⁸⁸.

Também Azevedo comunga da opinião de que a derrubada de uma estalagem fazia aumentar a densidade em outras devido àqueles serem os melhores pontos para os trabalhadores, como podemos notar na passagem de *O Cortiço*: “[...] O número de hóspedes crescia, os casulos subdividiam-se em cubículos do tamanho de sepulturas, e as mulheres iam despejando crianças com uma regularidade de gado procriador”⁸⁹.

Uma vez mais, o autor utiliza-se de palavras fortes no intuito de chamar a atenção para o que ele acreditava que estaria emperrando o desenvolvimento do país. A comparação das moradias com sepulturas choca não só pelo tamanho sugerido, como é ressaltado, mas por sua associação às doenças e conseqüentes mortes. Além disso, novamente há uma aproximação entre os modos animais e os do pobre urbano.

O realojamento/redistribuição dos moradores despejados dos prédios condenados pela Junta de Higiene para os que ainda não haviam sido demolidos, auxiliou na degradação das moradias populares. Na impossibilidade de mudar-se para os subúrbios, muitos trabalhadores passaram a dividir as mesmas moradas, dando origem às casas de cômodo. Em um artigo publicado na *Revista Renascença*, Backheuser estabelecia uma hierarquia na qual a casa de cômodo era a mais anti-higiênica:

“essa gente entupia as casas de cômodo, velhos casarões de muitos andares, divididos e subdivididos por um sem número de tapumes de madeira, até nos vãos de telhados, entre a cobertura carcomida e o forro caruncho. Às vezes nem as divisões de madeira; nada mais que sacos de aniagem estendidos

⁸⁷ BENCHIMOL, Jaime Larry: 2003, pp. 288-289.

⁸⁸ BACKHEUSER. *Apud.* BENCHIMOL, Jaime Larry: 2003, p. 289.

⁸⁹ AZEVEDO, Aluísio:1998, p. 114.

verticalmente em “sceptos”, permitindo quase a vida em comum, em uma promiscuidade de horrorizar”⁹⁰.

Nesta hierarquia, baseada em critérios de oposição entre vida coletiva-promiscuidade/ vida familiar-individualidade, as casas de pensão e estalagens eram consideradas o melhor tipo de moradia, seguidas pelos cortiços e casas de cômodos. Os cortiços eram caracterizados, a exemplo do romance de Azevedo, como sobrados levantados ao redor de um pátio interno, circundado por varandas que eram alcançadas por escadas íngremes. Este tipo de habitação era tido em pé de igualdade com as estalagens em termos de estrutura, mas inferiores em questões de higiene:

“os quartos de dormir são mais quentes, menores e mais escuros; há muito menos distância entre as famílias; a vida, tanto de dia quanto de noite, é portanto, mais promíscua. Você só pode entrar em alguns cortiços colocando um lenço no nariz, e, mesmo assim, você sai nauseado”⁹¹

A identificação das moradias populares como focos de infecções permanentes levou a uma política de combate a essas moradias – que seria levado a cabo nas reformas de Pereira Passos. Mas em uma cidade em vias de industrialização, como o Rio de Janeiro, a lógica rentista sobressaía. Morar no centro, quase sempre era uma necessidade do trabalhador. Não tratava-se apenas de economizar no transporte; para muitos o trabalho tinha que ser ganho diariamente. Grande parte da população ativa era constituída de ambulantes e prestadores de serviço. Para esta parcela social, morar no centro significava a própria existência:

“E, durante muito tempo, fez-se um vaivém de mercadores. Apareceram os tabuleiros de carne fresca e fatos de boi; só não vinham as hortaliças, porque havia muitas hortas no cortiço. Vieram os ruidosos mascates, com suas latas de quinquilharia, com suas caixas de candeeiros e objetos de vidro, com o seu fornecimento de caçarolas e chocolateiras de folha-de-flandres”⁹².

Tendo em vista que os enredos de *O Mulato* e *O Coruja* oscilam entre as realidades de São Luís do Maranhão/Rio de Janeiro e Minas Gerais /Rio de Janeiro, respectivamente,

⁹⁰ BACKHEUSER. *Apud.* BENCHIMOL, Jaime Larry: 2003, p. 290.

⁹¹ BACKHEUSER. *Apud.* HAHNER, June E. : 1993, p. 177.

⁹² AZEVEDO, Aluísio: 1998, p. 31.

em muitos momentos Azevedo utiliza-se das cenas para contrapor as realidades do Rio de Janeiro e de São Luís do Maranhão como a pretender salientar aspectos provincianos a serem abandonados em favor de hábitos mais “saudáveis” e “adequados”. Algumas “cenas” não serviam mais à nova Capital. A mesma relação entre as moradias populares e a necessidade do ganho diário do trabalho nas ruas pode ser percebida nesta passagem de *O Mulato*.

“[...]doutro lado da praça, uma preta velha, vergada por imenso tabuleiro de madeira, sujo, seboso, cheio de sangue e coberto por uma nuvem de moscas, apregoava em tom muito arrastado e melancólico: ‘fígado, rins e coração!’. Era uma vendedora de fatos de boi”⁹³.

A concorrência, por trabalho e casa, acentuada pela chegada maciça de imigrantes e escravos vivendo sobre si, associada à ânsia de lucro, por parte dos proprietários de casas de pensão, levava o pobre urbano a submeter-se a moradias acessíveis a seus salários. As casas de pensão ainda eram uma opção cara para estes trabalhadores empobrecidos. A “saúde” do pobre urbano – dividido entre onde morar e trabalhar – em fins do século XIX, no Rio de Janeiro, oscilava entre o perigo de morrer de fome ou contagiado por alguma doença.

Segundo June E. Hahner, mesmo habitações tão precárias consumiam boa parte do salário dos trabalhadores: os aluguéis apertavam os orçamentos dos pobres e proporcionavam bons rendimentos para seus proprietários. De acordo com um observador da época, os trabalhadores pagavam um quarto de seus salários por acomodações lotadas e insalubres⁹⁴. Para os proprietários, no entanto, os aluguéis destas moradias coletivas durante um ano chegavam a cobrir metade do seu custo original⁹⁵.

Assim, a degradação das residências em pensão e destas em casas de cômodo, ou mesmo a deterioração de alguns cortiços enquanto outros tornavam-se estalagens, a exemplo do que acontece nos romances de Azevedo, era comum no contexto em questão. As circunstâncias que permitem o surgimento destas casas são coincidentes tanto no

⁹³ AZEVEDO, Aluísio: 1962, p. 17.

⁹⁴ Joaquim Policarpo Lopes de Souza para João Almeida Pereira Filho. *Apud.* HAHNER, June E.: 1993, p.38.

⁹⁵ Parecer da comissão de Privilegiados para construção de casas para trabalhadores. *Apud.* HAHNER, June E: 1993, p. 38.

romance de Aluísio Azevedo como no depoimento de um observador da época: geralmente a casa em questão era algum sobrado de uma família, outrora eminente, em decadência:

“Palacetes de feição afidalgada, por certo residências nobres nos tempos da colônia ou do império, estendidos pelas Ruas Camerino, Barão de São Félix, Visconde de Itaúna, Riachuelo e um milheiro de outras, recobrem com seu aspecto agigantando a miséria de uma população enorme”⁹⁶.

Este fator pode ser notado, no romance *Casa de Pensão*, não só no surgimento da casa de Mme. Brizard, mas também de um personagem secundário da trama, denominada apenas “a viúva de Lourenço”:

“A família ficou pobre. Foi preciso vender o melhor de dois prédios que restavam, para saldar as dívidas do defunto. A viúva principiou a tomar encomendas de costura e de engomagem. Isso, porém, não bastava; era necessário, a todo o transe, que o menino continuasse os estudos. Em tal aperto, lembrou-se a pobre mãe de admitir hóspedes; a casa que ficou tinha bastantes cômodos e prestava-se admiravelmente para a coisa”⁹⁷.

Os trechos selecionados sugerem o surgimento de casas de cômodo como alternativa de renda para uma elite decadente, embora a situação oposta também seja retratada por Aluísio Azevedo, por exemplo, em *O Cortiço*⁹⁸, ao descrever o arrivismo social de João Romão através de seu cortiço e posterior estalagem.

No que diz respeito aos moradores deste tipo de habitação coletiva, Azevedo assinala que, com sua transformação em casa de cômodos, a casa de Mme. Brizard também tem modificado o padrão de seus hóspedes:

“Mas o certo é que as obras se fizeram, e a célebre casa de pensão de Mme. Brizard, outrora tão animada e concorrida, transformou-se num desses melancólicos sobradões de alugar quartos, que se observam a cada esquina do Rio de Janeiro e onde, promiscuamente, se observa toda a sorte de indivíduos que já foram alguma coisa ou de indivíduos que ainda não são nada”⁹⁹.

⁹⁶ BACKHEUSER. *Apud*. BENCHIMOL, Jaime Larry.: 2003, p. 290.

⁹⁷ AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 64.

⁹⁸ AZEVEDO, Aluísio: 1999.

⁹⁹ AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 216.

Mais uma vez, o autor ressalta sua antipatia por esses sobrados “melancólicos” que se erguiam a cada esquina da cidade a adiar a execução de seu projeto de nação em moldes europeus e do qual estes “sobradões” não eram parte constitutiva. A urbe higiênica, sadia e moralmente “civilizada”, idealizada pelo cientificismo positivo, deveria ser habitada por um “homem higiênico” moral e fisicamente sadio, conflitante com a descrição de Azevedo.

A diversidade de moradores das moradias também é salientada pelo autor, que os caracteriza como pessoas que foram ou serão “alguma coisa”. Este comentário certamente deve-se ao fato de aí se encontrarem muitos artistas ou aposentados, todos “ex-alguma coisa”, juntamente com estudantes e literatos, poetas e intelectuais em geral, que supostamente tinham um futuro promissor pela frente.

Em outro trecho o autor afirma: “A feroz engrenagem daquela máquina terrível, que nunca parava, ia já lançando os dentes a uma nova camada social que, pouco a pouco se deixaria arrastar inteira lá dentro. Começavam a vir os estudantes pobres...”¹⁰⁰

Neste meio tão eclético, ou “promíscuo”, como o qualifica o autor, era comum a presença de doenças, sobretudo infecciosas. Em uma alusão ao mau funcionamento do organismo social carioca, muitos intelectuais do período identificavam casas de cômodo como as “chagas” da paisagem urbana do Rio de Janeiro¹⁰¹. Aluísio Azevedo, que viveu de perto esta realidade, como morador de uma casa de cômodo, parecia compartilhar desta idéia, dadas as várias referências a doenças feitas durante os romances.

Além da histórica Nini, a morte do pai de Amâncio devido à sífilis, a referência à escrava sífilica e ao próprio Amâncio, com suas bexigas e reumatismo decorrentes da doença, também são referidos um louco e um tísico residentes na casa de cômodos em questão. Os moradores não ignoravam os riscos destas doenças; mas, como foi dito, muitos não tinham outra opção de moradia e portanto tentavam amenizar estas doenças a seu modo.

O romance faz várias referências a efusões e suadouros como forma de abrandar os sintomas das doenças. Um deles é o tratamento de Vasconcelos: ao ser interrogado sobre a saúde do pai Amâncio responde: “Assim, assim... O que o atrapalha mais é o reumatismo.

¹⁰⁰ AZEVEDO, Aluísio:1998, p. 156.

¹⁰¹ GUNN, Philip: 2001.

Agora está em uso da Salça-e-caroba, do Holanda”¹⁰². Outro exemplo é a desinfecção de roupas e objetos: “Dentre em pouco abria-se a janela do nº 6, recolhia-se a última peça de roupa que servira à moléstia, defumava-se pela última vez o quarto, e o mimalho entrava afinal na convalescença”¹⁰³.

Em *O Coruja*, podemos citar: “O doutor declarou que a velha tinha varíola de muito mau caráter e que precisava de um bom tratamento. [...] As bexigas foram das piores, pele de lixa, o tratamento muito dispendioso e demorado”¹⁰⁴. Neste caso, o tratamento indicado foi um descanso na chácara da Tijuca. Tendo em vista que muitas doenças contagiosas podem ser transmitidas pelo ar, o tratamento sugerido não era de todo despropositado, revelando já alguns avanços da ciência do período sendo divulgadas na imprensa.

Os tratamentos, no entanto, variavam muito, mesmo quando a doença era a mesma. O histerismo, por exemplo, era tratado com “água de colônia”¹⁰⁵ e colheradas de azeite – enquanto o casamento não se realizava. Sim, porque o casamento era tido como o única capaz de apaziguar os ânimos de uma mulher, conforme explica Dr. Lobão ao pai de Magda: “- Ora, pois já não lhe disse? É casar a rapariga quanto antes! [...] Casamento é modo de dizer, eu faço questão é do coito! Ela precisa é de homem!”¹⁰⁶.

O século XIX marca no Brasil o início de um processo econômico e político que inaugura duas novas características da medicina que vem-se intensificando até os dias atuais: o meio urbano como alvo das reflexões e práticas médicas e a medicina como apoio científico indispensável ao Estado. Se a desorganização e mal funcionamento da sociedade é causa de doença, a medicina deveria refletir e atuar sobre aspectos naturais, institucionais ou urbanísticos afim de neutralizar o possível perigo. “Nasce o controle das virtualidades; nasce a periculosidade e com ela a prevenção”¹⁰⁷.

A crença de que a solução dos problemas de saúde pública seria uma via para o caminho do “progresso” e “civilização”, levou intelectuais e políticos a acreditarem que seguindo as prescrições dos médicos e higienistas estariam combatendo não só as

¹⁰² AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 16.

¹⁰³ AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 148.

¹⁰⁴ AZEVEDO, Aluísio: 1963, p. 236.

¹⁰⁵ AZEVEDO, Aluísio: 1963, p. 161.

¹⁰⁶ AZEVEDO, Aluísio: 1957, p. 30-31

¹⁰⁷ MACHADO, Roberto: 1978, p. 155.

epidemias, mas problemas sociais mais amplos. Afinal, o que estava em jogo nem sempre era a saúde pública, mas a imagem do país, sobretudo no exterior:

“En fait, le souci d’hygiène au sein des élites brésiliennes provient souvent de la volonté de constituer un cadre “civilisé” comparable à celui des villes européennes. Dans cette perspective, les plans d’assainissement des ingénieurs et ingénieurs-architectes ne se bornent pas à des mesures d’hygiène. Bien sûr, ils s’inspirent de l’hygiénisme et adoptent les conceptions médicales courantes à l’époque, mais incluent aussi des actions qui visent l’embellissement et la modernisation des villes”¹⁰⁸.

Antes de ser uma questão sanitária, a identificação das moradias populares como insalubres era uma questão política. O que estava em jogo eram os interesses comerciais da elite urbana e o incentivo à imigração por parte dos fazendeiros. Em benefício destes novos interesses comerciais, não importava o destino do pobre urbano, com poucas oportunidades de passear pelas largas avenidas, de inspiração francesa, que dariam lugar a suas antigas casas. Interessava ver refletida no espelho a imagem civilizada e progressista que eles mesmos faziam de si e projetavam para a nação.

Afim de que a cidade pudesse cristalizar os ideais perseguidos a serem posteriormente imitados pelo restante do país, deveria o Rio de Janeiro passar por reformas não só físicas, mas “morais”. Nesse sentido, foram elaborados decretos que proibiam, entre outras coisas, cuspir e urinar nas ruas, e soltar pipas e fogos de artifício, a fim de evitar que não se embaraçassem os fios de energia e evitassem os incêndios¹⁰⁹.

De mãos dadas com os últimos inventos do “fin-de-siècle”, as elites brasileiras irão consumir fonógrafos, fotografias, cinematógrafos, luz elétrica, bondes...¹¹⁰, julgando, com isto, se inserir no mundo moderno. A este respeito, Luiz Felipe de Alencastro destaca alguns disparates da elite: a compra de pianos e seu transporte, pelos escravos, até as fazendas; o estabelecimento dos carnavais de salão em detrimento dos de rua; até o corte da barba e cabelo e a escolha do cigarro seguiam padrões europeus e excluía o que pudesse lembrar a herança negra¹¹¹.

¹⁰⁸ MARQUES, Sonia: 1995, pp. 31-32.

¹⁰⁹ BENCHIMOL, Jaime Larry: 2003, p. 264.

¹¹⁰ PECHMAN, Robert Moses: 1992, p. 34.

¹¹¹ ALENCASTRO, Luiz Felipe: 1997, pp. 45-60.

Esquecendo-se em uma “ilha cercada de povo”¹¹², na utopia da nova nação a ser construída, na certeza de que era preciso refazer o Rio, literatos, jornalistas, médicos, arquitetos e engenheiros, apropriando-se dos instrumentos da modernidade e julgando-se detentores dos códigos de acesso a esta, encarregar-se-ão de tentar fazê-lo.

Se a pátria precisava ser reeducada e as almas formadas¹¹³, estes profissionais, encarnando a síntese dos saberes “modernos”, se auto atribuirão esta missão e “lutarão” com as armas de que dispõem. Aluísio Azevedo utilizará de seus romances no intuito de escancarar uma realidade e impor seu ponto de vista sobre ela, afim de divulgar e viabilizar seu projeto de um urbe renovada física e moralmente, e habitada por um “homem higiênico”.

No entanto, um outro empecilho parecia afrontar intelectuais e governantes, resistindo apesar das investidas em prol de sua “execução”. A Abolição da Escravatura e a Proclamação da República não haviam destruído as velhas organizações sociais e políticas, e ao contrário, haviam acentuado alguns dos antigos problemas da cidade, realçando suas contradições. A despeito dos esforços da intelectualidade eis que persistiam e reproduziam-se as moradias populares como “larvas no esterco”¹¹⁴.

¹¹² ALENCASTRO, Luiz Felipe: 1997, pp. 45-60.

¹¹³ CARVALHO, José Murilo de: 1990.

¹¹⁴ AZEVEDO, Aluísio: 1998, p. 171.

Capítulo 2: Aluísio Azevedo, o romance social e seu projeto para o Brasil:

2.1- Aluísio Azevedo: Sujeito e personagem de suas histórias

“O homem não está sozinho, ele vive numa sociedade, num meio social, e desde então para nós romancistas, o meio social modifica sem cessar os fenômenos. Até nosso grande estudo está nisto, no trabalho recíproco da sociedade sobre o indivíduo e do indivíduo sobre a sociedade”¹¹⁵.

Filho de um casamento polêmico entre David Gonçalves de Azevedo e Maria Amália Pinto de Magalhães, Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu em 14 de abril de 1857, em São Luís do Maranhão¹¹⁶. David era viúvo e Emília Amália fugira do marido português devido aos maus tratos; os pais viviam juntos embora não fossem casados, o que causava certo estranhamento à provinciana sociedade maranhense.

Na década de 1850 São Luís do Maranhão era denominada, devido a seu povo e vida cultural, a “Atenas Brasileira”. A cidade era bem provida de livrarias e modernas gráficas, dotada de sobrados em estilo inglês cujas fachadas eram decoradas com pedras de alcantaria, importadas da Europa. O ensino primário havia se desenvolvido desde a Independência na cidade, e os abastados fazendeiros enviavam seus filhos para completar os estudos em Portugal ou França, formando uma classe dirigente aparentemente ilustrada.

A cidade contava, desde 1841, com a “Sociedade Dramática Maranhense”, e desde 1852 com o “Gabinete Português de Leitura” um fechado círculo formado por portugueses abastados – criado por David Gonçalves, que viria a ser pai de Azevedo - que visavam garantir acesso mais rápido e fácil às novidades literárias européias.

Os comerciantes dominavam a economia da província e os casamentos serviam para consolidar fortunas. Mantimentos, vinhos, tecidos e até as costureiras vinham da Europa: indicavam a classe social e simbolizavam a “civilização” de quem deles usufruía.

Mas a partir da segunda metade do século XIX, com a queda nos preços do algodão devido à concorrência norte-americana, e com a demanda por mão-de-obra para os cafezais do sudeste, iniciou-se a decadência no campo. O comércio, que ainda prosperava, e as casas

¹¹⁵ ZOLA, Emile. *Apud*. MÉRIAN, Jean-Yves:1988. p. 552.

¹¹⁶ Possuía outros quatro irmãos: Artur Azevedo (que viria a ser grande autor de teatro), Américo, Maria Emília e Camila Amália.

comerciais de importação e exportação assumem, a partir de então, papel primordial. Por outro lado, a fortuna dos comerciantes estrangeiros, sobretudo portugueses, passou a contrastar com o empobrecimento dos fazendeiros, o que despertou uma nova onda de sentimento anti-português. Foi nessa atmosfera de crise que nasceu Aluísio de Azevedo, filho de um comerciante português.

Aprendeu as primeiras letras no Liceu Maranhense, onde estudou com Sotero dos Reis. Em casa, por influência da mãe, estudava pintura, teatro e artes¹¹⁷. Seu primeiro emprego, como despachante geral da alfândega, conseguido por intermédio de seu pai em 1871, marcaria o fim de sua infância.

Durante os anos de adolescência pôde presenciar a ruína do campo e o fracasso da imigração européia em São Luís do Maranhão, bem como a permanência da escravidão após a “lei do ventre livre”. Embora jovem para perceber as reais dimensões dos problemas que afetavam a base da burguesia maranhense, certamente não permanecia indiferente às manifestações de decadência. Adiado o sonho de estudar pintura em Roma, Azevedo decide estudar belas artes no Rio de Janeiro.

A vontade de construir um quadro de vida civilizado comparado ao das cidades européias era predominante na atmosfera intelectual e política da cidade do Rio de Janeiro, na qual desembarcou o maranhense Aluísio Azevedo em 1876, aos 19 anos. Durante dois anos, por intermédio de seu irmão Arthur de Azevedo, que aí residia já há dois anos, Aluísio Azevedo freqüentaria um círculo de jovens intelectuais que o influenciariam decisivamente¹¹⁸.

Nestes primeiros anos que passou no Rio de Janeiro, Azevedo, para se manter e não tendo apresentado gosto pela profissão de caixeiro, foi guarda-livros e em seguida professor de gramática portuguesa e desenho no colégio Padre Teillon¹¹⁹. A pintura e o teatro passaram a ser sua ocupação principal: nos teatros amadores Aluísio dirigia, criava cenários e figurinos.

Morava em uma pensão em Santa Tereza com os amigos Artur Barreiros e Veridiano Henrique dos Santos Carvalho. O primeiro iniciava sua carreira como escritor e

¹¹⁷ DIMAS, Antônio:1980, p.3

¹¹⁸ As principais informações biográficas de Aluísio Azevedo foram retiradas de: MÉRIAN, Jean-Yves: 1988.

¹¹⁹ BILAC, Olavo. *Apud.* MERIAN, Jean-Yves: 1988, pp. 84-85.

jornalista; o segundo era 10 anos mais velho, comerciante e escritor com algumas obras publicadas. Em um artigo de 1880, Aluísio listou os amigos que tinha no Rio: “Fontoura Xavier, Artur Barreiros, Tomás Alves, Lopes Trovão, Lins de Albuquerque, José do Patrocínio, Teófilo Dias, Teixeira Mendes, Cordoville, Pereira da Silva e Gustavo Fontoura”¹²⁰.

Aluísio Azevedo havia adquirido no Maranhão conhecimento das idéias positivistas e republicanas, tendo tido também oportunidade de avaliar os excessos causados pela escravidão. No convívio com estes jovens intelectuais, escritores e políticos, quando de sua chegada ao Rio de Janeiro, aprofundou seus conhecimentos de filosofia positivista e fortaleceu suas convicções abolicionistas e republicanas, o que expressou principalmente através de caricaturas e cenários de teatro, paixão cultivada desde a infância.

Em meio ao ritmo frenético da capital da república, assistimos a uma reviravolta na maneira de os intelectuais enxergarem sua terra e seus problemas: alguns pensadores passam a reivindicar uma visão mais “realista” e “profunda” em detrimento da concepção “idealista” dos românticos. Aluísio Azevedo aporta neste ambiente reformador¹²¹.

No Rio de Janeiro assunto não faltava a um observador atento: para além do mito da cidade ideal, rica e progressista, símbolo da civilização, havia uma cidade repleta de problemas que alguns insistiam em tentar ignorar. A quem se arriscasse a ir aos subúrbios, como fez Aluísio Azevedo, que chegou a morar em uma casa de cômodos, em 1885, a cidade não iludiria. Como o autor declarou, “era como se as duas cidades coexistissem lado a lado”.¹²²

A morte do pai em 1878 precipitou o retorno de Aluísio Azevedo a São Luís do Maranhão. Os dois irmãos só tomaram conhecimento do ocorrido 15 dias depois, através de um jornal Maranhense de grande circulação no Rio de Janeiro: *O País*. Estando Arthur Azevedo mais atarefado que Aluísio, este resolveu partir para o norte e assumir a família,

¹²⁰ BILAC, Olavo. *Apud.* MERIAN, Jean-Yves: 1988, p. 96.

¹²¹ Esta era também a época do auge da Escola de Recife, incentivadora dos estudos em moldes germânicos, em detrimento da tradição francesa até então predominante, como afirma Roberto Ventura, em *Estilo Tropical* (1991). A Escola também contribuiu para uma nova tomada de posição frente aos problemas enfrentados pelo país, suscitando um enfoque mais realista, vontade de trabalhar para o progresso social e, sobretudo, a sátira aos costumes, modalidade da qual Aluísio Azevedo e seu irmão Arthur Azevedo (Sobre a influência da obra de Arthur Azevedo, sobretudo no teatro, sobre a sociedade carioca, ver: MENCARELLI, Fernando Antonio:1999) viriam a ser representantes expoentes. Além disso, segundo Mérian, boa parte dos escritores formados por esta escola foram para o Rio em 1875 e tomaram parte na imprensa.

¹²² AZEVEDO, Aluísio. *Apud.* MERIAN, Jean-Yves: 1988, pp. 97-98.

atitude que influenciaria definitivamente sua carreira, uma vez que esta mal havia começado a deslanchar e seria interrompida.

No entanto, a fama que havia adquirido na capital como caricaturista e cenógrafo o permitiu encontrar emprego de escritor tão logo chegasse a sua cidade natal. São Luís do Maranhão, que à época tinha 2 jornais, ganhou mais três¹²³, sendo que em dois deles Aluísio Azevedo tinha participação e difundia as idéias republicana e abolicionista.

Entre 1878 e 1881 o autor viveu da imprensa e publicou seu primeiro romance, *Uma Lágrima de Mulher* (1880) e, algum tempo depois, o livro que mudaria o curso de sua carreira: *O Mulato*, que viria a sofrer alterações para a edição definitiva de 1889¹²⁴.

A repercussão do romance em São Luís não foi a esperada: os homens letrados responderam com um silêncio contundente, à exceção de um que sugeriu a Azevedo desistir da pena e atirar-se à lavoura. Azevedo resolve voltar ao Rio de Janeiro, onde o livro foi bem recebido, e em agosto de 1881 deixa o Maranhão definitivamente.

De volta à capital da República, Aluísio Azevedo trabalha como chargista e começa a escrever folhetins, tornando-se conhecido do grande público¹²⁵. Embora tenha se dedicado à escrita, Aluísio Azevedo nunca desistiu de conseguir um emprego público que lhe garantisse a sobrevivência e lhe permitisse escrever seus romances. Várias são as cartas enviadas a amigos influentes solicitando uma ocupação semelhante: “Seja lá o que for – tudo serve; contanto que eu não tenha de fabricar *Mistérios da Tijuca* e possa escrever *Casas de Pensão*”¹²⁶.

¹²³ A cidade contava com os jornais *O País* e *Diário do Maranhão*. Com o retorno de Aluísio Azevedo e sua imprensa satírica, começaram as querelas anticlericais. O primeiro jornal de contestação foi *A Flecha*. Em 1880 a situação agravou-se com a criação de *O Pensador*. Em resposta, a igreja criou a folha *Civilização*, duramente combatida pela imprensa convencional e alvo das críticas mais contundentes de Azevedo. MÉRIAN, Jean-Yves: 1988, p.156.

¹²⁴ Segundo Ana Lúcia Enne (1999, p.2), na primeira versão do romance Ana Rosa morreria após presenciar a morte de Raimundo. Porém esta seria uma celebração do amor romântico que não estaria em conformidade com a proposta naturalista. No final para a versão que se consolidou Ana Rosa se recupera, casa, tem filhos e é uma esposa e mãe exemplar.

¹²⁵ O primeiro folhetim foi *Memórias de um Condenado*, 1882, (reeditado como *A Condessa Vésper*); entre os romances publicados por Azevedo estão também: *O Mistério da Tijuca* (1882), reeditado como *Girândola de Amores*, *Casa de Pensão* (1884), *Filomena Borges* (1884), *O Homem* (1887), *O Coruja* (1890), *O Cortiço* (1890) *A Mortalha de Alzira* (1894), *Livro de Uma Sogra* (1895). O autor também escreveu 14 peças de teatro (algumas em colaboração com Arthur Azevedo e Emílio Rouède), duas peças de teatro reduzido e os contos *Demônios* (1893), *Pegadas* (s.d) e *O Touro Negro* (publicação póstuma datada de 1938 reunindo o conto que dá nome à obra, coletâneas de dispersos e epistolário).

¹²⁶ AZEVEDO, Aluísio: 1954, p. 175.

Citando um discurso proferido por Coelho Neto na ocasião da morte de Bilac, João Paulo Coelho de Souza Rodrigues¹²⁷ explicita o sentimento de superioridade dos literatos em relação às ‘pessoas comuns’, sobretudo uma suposta singularidade da boemia em oposição à burguesia.

Segundo o Rodrigues, certos de sua superioridade, muitos literatos indignavam-se com a precariedade de suas vidas frente à sua suposta importância social e nacional: “Ressentem-se constantemente de não terem a mesma fama e dinheiro de um burguês médio que levasse uma vida medíocre e de trabalho regular, logo eles que ‘se portavam diante da beleza’ com afincos frente ao ‘vulgo’ que os cercava”¹²⁸.

Por influência de Francisco Portela, então governador, servindo em 1891 em Niterói, Azevedo chegou a trabalhar como funcionário público durante 6 meses, mas com a ascensão de Deodoro da Fonseca à presidência e a queda de Francisco Portela, o escritor perde o emprego. Permaneceria como escritor até 1895, quando entrou para a diplomacia através de concurso público. Esta última informação deve ser ressaltada: Antônio Cândido¹²⁹ propõe que com o envelhecimento de uma geração de escritores surge outra, porém sem uma ruptura real.

No caso da geração pós- Aluísio Azevedo teria surgido a dos simbolistas e impressionistas, e os primeiros teriam substituído a idade da boemia pela da burocracia. O autor sugere ainda que, por benevolência do governo, os intelectuais, cansados e frustrados com a “república que não foi”¹³⁰ teriam sido empregados no serviço público a fim de obterem segurança material. No entanto, como já foi ressaltado, Aluísio entrou para a diplomacia por meio de concurso e não de favores e os ideais de sua geração não foram totalmente esquecidos quando do governo de Floriano Peixoto.

A boemia – característica da intelectualidade de fins do século – era muitas vezes um trunfo de coesão e propaganda mútua do grupo¹³¹, a fim de aguçar a curiosidade dos

¹²⁷ RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza:1998, p. 239.

¹²⁸ RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza: 1998, p. 239.

¹²⁹ CÂNDIDO, Antônio. *Apud*. MÉRIAN, Jean-Yves:1988, p. 463.

¹³⁰ CARVALHO, José Murilo de: 1990, *passim*.

¹³¹ De acordo com Rodrigues (1998, p. 253), no entanto, o que se verifica nas memórias é o desaparecimento do teor político da caracterização da boemia, que cede lugar a uma imagem idílica, calcada em uma “via airada”. A boemia é caracterizada apenas como um tipo de vida em cafés e elegantes confeitarias, com conversas e poemas “jogados fora”. O autor atribui esta desvirtuação da boemia e a modificação de seu significado literário e político ao fato de os memorialistas viverem em um momento no qual não têm mais a

leitores através da mitificação do escritor, e também uma forma de amenizar as dificuldades de viver-se deste ofício em um país de maioria analfabeta e minoria hipnotizada por obras européias.

No fim do século XIX, Aluísio Azevedo conseguiu realizar a façanha de sobreviver de seus romances em um país com este perfil, mas não sem alguma propaganda. A publicação em folhetins, a exemplo de *Casa de Pensão* e *O Coruja*, representava o primeiro estado do romance e seu melhor meio de difusão, embora não representassem sua melhor forma, segundo opinião do autor¹³².

Alguns livros também foram publicados em formato reduzido e ofertados aos assinantes dos jornais ou mesmo publicados em fascículos semanais a preços populares. Em 1887 o Jornal do Comércio chegou a acusar Aluísio de Azevedo de servir de “vendedor ambulante”¹³³ para suas obras. No lançamento de *O Homem*, Azevedo saiu às ruas com alguns companheiros para apregoar as obras e realizou um jantar para os “notáveis” da cidade. Recebeu duras críticas de Coelho Neto:

“Eu ainda acabo com a carrocinha, como o homem dos abacaxis e das melancias, correndo as ruas com os meus romances, apregoando-os aos berros. Imaginação, estilo... isto, que monta?! O que vale é o anúncio! Quedem-se os autores em silêncio, por mais eloqüente que seja a obra, por mais que nela se aprimore a forma, ficará encalhada no fundo da livraria até eu vendida a peso, como papel de embrulho”¹³⁴.

De qualquer forma, a imprensa e a condenada prática do cabotínismo¹³⁵ desempenharam papel fundamental na divulgação da literatura nacional. Uma vez que muitos escritores eram também jornalistas, os jornais e a propaganda mútua passaram a constitui-se na maior arma dos intelectuais na divulgação de suas idéias e no combate à invasão dos romances europeus, constituindo-se, além disso, em um elo entre escritores e leitores. Era preciso “preparar” o público para a recepção das novas teorias literárias.

necessidade de oferecer aos seus leitores o que julgavam ser os melhores rumos para a sociedade. Desta forma, também não entendem a atividade literária como intervenção política.

¹³² “(...) desejo ardentemente descobrir uma colocação, qualquer, seja onde fôr, ainda que na China ou em Mato Grosso, contanto que me sirva de pretexto para continuar a sarroliscar os meus romances, sem ser preciso fazê-los *au jour le jour*”. AZEVEDO, Aluísio:1954, pp. 174-175.

¹³³ MÉRIAN, Jean-Yves: 1988, p. 439.

¹³⁴ Coelho Neto. *Apud*. MERIAN, Jean-Yves: 1988, p.439.

¹³⁵ O cabotínismo e as vendas de livros fora das livrarias eram condenados por alguns que acreditavam que uma boa obra não precisaria de propaganda. Em contrapartida, sem propaganda seria difícil obter êxito, como afirma Coelho Neto, que mesmo discordando da prática reconhece a necessidade de sua prática.

Em resposta a uma crítica de Machado de Assis ao romance *Memórias de um Condenado*¹³⁶, Aluísio Azevedo declarou, no capítulo 61 de “Mistério da Tijuca”, romance-folhetim publicado no jornal carioca *Folha Nova*:

“Diremos logo com franqueza que todo nosso fim é encaminhar o leitor para o verdadeiro romance moderno. Mas isso já se deixa ver sem que ele o sinta, sem que dê pela tramóia, porque ao contrário ficaremos com a isca intacta. É preciso ir dando a coisa em pequenas doses, paulatinamente. Um pouco de enredo de vez em quando, uma ou outra situação dramática de espaço em espaço, para engodar, mas sem nunca esquecer o verdadeiro ponto de partida: a observação e o respeito à verdade. Depois as doses de Romantismo irão diminuindo gradualmente e as de Naturalismo se irão desenvolvendo; até que um belo dia, sem que o leitor o sinta, esteja completamente habituado ao romance de pura observação e estudo de caracteres”¹³⁷.

Neste trecho é possível perceber a lucidez do autor ao justificar a publicação de seus romances através de folhetins e a necessidade do elogio mútuo e da auto-propaganda, colocando de uma nova maneira a relação entre escritor, obra e leitor. Neste sentido, são falsas as acusações, por parte de parcela da crítica, de traição ao naturalismo por parte do autor.

Lúcia Miguel Pereira, a respeito da implantação do naturalismo no Brasil, e da obra de Azevedo, em específico, afirma que :

“... a melhor prova de que o naturalismo nos foi imposto pela moda está em ter sido tão mal assimilado. Praticaram-no como quem executa uma receita os nossos romancistas, que, no espírito, continuavam românticos; não há disso prova mais expressiva do que *O Mulato*, que representou a vitória da nova escola, tendo entretanto, apenas disfarçando com cenas realistas o seu romantismo”¹³⁸.

Estudando mais a fundo a obra de Azevedo e suas cartas e crônicas sobre o hibridismo, podemos afirmar que o autor, ao contrário do que sugere Pereira, parecia saber bem onde queria chegar, mas tinha também consciência que a sociedade carioca não estava totalmente preparada para esta nova realidade, precisando recebê-la em lentas “doses” .

¹³⁶ Este romance de 1882 foi reeditado sob o título de *A condessa Vésper*. Na época do lançamento Machado de Assis desferiu duras críticas à obra, acusando o autor de apenas disfarçar seu romantismo com doses de naturalismo importado da Europa.

¹³⁷ AZEVEDO, Aluísio. *Apud*. MÉRIAN, Jean-Yves: 1988, p. 436.

¹³⁸ PEREIRA, Lúcia Miguel. *Apud*. SODRÉ, Nelson Verneck:1992, pp. 203-204.

Participamos de uma perspectiva proposta por Luiz Gonzaga Morando Queiroz¹³⁹, segundo a qual Aluísio Azevedo tinha clareza da dinâmica instituída à sua obra e estabelecia uma intercalação de estéticas como resposta à sua época: o autor utilizou-se, conscientemente da hibridação, produzindo cada obra com relação a seu público, ao contexto de recepção e também à sua própria necessidade de subsistência.

Para além de suas convicções ideológicas, era necessário levar em consideração o gosto dos leitores e o mercado do livro no país. Era preciso sobreviver. Em desabafo a Coelho Neto Azevedo teria chegado a dizer:

“Não, o povo não tem culpa. O culpado sou eu, que quis realizar o absurdo de viver das letras em um país de analfabetos. Aqui há um pequeno grupo de pedantes, que lêem autores franceses, há gente do comércio que lê a tabela do câmbio e a pauta da Alfândega, o resto é ignaro”¹⁴⁰.

O autor segue lamentando-se da situação dos escritores e apresenta alguns valores pagos pelos jornais: 100 mil réis a linha do romance e 10\$000 por ato, no teatro. Encerra dizendo da alegria de seus credores quando tinha um romance em rodapé ou uma comédia em ato, mas acrescenta que estes eram fatos raros. Justifica, mais uma vez, a necessidade de agradar ao público, uma vez que este já era escasso.

A influência do público, da crítica e do método proposto por Zola sobre a obra de Azevedo e a dificuldade de produzir em um país com as necessidades supracitadas podem ser percebidos em um trecho de *O mistério da Tijuca*:

“No Brasil [...] os leitores estão em 1820, em pleno romantismo francês, querem o enredo, a ação, o movimento; os críticos porém acompanham a evolução do romance moderno e exigem que o romancista siga as pegadas de Zola e Daudet. Ponson du Terrail é o ideal daqueles; para estes Flaubert é o grande mestre. A qual dos dois grupos se deve atender? Ao de leitores ou ao de críticos? [...] Estes decretam, mas aqueles sustentam. Os romances não se escrevem para a crítica; escrevem-se para o público, para o grosso público que é o que paga”¹⁴¹.

¹³⁹ QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando: 1997.

¹⁴⁰ Coelho Neto. *Apud.* MENEZES, Raimundo de: 1963, p. 9.

¹⁴¹ AZEVEDO, Aluísio. *Apud.* MEYER, Marlise: 1996, p. 307.

Com vistas a esta afirmação e às declarações que o autor fez sobre a necessidade de se acostumar o público com a proposta naturalista através da intercalação de romance e drama, realidade e ficção, acreditamos ser possível uma leitura sobre a recorrência de assuntos em suas obras. Alguns temas, como as habitações populares, o casamento, o clero, as doenças, são comuns a várias de suas obras, variando a intensidade conforme a época de produção.

A necessidade de adequação entre obra-público-crítica é também ressaltada por Arthur Azevedo em relação ao teatro:

“Desde que pela primeira vez me aventurei a rabiscar nos jornais observei que a massa geral de leitores dividia-se em dois grupos distintos (...). Tendo que escolher os meus leitores (...) naturalmente escolhi os do segundo, e desde então fui assaltado pela preocupação de lhes agradar escrevendo de modo que eles entendessem e não se arrependessem de me haver lido. [...] Deste modo, não solicito a glória nem a imortalidade, mas tenho consciência de não ser um colaborador inútil. Escrevo não para os cafés da rua do Ouvidor, mas para a cidade inteira”¹⁴².

A aparente ambigüidade apontada por alguns críticos na obra de Azevedo, deve-se à opção feita por parte da intelectualidade, incluindo o próprio autor e o irmão Arthur, em atender a um público mais amplo e não apenas à crítica, havendo desta forma a necessidade de adaptação de uma linguagem e estilo adequados a este público. Além disso, como afirmou Arthur Azevedo em crítica a uma apresentação de mágica na qual o grande atrativo eram o nu e o cômico, sem nada que “fale ao espírito”¹⁴³, o problema não era o gênero, mas o engenho com que o autor o elaborava.

Acreditamos que assim como a hibridação, a gradação na intensidade de abordagem dos temas era uma estratégia conscientemente empregada por Azevedo. Além de ter declarado não querer escrever sobre “coisas irreais”, o autor também não escrevia para um público imaginário, era preciso cativá-lo, conhecer seus limites e apresentá-los uma nova forma de fazer romances.¹⁴⁴

¹⁴² AZEVEDO, Arthur. *Apud*. MENCARELLI, Fernando Antônio: 1999, pp. 156-157.

¹⁴³ AZEVEDO, Arthur. *Apud*. MENCARELLI, Fernando Antônio: 1999, pp. 150-151.

¹⁴⁴ MÉRIAN, Jean-Yves: 1988, p. 435-437.

Uma maneira encontrada por Aluísio Azevedo para iniciar esta empreitada foi a divulgação de suas obras e idéias através do romance-folhetim. De acordo com Marlise Meyer a obra de Azevedo se insere no que ela denomina a terceira fase do romance-folhetim: os romances dos “dramas da vida” (1871-1914)¹⁴⁵. Ao caracterizar o folhetim, a autora o descreve como um fenômeno poliédrico, uma vez que cada abordagem revela sucessivas e opostas faces da figura:

“Arrimado à sólida tradição do ‘era uma vez’, acoplado ao melodrama e, como ele, nascido de profundas convulsões sociais, o romance-folhetim, fatiado nos jornais, retomado em volumes, novamente seccionado em fascículos, encanta a Europa que o engendrou e a América Latina que o acolheu como se fora coisa sua”¹⁴⁶.

Segundo a autora, o romance-folhetim era um modo particular de produção romanesca do século XIX, umbilicalmente ligado ao jornal. Apareceu no Brasil a partir de 1843, com a publicação de romances franceses no *Jornal do Comércio*, inaugurando uma tendência a ser incorporada pela moderna imprensa nascente.

Sobre a função do folhetim a opinião de Azevedo é coincidente com a do redator do jornal francês *Le Petit Journal*, Timothée Trimm, que afirmou: “essa crônica cotidiana precisa ser ao mesmo tempo um ensino perpétuo e um divertimento cotidiano”¹⁴⁷. E Azevedo vai explorar essa função baseado em sua auto-atribuição de vocacionado a levar a verdade e o progresso:

“Oh! definitivamente não vejo razões para não haver comédias, dramas, romances e poemas! [...] Se os Srs. Literatos não aproveitarem esta boa ocasião, se não aproveitarem enquanto Brás é tesoureiro do Estado do Rio de Janeiro, nunca mais pilharão outra tão boa. [...] E é pena, porque o momento histórico que atravessamos, devia passar à história, cantado em prosa e verso, para gozo e regalo dos futuros brasileiros”¹⁴⁸.

O romance-folhetim, sobretudo devido ao maior público alcançado por seu suporte, os jornais, foi utilizado por Aluísio Azevedo para sensibilizar o público sobre problemas

¹⁴⁵ MEYER, Marlise: 1996, p. 229.

¹⁴⁶ MEYER, Marlise: 1996, p. 417.

¹⁴⁷ MEYER, Marlise: 1996, p. 230.

¹⁴⁸ AZEVEDO, Aluísio: 1954, pp. 72-73.

que normalmente não eram abordados neste gênero literário, como a crítica aos costumes sociais e políticos, e a sátira monárquica. Segundo Mérian, estes romances visavam à exemplaridade¹⁴⁹.

Esta estratégia de Aluísio Azevedo pode ser notada, por exemplo, nos próprios títulos e nas fontes de inspiração para seus romances. *Casa de Pensão* foi escrito com base em um crime ocorrido na cidade do Rio anos antes, os outros temas são também cosmopolitas e muito atuais: os cortiços, as casas de cômodo, as doenças recém descobertas, o casamento e o divórcio...

Em *Casa de Pensão* o autor, utilizando como base um crime de grande repercussão na sociedade carioca do ano de 1876, quando de sua primeira estada no Rio de Janeiro, reinventou os personagens, sendo o maior deles a própria casa de pensão.

A “questão Capistrano”, nome como ficou conhecido o crime, em uma alusão à vítima, havia sido amplamente documentada na imprensa do período. A experiência do autor, seu conhecimento da sociedade provinciana do Maranhão e o vasto número de artigos publicados sobre o caso lhe permitiram escrever uma espécie de romance documental sobre costumes, cuja pretensão era de ser uma “revelação” da sociedade a que se refere¹⁵⁰.

Os livros *O Coruja* e *O Mulato* tratam, entre outros assuntos, da influência do meio sobre o indivíduo e o determinismo atribuído à mistura de raças. Os casos de histeria e doenças nervosas (além da alusão a outras doenças hoje conhecidas como infecto-contagiosas) são comuns a todas as obras selecionadas, em especial *O Homem*, romance que trata especificamente do assunto, e que foi escrito na mesma época da criação da cadeira de medicina psiquiátrica na Universidade do Brasil.

Por fim, *O livro de uma Sogra* faz um elogio ao divórcio nos casos em que a convivência em família ou mesmo os filhos acabam por “esfriar” o amor conjugal. Além disso, defende abertamente o prazer sexual da mulher embora em outros momentos atribua a ela um papel de subalterna, dificultando que se perceba quando ironiza e tece críticas sociais e quando realmente defende uma posição.

¹⁴⁹ MÉRIAN, Jean-Yves: 1988, p. 512.

¹⁵⁰ Esta prática também pode ser notada em Arthur Azevedo que se aproveita de um caso que se estende por dois anos no tribunal para escrever uma peça que chegou a influenciar o desfecho do caso real. Ver: MENCARELLI, Fernando Antonio: 1999.

Aluísio Azevedo utilizou-se das mais diversas situações e assuntos no intuito de tentar modificar sua sociedade, ao mesmo tempo em que era por ela modificado. Seus romances foram escritos e adaptados, quando necessário, com propósitos pré-estabelecidos.

Apesar de camuflado, em alguns momentos, em obras romanceadas para o gosto das donzelas cariocas acostumadas aos dramas rocambolescos dos romances franceses, o projeto político do autor continuava a existir: era preciso não apenas definir-se como nação, mas sobre que cara teria esta nação.

2.2- O romance naturalista, suas especificidades e a proposta de Azevedo:

O processo de urbanização acelerada característico do século XIX transformou as cidades em redes mais complexas de relações sócio-econômicas e culturais, levando a uma progressiva cultura urbana. A expansão da educação de massa, os novos suportes tecnológicos e o desenvolvimento de um mercado cultural de massa, caracterizam o surgimento de um novo público, com novos gostos e uma demanda por produtos específicos:

“Pelas revistas, como pelas ruas, circulam notícias, boatos, epidemias, inspetores, vendedores, bondes, tribofes, capoeiras, mendigos, demolidores. Circulação que converte a cultura, a ciência, a política e a reforma urbana em assuntos de discussão cotidiana, de domínio público”¹⁵¹.

A partir da segunda metade do século XIX a literatura começa a incorporar, em maior intensidade, aspectos resultantes de significativas mudanças ocorridas no ambiente político, econômico e sociocultural europeu. O progresso acelerado gerava uma massa de trabalhadores atraídos para os grandes centros industriais, vivendo e trabalhando, muitas vezes, sob condições subumanas. O mundo passava a ser visto e avaliado sob o prisma da ciência e experimentação, gerando desconfiança e mesmo repúdio ao que lembrasse os valores místicos e religiosos enaltecidos pelo Romantismo.

Uma invenção da época – a fotografia – oferece um testemunho deste tempo, segundo Margarida de Souza Neves. O Rio de Janeiro passa a ser palco e capital da ordem

¹⁵¹ AZEVEDO, Arthur. *Apud*. SUSSEKIND, Flora:1993, pp. 54-55.

e progresso que resumiam os planos dos homens que “davam forma e direção ao <novo>”¹⁵².

“Não parece haver dúvidas sobre o que pode ser visto nos mostradores dos relógios que marcavam o tempo da virada do século: uma cidade ‘moderna’ porque reconstruída física e ideologicamente pelos letrados, fossem estes os engenheiros ou higienistas que atuavam organicamente vinculados ao Estado e, a golpes de picaretas ou de campanhas sanitárias pretendiam demolir o ‘velho’ e impor o ‘novo’ na capital, fossem os cronistas que tematizavam neste outro canteiro de obras constituído pela imprensa da época”¹⁵³.

Por influência dos métodos científicos e da aversão ao idealismo do período anterior, as concepções de mundo revestiam-se de um caráter materialista, abrindo espaço ao Positivismo. Nas artes o Realismo manifestava-se como representação anti-romântica, adotando o racionalismo, revisando e criticando valores morais e sociais. O povo passava a ser tematizado e a obra de arte transformava-se em forma de fazer política e protestar contra a ordem vigente.

Prolongamento e exagero do movimento Realista, o Naturalismo fundamentou-se em bases científicas e filosóficas, introduzindo a ciência no plano da obra de arte, fazendo desta um meio de demonstração e experimentação de teses científicas, especialmente a psicopatologia, o que fica claro nos constantes casos de patologia social e histeria retratados nas obras de Azevedo.

Rogel Samuel afirma que, movidos pela certeza de seu papel científico os naturalistas fizeram descrições ‘repugnantes e repelentes’¹⁵⁴, assumindo uma posição combativa na análise dos problemas sociais, fazendo do romance uma verdadeira tese no intuito de mudar as condições de decadência social.

Imerso neste quadro mundial o discurso literário brasileiro, no final do século XIX, oscilava entre a atração pelos centros europeus e a atenção às singularidades de nossa produção literária. As especificidades de produção, crítica e público brasileiros definiram a opção de Azevedo por uma estética híbrida de romance romântico e naturalista:

“[...] Entendemos que em semelhantes contingencias o melhor partido a seguir era conciliar as duas escolas, de modo a agradar ao mesmo tempo ao paladar

¹⁵² NEVES, Margarida de Souza: 1991, p. 54.

¹⁵³ NEVES, Margarida de Souza: 1991, p. 60.

¹⁵⁴ SAMUEL, Rogel. (org): 1985, p. 154.

do público e dos críticos; até que se consiga por uma vez o que ainda há pouco dissemos – impôr o romance naturalista. [...] Mas, enquanto não chegamos a esse bello posto, vamos limpando o caminho com as nossas producções hybridas, para que mais felizes, que por ventura venham depois, já o encontrem desobstruído e franco”¹⁵⁵.

Alguns autores, no entanto, discordam desta versão: acreditam que o naturalismo no Brasil foi imposto pela moda e, por isto, mal assimilado por nossos escritores, que o executaram como a uma “receita”, apenas “disfarçando com um pouco de realismo o seu romantismo”¹⁵⁶. Esta explicação, no entanto, nos parece muito simplista se nos detivermos nas origens do método naturalista, em sua recepção no Brasil e na proposta de análise da obra de Azevedo fora de padrões rígidos e dentro de uma perspectiva que contemple a hibridação de estéticas.

Nelson Werneck Sodré considera que a ascensão do naturalismo coincidia com o momento histórico europeu de declínio da burguesia frente ao imperialismo¹⁵⁷. Neste contexto, a arte passa a reivindicar aspectos cotidianos. Para os literatos do período, no entanto, o erro à época da decadência burguesa estava na interpretação dada, pela literatura, a estes fatos. Partindo desta premissa os ditos naturalistas se propuseram a uma interpretação isenta e pretensamente objetiva da sociedade.

Para Sodré, que se baseia em Zola, o romantismo, por se limitar à falsidade a fim de atenuar tudo que pudesse chocar os espíritos, tinha esgotado seus recursos. Era preciso mostrar tudo, inclusive os aspectos tristes, amargos e sujos, sem julgamentos. Bastava constatar. Zola chegou a escrever: “Já não desejo mais observar o homem através de vidros coloridos de metafísica, e sim como um agregado de elementos histológicos, de fibras e de células, governado por um sistema unificador – o sistema nervoso”¹⁵⁸.

Negando ser o criador do naturalismo, termo que teria vindo de Montaigne, Émile Zola esclarece que a escola fora esboçada desde Diderot, que rompeu com o classicismo e a noção de homem metafísico¹⁵⁹. O naturalismo diria respeito ao retorno à natureza, ao

¹⁵⁵ AZEVEDO, Aluísio. *Apud.* QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando: 1997, p. 40.

¹⁵⁶ PEREIRA, Lúcia Miguel. *Apud.* SODRE, Nelson Werneck: 1992.

¹⁵⁷ SODRE, Nelson Werneck: 1992, p. 41-48.

¹⁵⁸ ZOLA, Emile. *Apud.* SODRE, Nelson Werneck: 1992, p.49.

¹⁵⁹ DUARTE, Regina Horta:1991, pp. 36-39.

homem fisiológico e dominado pelo meio; seria o emprego dos métodos científicos de observação e experimentação aplicados às letras.

A fim de efetuar a proposta teórica naturalista de demonstrar a verdade e o cotidiano de forma isenta, científica e com bases fisiológicas, Zola utilizava-se da técnica de observação para escrever. Visitando guetos, mercados, cortiços, sempre em companhia de um bloco de notas, travou diálogo com moradores e comerciantes de modo a colher informações para seus romances. O objetivo final desta empreitada é bem descrito por Sodré:

“Parecia-lhe que este acúmulo extraordinário de elementos, esses dados colhidos diretamente e em quantidade continham a verdade inteira, reduziam ou eliminavam as possibilidades de erro ou deformação na transposição de cenas. Essa infatigável busca destinava-se à elaboração de uma das peças fundamentais de ficção naturalista, o meio, herdado dos ensinamentos de Taine. Misturado com a hereditariedade, constituía, sistematicamente, a fórmula verídica, o segredo da realidade”¹⁶⁰.

A observação também era prática comum a Azevedo, enquanto seguidor da escola em geral e de Zola em particular. Segundo Raimundo de Menezes, Azevedo freqüentava estalagens, ia às pedreiras, familiarizava-se com cavouqueiros, conversava com eles e estudava-lhes os tipos. “Saía cedo e ia à faina. Regressava à noite, cansado, aborrecido, atirava à mesa (...) as notas que tomara...”¹⁶¹.

O fato de Azevedo ser também caricaturista e ter trabalhado com teatro e cenários era decisivo no seu modo de escrever. O autor desenhava um a um seus personagens antes de escrever sobre eles, possivelmente baseado em pessoas reais com os quais havia tido contato durante o dia, o que aumenta a riqueza de detalhes e torna as cenas mais reais e familiares a seu público leitor.

Muitas vezes temos a sensação de conhecer estas pessoas ou lugares, dada a fidelidade das descrições:

“Raimundo tinha vinte e seis anos e seria um tipo acabado de brasileiro, se não foram os grandes olhos azuis que puxara do pai. Cabelos muito pretos, lustrosos e crespos; tez morena e amulatada, mas fina; dentes claros que

¹⁶⁰ SODRE, Nelson Werneck: 1992, p. 50.

¹⁶¹ MENEZES, Raimundo de: 1949, p. 10.

reluziam sob a negrura do bigode; estatura alta e elegante; pescoço largo, nariz direito e fronte espaçosa”¹⁶².

“A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradouros, umedecia o ar e purificava-lhe um fartum acre de sabão ordinário. As pedras de sabão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas”¹⁶³.

Sodré, estudando a obra de Zola, descreve como a combinação de meio e hereditariedade era importante para os naturalistas, pretensamente revelando a “verdade”. Esta suposta influência do meio e da hereditariedade sobre o caráter e o destino do indivíduo também é uma constante na obra de Aluísio Azevedo.

Outros temas são recorrentes nas obras selecionadas: a crítica à educação romântica e ociosa dispensada às mulheres burguesas, resultando em histerias, tem sua representação em Nini (*Casa de Pensão*), Ana Rosa (*O Mulato*) e Magda (*O Homem*). Os preconceitos de cor e raça podem ser notados no mulato Raimundo (*O Mulato*), nos portugueses Jerônimo e João Romão (*O Cortiço*), no capoeira brasileiro Firmo e na sensual Rita Baiana (*O Cortiço*).

Além dos citados casos, temos o singular exemplo de Amâncio de Vasconcelos (*Casa de Pensão*), personagem no qual a fusão entre a precariedade do ensino brasileiro associada aos mimos da avó e da mãe e ao contato com os negros da fazenda – sobretudo a ama de leite sífilica - determinam definitivamente o caráter malévol.

No romance, ao descrever a juventude de Amâncio, Aluísio Azevedo não se limita a expor os elementos que “determinariam” o destino do rapaz, mas critica a ordem econômica e social do Maranhão. O autor utiliza-se do tema da escravidão para criticar tanto esta como o sistema patriarcal – extremamente arraigado ao nível do local que se deveria combater em benefício do nacional, segundo sua proposta.

A escravidão é tratada como parte constitutiva dos riscos que acarretavam problemas à saúde física e moral das famílias. A ama de leite sífilica, elemento do sistema escravagista, é ao mesmo tempo vítima da sociedade e perigo para esta:

¹⁶² AZEVEDO, Aluisio: 1962, p. 51.

¹⁶³ AZEVEDO, Aluisio: 1998, p. 30.

“Com semelhante esterco, não podia desabrochar melhor no seu temperamento o leite que lhe deu a mamar uma preta da casa. Diziam que era uma excelente escrava: tinha muito boas maneiras; não respingava os brancos, não era respondona; aturava o maior castigo, sem dizer uma palavra mais áspera, sem fazer um gesto mais desabrido. Enquanto o chicote lhe cantava nas costas, ela gemia apenas e deixava que as lágrimas lhe corressem silenciosamente pelas faces. O médico porém, não ia muito que a deixassem amamentar o pequeno: - Essa mulher tem reuma no sangue... dizia ele – e o menino pode vir a sofrer no futuro”¹⁶⁴.

E é o que acontece: o autor dedica mais de um capítulo do romance a discorrer sobre as bexigas e dores reumáticas que viriam a assolar o futuro do rapaz¹⁶⁵. Os males físicos e mesmo os desvios morais que assolam o jovem provinciano são atribuídos ao leite que recebeu da ama e ao contato com esta.

Embora fosse uma excelente escrava, para os padrões da época – não desobedecia nem discutia mesmo sob o jugo do chicote – a ama havia sido comprada por “uma verdadeira pechincha” dado seu avançado estado de doença. Curada com “garrafadas de laranja-da-terra”, tornou-se rija para o trabalho e chegava já a valer um conto de réis. Mas o sangue – aí incluído não só o sentido biológico do termo, mas os supostos princípios morais que ele encerra – continuava ruim.

O termo “sangue”, neste caso, tem uma abrangência maior que a fisiológica. O foco principal é a crítica social e os possíveis males acarretados pela inserção do elemento escravo no seio das famílias. O autor critica o sistema escravagista e o pensamento dos senhores que caracterizavam o bom escravo pela rigidez no trabalho e pela não desobediência; e mesmo no caso desta ocorrer e de ser o castigo indispensável, o “bom escravo” não reclamaria de sua sorte, “chorando baixo” para não perturbar a ordem das coisas.

Em todo o romance, impregnado por doutrinas deterministas, a vida de Amâncio é dirigida por mecanismos psicológicos, fisiológicos e ideológicos. O tom da crítica é claro: da nova cidade projetada pelos intelectuais esperava-se acima de tudo a ordem. Uma suposta ordem que teria desde sempre existido, mas que se teria deixado “amolengar” na intimidade da convivência no interior da família patriarcal colonial¹⁶⁶.

¹⁶⁴ AZEVEDO, Aluísio: 1999, pp. 26-27.

¹⁶⁵ Ver: AZEVEDO, Aluísio: 1999, pp. 148-212.

¹⁶⁶ PECHMAN, Robert Moses: 1992, p. 32.

A crítica aos costumes no interior deste núcleo é expressa em vários trechos da obra, como nas visitas que Amâncio, quando criança, fazia à fazenda da avó. A descrição da avó também tem um caráter claramente pejorativo nas palavras: “...uma velha quase analfabeta, supersticiosa e devota...”. Em apenas uma frase o autor qualifica as matrizes do pensamento errôneo da avó que não se atreve a repreender o neto: a ausência de estudos, a superstição – em detrimento da razão da ciência – e a devoção – uma referência ao efeito depreciativo da Igreja na formação do caráter, uma vez que esta pregava a submissão.

A influência da avó na formação do caráter de Amâncio é considerada negativa:

“o rapaz escondia-lhe o cachimbo, pisava-lhe os canteiros da horta, divertia-se em quebrar a pedradas as lamparinas dos santos, suspensas na capela, e, às vezes, quando não estava de boa maré, atirava com os pratos nos escravos que serviam à mesa. A avó ralhava mas não podia conter o riso”¹⁶⁷.

Este trecho supõe a manutenção do desvio de caráter a que estavam sujeitos os “sinhozinhos”, protegidos por escravos, mães e avós, que, acostumados com a ordem dada, tendiam a achar tudo normal.

A crítica à aristocracia e aos mandos do dinheiro também estão presentes em *O Coruja*. A trajetória de Teobaldo, filho de um barão, é parecida com a de Amâncio de Vasconcelos. Acostumado a não ser contrariado, consome todo o dinheiro do pai em farras enquanto finge estudar na capital, levando ao endividamento e suicídio do progenitor. Acostumado a tratar as mulheres pelas escravas de sua fazenda, tem vários casos e maltrata a todas as namoradas. Terminando sozinho e morrendo doente, nunca se esqueceu, no entanto, dos conselhos do pai:

“[...] O homem deve sempre colocar-se superior a tudo e fazer por dominar a todos. O mundo, meu filho, compõe-se apenas de duas classes – a dos fortes e a dos fracos; os fortes governam, os outros obedecem. Ama os teus semelhantes, mas não tanto como a ti mesmo, e entre amar e ser amado, prefere sempre o último...”¹⁶⁸.

A recorrência destes temas e de outros como a infidelidade, a busca pela ascensão social, e o anticlericalismo, podem ser associadas a uma suposta adaptação do naturalismo

¹⁶⁷ AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 27.

¹⁶⁸ AZEVEDO, Aluísio: 1968, p. 50.

aos trópicos. O crítico literário Araripe Júnior, no artigo *Estilo Tropical* de 1888, recorreu à idéia de “tropicalidade” para demonstrar sua teoria sobre a adaptação do romance naturalista no Brasil: a originalidade estaria na influência do meio local sobre as formas importadas vindas da Europa: “A nova escola, portanto, tem de entrar pelo trópico de Capricórnio, participando de todas as alucinações que existem no fermento do sangue doméstico, de todo o sensualismo que queima os nervos do crioulo”¹⁶⁹.

Araripe Júnior defendia que o naturalismo transplantado para o Brasil deveria adaptar-se ao clima tropical e aos seus habitantes, “envenenados pelo ambiente”. O crítico compara a Europa a uma sociedade velha e decadente, que só poderia ser retratada desta maneira, enquanto no Brasil o processo era inverso: “um cadáver não se observa do mesmo modo que um ser que ofega de vigor”¹⁷⁰.

Para Araripe Júnior, o naturalismo no Brasil deveria se submeter à “aclimatação” para não correr o risco de tornar-se uma planta exótica:

“[...]O realismo, aclimatando-se aqui, como se aclimou o europeu, tem de pagar o seu tributo às endemias dos países quentes, aonde, quando o veneno atmosférico não se resolve na febre amarela, no cólera, transforma-se em excitações medonhas, de um dantesco luminoso”¹⁷¹.

Esta “aclimatação” proposta por Araripe Júnior está presente na obra de Azevedo. A opção do autor por temas e cenários recorrentes na sociedade carioca para escrever seus livros é, também, reveladora dos projetos e táticas do autor.

Seja no microcosmo do cortiço, de uma casa de pensão, de uma pedreira ou de um palacete afidalgado, Azevedo constrói sua obra de modo a mostrar uma visão acerca da realidade do Rio de Janeiro de fins do século XIX e, para isto, utiliza-se de descrições minuciosas e coincidentes com outros tipos de fonte, a fim de conferir legitimidade ao seu trabalho.

Enquanto as cenas da cidade como um todo são mostradas apenas através dos personagens e da referência a alguns pontos como a casa de câmbio, as confeitarias da rua

¹⁶⁹ VENTURA, Roberto:1991, p. 18.

¹⁷⁰ Araripe Júnior. *Apud.* PORTO, Ana Gomes:2003, p. 134.

¹⁷¹ Araripe Júnior. *Apud.* PORTO, Ana Gomes: 2003, p.134.

do Ouvidor ou a Caixa Econômica, os ambientes a serem ressaltados são cuidadosamente trabalhados e dotados de vários exemplos que comprovem sua visão acerca de um suposto problema. O autor descreve cenas luxuriosas em seus romances, destacando a sensualidade das mulatas frente à fragilidade e languidez das moças de classe média:

“Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das festas da fazenda; (...)era o veneno e o açúcar gostoso; (...) era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viçosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhes os desejos...”¹⁷².

A um só tempo promove uma crítica aos costumes estabelecidos – nesta cena, uma roda de samba – e procura demonstrar o perigo representado pela promiscuidade, presente no seio das populações mais pobres, associada à beleza das “fogosas brasileiras”, a exemplo de Rita Baiana, personagem de *O Cortiço*.

Para os naturalistas a natureza externa pode agir também em conjunto com outros dois aspectos: o determinista e o evolucionista¹⁷³. O sangue é o principal elemento do aspecto determinista¹⁷⁴, que, associado à ação da natureza através do sol¹⁷⁵, principal aspecto evolucionista, conduz aos erros e más ações.

Como o poder do sol, os aromas e temperos tropicais também são apontados como decisivos nos desvios comportamentais e morais do indivíduo:

“E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus antigos hábitos de singelo aldeão português: e Jerônimo abasileirou-se. A sua casa perdeu aquele ar sombrio e concentrado que a entristecia; já apareciam por lá alguns companheiros de estalagem, para dar dois dedos de palestra nas horas de descanso, e aos domingos reunia-se gente para o jantar. A revolução afinal foi completa: a aguardente substituiu o vinho; a farinha de mandioca sucedeu à broa; a carne-seca e o feijão-preto ao bacalhau com batatas e cebolas cozidas; a pimenta-malagueta e a pimenta-de-cheiro invadiram

¹⁷² AZEVEDO, Aluísio: 1998, p. 63.

¹⁷³ QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando:1997, p. 177

¹⁷⁴ Aqui insinua-se o discurso médico-higiênico que via no sangue a ligação com o meio externo e por isto passível de inoculações positivas ou negativas que seriam potencializadas pela educação.

¹⁷⁵ A presença do sol confirma a utilização de teorias etnocêntricas para justificar a inferioridade das raças dos países tropicais. De acordo com estas teorias os países não europeus eram periféricos e os povos aí estabelecidos eram fracos devido ao sol e clima tropicais, que os conduziam naturalmente à vadiagem e preguiça.

vitoriosamente sua mesa; (...) e, desde que o café encheu a casa com o seu aroma quente, Jerônimo principiou a achar graça no cheiro do fumo e não tardou a fumar também com os amigos”¹⁷⁶.

Uma vez mais o determinismo do meio sobre o indivíduo é ressaltado por Aluísio Azevedo. O confronto entre os hábitos, expresso através da diferenciação das culinárias brasileira e portuguesa, sugere a corrupção do português pelos cheiros, cores, sabores e modos cariocas. A utilização de condimentos e a adoção do fumo seriam apenas o início da “apimentada” relação de Jerônimo com o país. Relação que terminaria com sua sedução por uma mulata brasileira e o abandono de seu lar para viver com ela.

Aluísio Azevedo sugere que todas as mudanças ocorridas na vida de Jerônimo decorreram de sua convivência com os colegas de trabalho, com o fumo, o café, as rodas de samba e de viola que tinham lugar no interior do cortiço. O próprio clima, o sol escaldante a que ficava exposto na pedreira são apontados como determinantes das mudanças no caráter do português.

Nesse sentido é também significativa a descrição das trajetórias opostas dos imigrantes portugueses João Romão – o dono do cortiço – e Jerônimo – trabalhador da pedreira, supracitado –, à medida em que convivem com a população domiciliada no Cortiço de São Romão.

A ascensão do vendeiro, e aspirante a barão, João Romão é uma das linhas de força do Romance. Quando chegou ao Brasil, aos doze anos, o sistema econômico engendrado pelos portugueses fornecia um quadro propício aos lusitanos no país. Inicialmente trabalhando como empregado em uma casa comercial, João Romão sucede seu patrão após sua morte.

A ambição e avareza do jovem comerciante associadas à exploração da escrava Bertoleza, permitirão a João Romão uma rápida ascensão social. O comerciante, aproveitando-se do amor da escrava e de seus *instintos de melhora* genética através do *branqueamento*, assegura sua escalada social através da ajuda incondicional da negra:

“Ele propôs-lhe morarem juntos, e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza

¹⁷⁶ AZEVEDO, Aluísio: 1998, p. 75.

não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua”¹⁷⁷.

Embora este seja o único trecho em que o autor sugere a eugenia como forma de *melhorar* a população brasileira, este é significativo uma vez que o autor não mede palavras: caracteriza os negros como raça inferior e os iguala a animais, guiados não pela razão ou pelo amor, mas por instinto, na escolha de seus parceiros. Além disso, sugere que a origem do preconceito racial partiria dos próprios negros que negavam-se a reproduzir-se entre eles, procurando *uma raça superior à sua*.

Ao lado de João Romão a escrava Bertoleza passaria a exercer o papel de caixeiro, criada e amante. Durante o dia lidava em sua quitanda e durante a noite trabalhava na venda, “e o demônio da mulher ainda arrumava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa de seu homem...”¹⁷⁸.

Aluísio Azevedo segue descrevendo as verdadeiras proezas de economia feitas pelos dois parceiros e a forma como todo o dinheiro era economizado, indo direto, todo mês, para a Caixa Econômica, permitindo com que ao fim de um ano o comerciante pudesse adquirir algumas braças de terra ao fundo da taverna, dando início à construção de sua estalagem.

Além das referências às trajetórias de João Romão e Jerônimo, outros temas como a promiscuidade e o lesbianismo são apontados como fruto da atmosfera vivida nos cortiços. Além do deterioramento moral, a promiscuidade e o lesbianismo também contribuía para engrossar o contingente de doenças, dada a vida quase comum que levava-se em um cortiço.

Na descrição da relação entre Leónine e Pombinha, o tom determinista do naturalismo também prevalece. Poupada pela mãe de todas as tarefas domésticas, acostumada com uma educação que não se equiparava a seu nível de vida, Pombinha, quando adulta, deixaria o marido medíocre para ganhar dinheiro fácil através de sua associação com Leónine, a prostituta que tempos antes, a havia violentado:

“Por cima das duas passara uma geração inteira de devassos. Pombinha, só com três meses de cama franca, fizera-se tão perita como a outra; a sua

¹⁷⁷ AZEVEDO, Aluísio: 1998, p. 14.

¹⁷⁸ AZEVEDO, Aluísio: 1998, p. 15.

infeliz inteligência, nascida e criada no modesto lodo da estalagem, medrou logo admiravelmente forte dos vícios de largo fôlego; fez maravilhas na arte; parecia adivinhar todos os segredos daquela vida; seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avarento, todo o dinheiro que a vítima pudesse dar de si”¹⁷⁹.

O autor segue descrevendo o verdadeiro “talento” de Pombinha para a profissão e a forma como sua fortuna era apreciada no cortiço. Durante suas visitas as ruas enchiam-se de gente que a abençoava “com seu estúpido sorriso de pobreza hereditária e humilde”¹⁸⁰. O determinismo do autor que caracteriza a própria condição do pobre como hereditária não pára por aí: sugere a manutenção da condição do cortiço enquanto fornecedor de prostitutas.

A filha de Jerônimo, desde que o pai abandonara o lar, era ajudada por Pombinha, que lhe tinha uma especial feição, semelhante à que Leônine tinha por esta tempos atrás: “[...]A cadeia continuava e continuaria interminavelmente; o cortiço estava preparando uma nova prostituta naquela pobre menina desamparada, que se fazia mulher ao lado de uma infeliz mãe ébria”¹⁸¹.

O autor parece querer realçar que o destino do pobre era determinado pelo sistema social e econômico no qual vivia, mostrando que o caso de Pombinha não constituía-se em uma exceção, mas em regra. Aluísio Azevedo também chama atenção para o fato da decomposição familiar e a vida em comum, supostamente levada nos cortiços, fornecerem condições propícias à procura pela prostituição como meio de vida.

Objetivando ser um formador de opinião, o Aluísio Azevedo menciona a promiscuidade presente nos cortiços e as altas taxas de natalidade: “e as mulheres iam despejando crianças com uma regularidade de gado procriador”¹⁸². Os exemplos de promiscuidade são vários no romance, seja sob a forma do adultério, do lesbianismo, da prostituição ou do abuso de menores. O autor radicaliza seus exemplos no intuito de mostrar o que caracteriza como o *brotamento da vida como de uma podridão*¹⁸³.

Assim como em *Casa de Pensão*, o enredo de *O Cortiço* passa-se no cenário do Rio de Janeiro. Mas ao contrário do que ocorre em outras obras de Aluísio Azevedo, não há

¹⁷⁹ AZEVEDO, Aluísio: 1998, p. 171.

¹⁸⁰ AZEVEDO, Aluísio: 1998, p.170.

¹⁸¹ AZEVEDO, Aluísio: 1998, p.171.

¹⁸² AZEVEDO, Aluísio: 1998, p. 114.

¹⁸³ AZEVEDO, Aluísio: 1998, p. 171.

neste último romance uma descrição da aristocracia, mas do povo como personagem. Os cortiços, habitação da maior parte do operariado carioca em fins do século XIX, constituíam-se em um fenômeno social que preocupava seus contemporâneos, indo de encontro a seus planos “modernizantes”.

A escolha deste microcosmo social deve-se não apenas às facilidades que apresentava à experimentação – parte do método de trabalho de Azevedo. Este “universo” sintetizava as mudanças ocorridas nos últimos anos do século XIX no Rio de Janeiro. Os cortiços eram resultado direto do desenvolvimento desordenado associado à chegada massiva de migrantes e imigrantes.

Por todas as contradições presentes em seu seio e por significar uma espécie de síntese dos antagonismos da sociedade carioca do fim do século XIX, o cortiço pode, assim como a “casa de pensão”, ser considerado um personagem na obra de Azevedo. No romance sua descrição é minuciosa: vemos-lo nascer, crescer e transformar-se em estalagem ao longo da trama. Os personagens, em alguns momentos, perdem sua identidade, sendo descritos como parte da vida comum que tem lugar no Cortiço de São Romão.

Através da superposição de imagens, sons e sentidos – próprios do naturalismo – o autor parece dar idéia de que o cortiço tem vida própria. Como na passagem: “o vendeiro empurrou a porta do fundo da estalagem, de onde escapou, como de uma panela fervendo que se destampa, uma baforada quente, vozeria tresandante à fermentação de suores e roupa ensaboada, secando ao sol”¹⁸⁴.

Este fluxo de sensações, cheiros e ruídos parece pretender invadir o leitor, em um esquema muito próximo ao teatro¹⁸⁵. Mas não são os personagens que norteiam a cena, é o próprio cortiço que parece ter vida: “Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas”¹⁸⁶.

Situações parecidas acontecem também em *O Homem e O livro de Uma Sogra*. Na primeira obra os delírios e sonhos da histérica Magda se confundem com a própria

¹⁸⁴ AZEVEDO, Aluísio: 1998, p. 44.

¹⁸⁵ Não por acaso, em conversa com Coelho Neto, Azevedo teria afirmado: “Quando escrevo, pinto mentalmente. Primeiro desenho os meus romances, depois redijo-os”. *Apud.* MENEZES, Raimundo: 1949.

¹⁸⁶ MENEZES, Raimundo: 1949, p.30.

realidade da história como um todo, misturando sensações, fazendo alusões a trechos bíblicos. Já na segunda obra, quase todo o conteúdo compreende as transcrições de Olímpia – a referida sogra – a respeito de suas convicções, estudos e experiências sobre o casamento. Em ambos os casos – sonho e manuscrito – parecem ganhar vida própria, constituindo-se em personagens dentro das obras.

As epígrafes das obras de Aluísio Azevedo também nos oferecem dicas sobre sua opção pela escola naturalista e o teor de sua crítica social: Em *Casa de Pensão* podemos ler: “Desconfia de todo aquele que se arreceia da verdade”¹⁸⁷. Em *O Cortiço* uma das quatro epígrafes afirma as pretensões da obra, do autor e da escola naturalista: “La vérité, toute la vérité, rien que la vérité”¹⁸⁸.

As obras *O Livro de Uma Sogra*, *O Mulato* e *O Coruja* não têm epígrafes, mas a escolhida para *O homem*, entre um desabafo e um alerta, parece suprir esta ausência: “Quem não amar a verdade na arte e não tiver a respeito do Naturalismo idéias bem claras e seguras, fará, deixando de ler este livro, um grande obséquio a quem o escreveu”¹⁸⁹.

A crença na residência da verdade fundada na ciência fez com que o autor tematizasse doenças, se detivesse na análise fisiológica e psicológica dos personagens e abrisse espaço para a linguagem científica em seus textos. É significativa a referência a temas como a loucura, em um momento em que a cadeira de psiquiatria Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro acabava de ser criada e começavam a surgir os primeiros estudos sobre o assunto.

A preocupação com os dados, o estudo dos tipos e o conhecimento científico eram imprescindíveis para conferir verossimilhança à obra. Durante a escrita de *O Homem*, por exemplo, Aluísio chegou a enviar manuscritos ao amigo Antônio Fernandes Figueira, que preparava uma tese sobre a histeria.

A linguagem literária se cientificava na busca por agradar a um público sedento de novidades. O autor fornecia a seus contemporâneos um quadro amplo de uma parcela da sociedade carioca do último quartel do século XIX que o leitor, quase sempre, desconhecia.

Ao mesmo tempo, dirigia seu assunto através do detalhamento de determinadas situações e personagens. Esta era também uma maneira de direcionar a visão de mundo de

¹⁸⁷ AZEVEDO, Aluísio: 1999,p. 15.

¹⁸⁸ AZEVEDO, Aluísio: 1998,p. 12.

¹⁸⁹ AZEVEDO, Aluísio:1957, página de rosto.

uma sociedade sob vertigem do progresso acelerado e, contraditoriamente, agarrada a certas práticas que não mais convinham a um país aspirante a “moderno”.

A missão do literato expressava-se como um dever ou missão auto-atribuído de levar cultura ao povo dentro de uma estratégia do processo de modernização oitocentista brasileiro: divulgação através dos livros, obedecendo a uma concepção verticalizada da construção social. Mas até que ponto, tendo para si esta missão e balizado pelos parâmetros europeus da época, Azevedo não estaria reproduzindo-os, em detrimento de uma literatura que se pretendia nacional?

É importante ressaltar que Aluísio Azevedo, como qualquer literato, ocupava dois espaços no processo de fundação da nação: o de participante e o de registrador, que o faz segundo seus ideais estéticos, políticos e sociais. De acordo com Queiroz¹⁹⁰, pode-se notar três formas de compreender a realidade dentro deste “processo civilizador”: o projeto médico-higiênico, o evolucionismo e o determinismo.

A proposta de Zola contida em *O romance experimental* é que apoiado na observação e experimentação do escritor, o romance naturalista aproximaria a literatura do status de ciência vigente, equiparando o escritor ao desempenho do médico ou juiz. O autor propõe expor manifestações sociais, intelectuais e fisiológicas para mostrar o homem vivendo “no meio social que ele produziu e modifica todos os dias”¹⁹¹.

A partir das três citadas formas de compreensão da realidade em fins do século XIX e da proposta de Zola, bem como das declarações de Azevedo sobre a necessidade do uso de uma estética híbrida, podemos notar a convivência da nacionalidade nascente com a escola de origem européia através da tríade ciência, educação e moralidade.

Nos escritos naturalista e na obra de Azevedo, em especial, predominarão, em graus variados, o meio como fator determinante da ação, a ciência como norteadora da civilização e a moral como meio para se chegar a esta última. O meio físico e intelectual, aí incluída a educação, constituem-se fatores determinantes do futuro dos indivíduos, a ciência assume status de verdade indiscutível e a moral apresenta-se como forma de salvaguardar o núcleo familiar e reafirmar a missão pedagógico-educativa do literato, que oferece, firmado em documentos e fatos reais, casos para a apreciação pública.

¹⁹⁰ QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando: 1997, p. 72.

¹⁹¹ ZOLA, Emile. *Apud*. QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando: 1997, p. 82.

Desta forma, embora sofra influência dos modelos europeus e se comunique com os pressupostos de Zola, Aluísio Azevedo incorpora ambas as estéticas –

Capítulo 3: Rio de Janeiro: uma cidade no espelho

3.1- O Cenário: a cidade do Rio de Janeiro em fins do século XIX nas obras de Azevedo

*Por que estás rindo? A história refere-se a ti, apenas o nome está mudado.
(Horácio)*

Podemos caracterizar o trabalho de Aluísio Azevedo como uma tematização do tempo vivido. A partir de suas obras o autor opera uma seleção, empreendendo uma construção e interpretação do real que visava sensibilizar o público para determinada causa e direcionar seu comportamento frente a acontecimentos específicos.

Inserido em um grupo (literatos e políticos) que se auto intitula apto a criticar e propor soluções aos problemas de um grupo maior (a sociedade como um todo), Azevedo desafia seu tempo através da ironização, satirização e caricaturização dos excessos cometidos pela sociedade de modo geral e por seus pares, em específico, bem como através da exposição das mazelas sociais que este grupo de intelectuais e ativistas pretendia “varrer” da sociedade carioca aspirante a moderna.

Nesta atmosfera de otimismo geral pela civilização e progresso, havia também o rompimento de convicções, identidades e referências: “na cidade que estava sendo reconstruída era necessário criar e recriar, ver e rever, atualizar para os habitantes a sua imagem, num momento em que a medida do tempo já não é mais anos, mas minutos e segundos”¹⁹³.

É a partir desta perspectiva que Azevedo propõe um projeto social-literário que desafia seu tempo e utiliza suas obras como forma de difundir e convencer acerca de tal projeto, de modificação humana e moral, e não apenas das estruturas físicas da cidade. Na proposição deste “homem higiênico”, se a satirização e ironização propostas por Azevedo não provocam, de fato, uma transformação das regras sociais, as doses de crítica e irreverência chamam atenção para um múltiplo de exclusões e contradições cotidianas na sociedade carioca.

Na obra do autor é visível a tensão entre a cidade que se queria moderna e hegemônica e a cidade antiga. O projeto que buscou destruir a cidade de feição colonial,

¹⁹³ DIOGO, Marcia Cezar:2005, p. 467.

seus hábitos e costumes não levou, efetivamente, à construção da modernidade, uma vez que essa ruptura, lenta e conflituosa, com a história não se completou. No interior da sociedade as relações sociais foram pouco alteradas, prevalecendo a substantivação de um moderno construído: “um ideal progressista que só consegue mesmo alterar penteados, ou, como ocorreu de fato, as fachadas de edifícios”¹⁹⁴ :

A identificação das moradias populares como insalubres, antes de ser uma questão sanitária, era uma questão política. O que estava em jogo eram as tentativas de apagar o passado histórico representado por estes prédios, bem como defender os interesses comerciais da elite urbana e o incentivo à imigração por parte dos fazendeiros.

Em benefício destes novos interesses comerciais e pessoais, não importava o destino do pobre urbano, com poucas opor

Para “ser moderno” alguns pensadores acreditavam ser preciso ter passado, resgatar o passado do país. Outros acreditavam que o melhor seria mesmo esquecer as heranças coloniais – fruto de muitos dos problemas - e dedicar-se a “criar” uma história mais coerente a uma nação civilizada e moderna.

Na luta entre herança e vanguarda, protagonizada por intelectuais e políticos do período, não bastava construir uma nação, era preciso definir que cara teria ela e sobre quais bases se assentaria. Este foi o tom do debate predominante no contexto de criação das obras aqui analisadas: a tensão permanente da identidade brasileira dividida entre ser original e tributária da cultura universal¹⁹⁶.

As obras de Azevedo se organizam com objetivos bem definidos: promover a mudança de gosto literário no público leitor, servir ao papel social de orientação e exposição de mazelas sociais. Além disso, deveriam disseminar preceitos morais socialmente aceitos, sendo que estes renunciavam que a sua negação poderia levar a caminho semelhante ao do personagem, uma vez que a obra era baseada no real.

Dentre as obras selecionadas, as mais significativas do ponto de vista das reformas físicas, pelas quais deveria passar a cidade do Rio de Janeiro, em relação às mudanças na postura médica, são *O Cortiço* e *Casa de Pensão*. Em *O Mulato* também podemos encontrar algumas críticas com relação à colonização portuguesa, mas estas em sua maioria dizem respeito aos aspectos morais, o que predomina também nas outras três obras.

Aluísio Azevedo critica em *O Mulato* os efeitos do colonialismo português que se prolongam até sua época, sobretudo em uma província como o Maranhão, afastada do então centro político, o Rio de Janeiro. As críticas contra este neocolonialismo pós-independência cristalizam-se sobretudo na sátira aos comerciantes portugueses, caracterizados como arrivistas e sem escrúpulos, a exemplo do que também acontecerá em *O Cortiço*.

A ligação de Maranhão com Portugal é apontada como um sinal de conservadorismo e estagnação: “... não há Maranhão como este! Isto nunca deixará de ser uma colônia portuguesa! O alto governo não faz caso das províncias do Norte!”¹⁹⁷. Raimundo, o protagonista, volta-se para a França e Estados Unidos, símbolos de civilização e progresso, nos quais a sociedade brasileira a ser construída deveria inspirar-se,

¹⁹⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy: 2002, p. 163.

¹⁹⁷ AZEVEDO, Aluísio: 1962, p. 247.

principalmente no que dizia respeito aos princípios republicanos e liberais daquelas sociedades:

“(...) como quer você que o povo seja instruído num país, cuja riqueza se baseia na escravidão e com um sistema de governo que tira a sua vida justamente da ignorância das massas?...Por tal forma, nunca sairemos deste círculo vicioso! Não haverá república enquanto o povo for ignaro, ora enquanto o governo for monárquico, conservará, por conveniência própria, a ignorância do povo; logo – nunca haverá república!”¹⁹⁸.

Em *O Cortiço*, ao descrever o furto de materiais e a exploração de mão-de-obra para a construção, o autor revela também a ausência de caráter de seu dono, deixando, mais uma vez, transparecer o sentimento anti-português então em voga. Azevedo descreve em minúcias a forma como o vendeiro João Romão persuadia a escrava Bertoleza tomando-a sua cúmplice nos pequenos furtos de tijolo, cal e cimento realizados nas construções da vizinhança, dos quais nem mesmo as ferramentas dos pedreiros escapavam.

O furto de materiais sugere ainda a precariedade destas construções, também explicitada por um observador do período:

“as estalagens antigas têm um aspecto mais primitivo, mais grotesco, mais mal acabado. São ligeiras construções de madeira, que o tempo consolidou pelos concertos clandestinos, atravancadas nos fundos de prédios, tendo um segundo pavimento acaçapado como o primeiro e ao qual se ascende dificilmente por escadas íngremes, circundado também por varandinhas de gosto esquisito e contextura ruínosa. Isto que aí fica resumido é o cortiço, cujo interior a pena naturalista de Aluísio Azevedo deixou para sempre gravada com seu majestoso traço pictural”¹⁹⁹.

A ausência de acabamento, a desconjuntura de cômodos e áreas externas, a aparência ruínosa presente na descrição de Backeuser sobre os cortiços coincide com a descrição física das moradias populares na obra de Azevedo, que ele caracteriza como um “desenho” da realidade, sobretudo no que diz respeito ao interior destas moradias, ou seja, seus moradores e hábitos. Delineava-se o projeto tomado para si, pelo autor, de “formação das almas” através do combate aos costumes recorrentes entre a população domiciliada nos cortiços.

¹⁹⁸ AZEVEDO, Aluísio: 1962, p.246.

¹⁹⁹ BACKEUSER. *Apud*. BENCHIMOL, Jaime Larry: 2003, p.236.

No entanto, a modernização empreendida pela elite brasileira a fim de tornar a capital da república mais atraente para visitantes, imigrantes e investidores, deixou milhares de trabalhadores sem casa e outros tantos em habitações cada vez mais precárias e insalubres. Nestas condições, mais uma vez o sonho de construção de um quadro de vida em moldes europeus viu-se adiado pela ineficiência na “formação das almas”:

“E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco”²⁰⁰.

Os administradores da corte começaram a notar a existência de cortiços na cidade do Rio de Janeiro, segundo Sidney Chalhoub²⁰¹, na década de 1850, após uma epidemia de febre amarela, neste ano, e outra de cólera, em 1855. Além de terem contribuído para a elevação das taxas de mortalidade, estas epidemias levantaram uma polêmica em torno das condições sanitárias da cidade, e sobretudo das habitações coletivas:

“... aí, todos os anos, irrompiam epidemias mais ou menos mortíferas, variando os índices de morbidade e mortalidade conforme a sinergia a um só tempo biológica e social dos viventes que se concatenavam no curso de cada doença”²⁰².

A República instaurada em 1889 alterou a Constituição do Estado, mas não a constituição das cidades. Seguindo a acepção astronômica da palavra, em detrimento da social –, a revolução constituíra-se em um movimento circular no plano político, sem grandes modificações na instância social, proporcionando a manutenção, remanejada, dos “donos do poder”²⁰³. A abolição da escravatura, por sua vez, havia modificado algumas estruturas, sobretudo no que dizia respeito ao aumento do número de desempregados e encortçados.

O fato é que consumados dois dos ideais da geração de intelectuais de 1870, pouca coisa havia efetivamente mudado, e algumas estruturas haviam sido deterioradas, tal o caso das habitações populares, agora ainda mais superlotadas e carentes de higiene. Apesar da

²⁰⁰ BACKEUSER. *Apud*. BENCHIMOL, Jaime Larry: 2003, p.236.

²⁰¹ CHALHOUB, Sidney:1999, p. 29.

²⁰² BENCHIMOL, Jaime Larry: 2003, p.237.

²⁰³ NEVES, Margarida de Souza: 2003, p.26.

formação dos bairros, a escassez e altos preços do transporte, os baixos salários, a distância do trabalho, e a ausência de emprego fixo, contribuíam para a condensação populacional na área central da cidade, realçando a incompatibilidade entre a antiga estrutura física e as novas relações econômicas da capital republicana.

O romance de Azevedo reforça o argumento do adensamento populacional dos cortiços ser decorrente, em parte, das necessidades de proximidade do trabalho:

“Não obstante, as casinhas do cortiço, à proporção que se atamancavam, enchiam-se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem. Havia grande avidez em alugá-las; aquele era o melhor ponto para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação”²⁰⁴.

A proximidade do trabalho e o custo do aluguel, eram, quase sempre, os responsáveis pelo “atamancamento” do pobre urbano em moradias de insalubridade proporcional ao número de habitantes. A caracterização, feita por Aluísio Azevedo, dos cortiços como lugares úmidos, lodosos, quentes e, portanto, propícios à “brotação” de miasmas e doenças era corrente em fins do século XIX.

Epicentro da economia e cultura brasileira de fins do século XIX, o Rio de Janeiro também condensa e expõe as insuficiências do país, pólo de compactação das misérias de uma sociedade escravagista: “se a partir da Revolução industrial a cidade é, por um lado, a porta da civilização e do progresso, é por outro a ante-sala de um inferno social”²⁰⁵.

Os higienistas foram os primeiros a formular um discurso sobre as condições de vida no Rio de Janeiro, propondo intervenções para restaurar o equilíbrio do “organismo” urbano. E entre os fatores condenados estavam as habitações coletivas – aí incluídos seus habitantes e hábitos.

Os hábitos dos moradores, sua suposta sujeira física e moral, bem como os gananciosos proprietários também eram condenados pelos higienistas, mas a estrutura dos cortiços foi alvo das críticas mais contundentes. Estas habitações, caracterizadas como úmidas, sem ar e luz, eram taxadas de fermentadores e putrefatórios, sendo responsabilizadas pela liberação de “nuvens de miasmas”.

²⁰⁴ AZEVEDO, Aluísio: 1998, p. 21.

²⁰⁵ LESSA, Carlos: 2000, p. 151.

O cortiço descrito por Aluísio Azevedo é revelador das condições estruturais e higiênicas destas moradias:

“Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. [...] Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração ruínosa de machos e fêmeas. (...) O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não molhar (...). As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas”²⁰⁶.

Na sociedade carioca de fins do século XIX os pântanos, a umidade e as águas paradas eram apontados como “fermentadores” de doenças. A referência à abundância de água, nesta passagem e em outras, no que dizia respeito ao ofício das lavadeiras, sugerem a concordância do autor com as autoridades médico-higiênicas sobre a qualidade dos cortiços enquanto meio de produção e emanação miasmática.

O uso de latrinas em comum, as crianças “despachando” a céu aberto e junto às hortas, deixa transparecer a superlotação dos cortiços e a contaminação do solo, propícios ao surgimento de doenças. Além disso, a presença de crianças na cena sugere a perpetuação destes hábitos que não mais convinham à recém criada capital da República.

O enterro de corpos em igrejas, animas mortos atirados à rua, lixos e valas a céu aberto, matadouros, açougues e mercados livres eram outros aspectos da vida urbana condenados pelos higienistas, que os consideravam perigosos tanto para a integridade dos alimentos quanto do próprio ar. A descrição de uma cena do “despertar” do cortiço, de Aluísio Azevedo, nos permite vislumbrar como o autor pretendeu frisar em sua obra a ausência de regras higiênicas:

“O padeiro entrou na estalagem, com a sua grande cesta à cabeça e o seu banco de pau fechado debaixo do braço, e foi estacionar em meio ao pátio, à espera dos fregueses, pousando a canastra sobre o cavalete que ele armou prontamente. Em breve estava cercado por uma nuvem de gente. (...) Uma vaca, seguida por um bezerro amordaçado, ia, tilintando tristemente o seu chocalho, de porta em porta, guiada por um homem carregado de vasilhame de folha. [...] E, durante muito tempo, fez-se um vaivém de mercadores.

²⁰⁶ LESSA, Carlos: 2000, p. 30.

Apareceram os tabuleiros de carne fresca e outros de tripas e fatos de boi; só não vinham hortaliças, porque havia muitas hortas no cortiço²⁰⁷.

A venda de alimentos ao ar livre, sobretudo carnes e vísceras de animais, permitindo o contato com mosquitos e outros insetos, bem como a venda de leite de porta em porta, com a liberação sendo estimulada pela mamada do bezerro, e com os detritos dos animais sendo deixados ao longo do caminho, expunham os moradores dos cortiços a todo tipo de doenças. A passagem também revela algumas profissões do Rio antigo para as quais era necessário o ganho diário, de porta em porta, e portanto a proximidade da moradia com o centro.

No entanto, a preocupação das lideranças políticas e dos comerciantes muitas vezes não referiam-se às condições de salubridade dos cortiços e bem estar dos moradores, mas ao perigo que representavam para a população vizinha. Um relato da Companhia de Saneamento do Rio de Janeiro nos permite visualizar esta questão: “Os cortiços e estalagens (...), infeccionados como se acham por suas condições sanitárias, são os focos principais donde surgem epidemias e nascem afecções mórbidas em ameaça constante aos moradores próximos²⁰⁸”.

A vizinhança dos cortiços, muitas vezes, era composta por comerciantes que viviam em sobrados erguidos sobre suas casas comerciais. O exemplo de Miranda no texto de Azevedo retrata a inquietação dessa nova elite frente ao crescimento desordenado deste fenômeno urbano:

“O Miranda rebentava de raiva. – Um Cortiço! exclamava possesso. Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço debaixo das janelas!... Estragou-me a casa, o malvado. [...]E durante dois anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente, E ao lado o Miranda assustava-se, inquieto com aquela exuberância brutal de vida, aterrado defronte daquela floresta implacável que lhe crescia junto da casa, por debaixo das janelas, e cujas raízes, piores e mais grossas do que serpentes, minavam por toda parte, ameaçando rebentar o chão em torno dela, rachando o solo e abalando tudo²⁰⁹”.

²⁰⁷ LESSA, Carlos: 2000, p. 31.

²⁰⁸ ARTHUR SAUER (dono da Companhia de Saneamento do Rio de Janeiro). *Apud.* CHALHOUB, Sidney:1999, p. 53.

²⁰⁹ AZEVEDO, Aluísio: 1998, pp. 21 – 23.

A descrição, extremamente significativa do ponto de vista das descobertas científicas da época, sobre as fortaleza das raízes do cortiço, que minavam a terra ameaçando rebentar o chão, parece ser uma referência à falta de tato dos governantes e intelectuais para lidar com a proliferação das habitações coletivas, que tiravam-lhes não só o chão, mas o próprio sono.

O crescimento desordenado da cidade e sobretudo das habitações coletivas, o aumento do número de desempregados e a degradação das condições higiênicas após a Abolição e a Proclamação da República “rachava” o solo das possibilidades de civilização vislumbradas pelos intelectuais e abalava suas certezas.

A preocupação das elites dizia respeito não só à higiene, mas sobretudo à má fama e imagem que os cortiços representavam para o estrangeiro, prejudicando as transações comerciais e a imigração. Para estes novos comerciantes, a imagem era a alma do negócio. A prosperidade dos cortiços, a despeito dos esforços higienistas, preocupava aos que deles não obtinham lucro e arriscavam-se a ainda ter prejuízo.

Nas obras selecionadas a oposição entre os sobrados da elite e as habitações populares, a convivência destas duas realidades tão opostas do Rio de Janeiro do final do século XIX é uma constante. Em *Casa de Pensão* são várias as referências a transformações de casas de família em pensões ou casas de cômodos, seja por falência ou por ganância:

“[...] Em tal aperto lembrou-se a pobre mãe de admitir hóspedes; a casa que ficou tinha bastante cômodos e prestava-se admiravelmente para a coisa”²¹⁰.
 “O certo é que as obras se fizeram, e a célebre casa de pensão de Mme. Brizard (...) transformou-se num desses melancólicos sobradões de alugar quartos, que se observam a cada canto do Rio de Janeiro”²¹¹.

Também em *O Homem em frente ao sobrado do Conselheiro*, no bairro de Laranjeiras, há um cortiço cujos moradores povoam os delírios de Magdá: “Morava com a tia Zefa ali defronte, naquela casinha de duas janelas com entrada pela estalagem”²¹². Mesmo em um bairro conhecido como refúgio das elites, por suas praias, praças e ar puro,

²¹⁰ AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 64.

²¹¹ AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 216.

²¹² AZEVEDO, Aluísio: 1957, p. 60.

nota-se a presença das estalagens e cortiços, possivelmente devido à proximidade com o trabalho na pedreira.

De acordo com Carlos Lessa:

“há um ciclo de formação do cortiço. O pobre livre busca a proximidade ao mercado de subsistência. A água é outro fator decisivo para a fixação da moradia. O rico busca se afastar, com medo das doenças. Sua antiga residência, desvalorizada, converte-se em cortiço. No Rio, a partir do centro, ativou-se uma progressão de neo-encortiçamento”²¹³.

A despeito dos anseios de intelectuais e da revolta dos donos de sobrados afidalgados, a lógica rentista permanecia. A população pobre domiciliada nos cortiços tinha sua saúde em risco, mas na cidade pré-industrial o lucro prevalecia sobre a dignidade humana.

Os cortiços, embora insalubres, eram uma enorme fonte de renda, e muitas pessoas da alta sociedade se dispunham a explorá-los. O próprio Cabeça de Porco – o maior do Rio de Janeiro – tinha por dono o Conde D’Eu. No romance de Azevedo o enriquecimento da elite às custas da exploração dos pobres também é ressaltado:

“Agora na mesma rua germinava outro cortiço ali perto, o “Cabeça de gato”. Figurava como seu dono um português que também tinha venda, mas o legítimo proprietário era um abastado conselheiro, homem de gravata lavada, a quem não convinha, por decoro social, aparecer em semelhante gênero de especulações”²¹⁴.

A “germinação”, acelerada pelo desencadeamento das relações capitalistas, estaria pondo em risco a imagem da nova elite, a qual o decoro social impedia de figurar como donos dos cortiços, mas a ganância por dinheiro não permitia abandonar a “mina de ouro”.

A especulação imobiliária nas áreas em que as reformas urbanas haviam melhorado a estrutura dos quarteirões e o rápido crescimento demográfico da cidade só tendiam a piorar a situação, aumentando o poder de barganha dos corticeiros e deteriorando a qualidade de vida do pobre urbano, com menores possibilidades de passear pelos trechos remodelados: “os preços dos cômodos subiam, e muitos dos antigos hóspedes, italianos

²¹³ LESSA, Carlos: 2000, p. 177.

²¹⁴ AZEVEDO, Aluísio: 1998, p. 114.

principalmente, iam, por economia, desertando para o Cabeça de Gato e sendo substituídos por *gente mais limpa*²¹⁵.

O vendeiro João Romão, do romance *O Cortiço*, tinha consciência da situação indecorosa que era figurar como dono do cortiço. À medida que enriquecia, não mais lhe convinha a companhia da negra Bertoleza – de quem se livrará através da denúncia de sua fuga à polícia – e o convívio com os encortiçados.

Neste último caso, o incêndio do cortiço acaba por constituir-se em momento mítico, revelador da redenção do cortiço pelo fogo, permitindo a João Romão despejar quem não lhe convinha e construir sua tão sonhada estalagem.

Após uma primeira tentativa reprimida de incendiar o cortiço, uma moradora, tida como louca, consegue finalmente atingir seu objetivo. Mas apesar do fogo ter trazido grandes perdas para seus moradores, não atingiu o proprietário, chegando inclusive a beneficiá-lo:

“O vendeiro, com efeito, impressionado com a primeira tentativa de incêndio, tratara de assegurar todas as suas propriedades; e, com tamanha inspiração o fez que, agora, em vez de lhe trazer o fogo prejuízo, até lhe deixava lucros.[...] – Vou reedificar tudo isto! declarou João Romão, com um gesto enérgico que abrangia toda aquela babilônia desmantelada. [...] Daí a dias, com efeito, a estalagem metia-se em obras.[...] O cortiço já não era o mesmo: estava muito diferente, mal dava idéia do que fora. O pátio, como João Romão prometera, estreitara-se com as edificações novas; agora parecia uma rua, todo calçado por igual e iluminado por três lampiões grandes, simetricamente dispostos. Fizeram-se seis latrinas, seis torneiras d’água e três banheiros. Desapareceram as pequenas hortas, os jardins (...) e os imensos depósitos de garrafas vazias. À esquerda, até onde acabava o prédio do Miranda, estendia-se um novo correr de casinhas de porta e janela, e daí por diante, acompanhando todo o lado do fundo e dobrando depois para a direita, e daí por diante, erguia-se um segundo andar (...). De cento e tantos a numeração dos cômodos elevou-se a mais de quatrocentos. Poucos lugares havia desocupados”²¹⁶.

Uma vez mais a loucura aparece como tema na obra de Aluísio Azevedo. A velha louca atea fogo ao cortiço, mas desta vez a loucura é tratada como algo benéfico para a sociedade. O incêndio do cortiço sugere uma dimensão mítica, providencial, de eliminação

²¹⁵ AZEVEDO, Aluísio: 1998, p. 169 (grifo meu).

²¹⁶ AZEVEDO, Aluísio: 1998, pp. 145-146.

das “chagas da cidade”. Nesse sentido a reforma que seria empreendida anos mais tarde simbolizaria o fogo redentor de Azevedo.

A reconstrução do cortiço é também significativa, uma vez que com ela podemos notar a diminuição dos espaços para circulação de ar e pessoas, bem como a supressão dos últimos espaços verdes que se prestavam à purificação do ambiente. A pouca presença de luz, natural e artificial, também sugere a propensão à promiscuidade, da mesma forma que a desproporção entre o número exorbitante de casinhas e o insignificante de banheiros, latrinas e torneiras.

As subdivisões dos quartos e a ausência de ar e luz é também apontada por Carlos Lessa: “(...) palácios retalhados em cubículos, muitos deles com compartimentos mostrando divisões de anagem, ou tabiques forrados a papel, sem ar e sem luz, onde se reúnem inúmeras famílias”²¹⁷. O autor afirma ainda que, embora representassem 3% dos prédios da cidade na década de 70, os cortiços albergavam 10% da população carioca.

A efervescência ideológica dos anos iniciais da República, as conflitantes propostas de cidadania, as incertezas quanto ao futuro e a presença do povo como platéia que assistia a tudo “bestializada”, estava longe de constituir-se no que os intelectuais haviam imaginado para o país. O caminho da civilização e progresso parecia sumir no horizonte, em meio à ignorância de governantes e governados.

A “revolução” do cortiço, promovida por João Romão, também pretendia acabar com as incursões da polícia e as brigas entre moradores. Supondo que estas últimas aconteciam, sobretudo, nos meios mais pobres, o comerciante tratou de substituir os moradores por “gente mais limpa”, física e moralmente. A redução do pátio e a extinção das tinas revelam alguns dos artifícios utilizados com vistas à concretização do desejo de melhoria do “nível” dos moradores.

Com a reforma do cortiço, também alguns de seus moradores são “reformados”, indo os antigos, por economia e falta de opção, morar no cortiço que surgira defronte do São Romão. O próprio autor sugere uma hierarquização entre os cortiços: “O Cabeça de Gato, à proporção em que o São Romão engrandecia, mais e mais ia-se rebaixando,

²¹⁷ LESSA, Carlos: 2000, p. 176.

acanalhando, fazendo-se cada vez mais torpe, mais abjeto, mais cortiço, vivendo satisfeito do lixo e da salsugem que o outro rejeitava...”²¹⁸.

A seleção dos moradores, também apontada pelo autor em *Casa de Pensão*, é cada vez mais rigorosa devido às *melhoras* de algumas moradias, é minuciosamente descrita por Aluísio Azevedo, que retrata o perfil dos novos moradores do cortiço:

“E como a casa comercial de João Romão, prosperava igualmente a sua avenida. Já lá não se admitia assim qualquer pé-rapado; para entrar era preciso carta de fiança e uma recomendação especial. (...) O preço dos cômodos subiram. (...) Decrescia também o número de lavadeiras, e a maior parte das casinhas eram ocupadas por famílias de operários, artistas e praticantes de secretaria. O cortiço aristocratizava-se”²¹⁹.

A descrição segue retratando a substituição dos antigos moradores por alfaiates, costureiras, relojoeiros, pintores e cigarreiros. Além disso, o próprio dono do cortiço é descrito em sua “nova forma”: vestido de casimira, freqüentando um confeitaria na Rua do Ouvidor e cortejando a filha do comendador.

Mais uma vez Azevedo critica a reforma superficial e puramente estética que se tentava promover, alertando para a necessidade de modificação dos costumes, de “formação das almas”. Não só os costumes dos pobres, mas também de parte da burguesia que fechava os olhos aos problemas da cidade: “... somente D. Estela conservou inalterável a sua fria fisionomia de mulher que não dá verdadeira importância senão a si mesma”²²⁰.

A identificação dos cortiços como focos geradores dos “germes” da febre amarela, de meios propícios às evoluções miasmáticas, revela grande significado político e simbólico. Na impossibilidade de transformação radical do espaço construído, a idéia era tentar amenizar os problemas através da abertura de ruas e avenidas mais largas, aterro de pântanos e demolição das habitações consideradas insalubres.

Mas a proliferação dos cortiços à revelia da vontade das classes dirigentes, preocupava a Inspetoria de Higiene, que calculava que a população domiciliada nos cortiços em 1890 já representava o dobro da de 1888, ou seja, mais de 100000 habitantes. O aumento, certamente ligado à abolição, associado a um novo surto epidêmico, acarretou a

²¹⁸ LESSA, Carlos: 2000, p. 169.

²¹⁹ LESSA, Carlos: 2000, p. 169.

²²⁰ LESSA, Carlos: 2000, p. 172.

intensificação das campanhas higienistas. Vários cortiços foram fechados e demolidos a partir de 1890, inclusive o Cabeça de Porco, demolido em 1893²²¹.

Para Sidney Chalhoub a destruição do Cabeça de Porco marcou o início do fim de uma era, uma vez que dramatizou o processo de erradicação dos cortiços cariocas, transformando-se no mito de origem de toda forma de conceber as diferenças sociais na cidade²²². Domesticada politicamente, a capital federal precisava ser modificada em seus usos e costumes, tornando-se cartão postal da cidade, no qual não deveriam aparecer as imagens das “repúblicas dos cortiços”²²³, das “sentinas sociais”²²⁴.

No entanto, a grande reforma urbana pela qual a cidade passaria, visando à modernização e higienização - que constariam nos manuais positivistas - a fim de tornar-se atraente para a elite e seus convidados estrangeiros, revelaria contradições profundas no seio da sociedade carioca.

A escassez de habitação para o pobre urbano foi agudizada pela construção das grandes avenidas, que fez subir aluguéis, superlotou cômodos e deteriorou conseqüentemente ainda mais as condições higiênicas, adiando o sonho de construção da nossa *Paris tropical*.

Na virada do século, ao lado das habitações coletivas erguia-se outra modalidade de habitação popular, a “dois passos da Grande Avenida”: a favela. O Morro da Providência recebeu este nome quando nele começaram a se instalar os soldados regressos da guerra Canudos, no sertão nordestino, onde as flores de mesmo nome chamavam atenção em meio à aridez da paisagem.

Na capital federal, ao contrário, as favelas é que revelavam a aridez que comprometia o alcance da “civilização”:

“Para ali vão os pobres, os mais necessitados, aqueles que, pagando duramente alguns palmos de terreno, adquirem o direito de escavar as

²²¹ Apesar das controvérsias sobre o número exato de moradores do “Cabeça de Porco”, maior cortiço carioca, estima-se que cerca de 4000 pessoas chegaram a morar aí, sendo que às vésperas de sua demolição ainda conservava 400 moradores. Após vários mandatos de despejo e interdição, em vão, o cortiço foi invadido e demolido, com móveis e moradores ainda em casa. Alguns só salvaram as roupas do corpo. Há indícios de que Azevedo se espelhou neste caso para criar sua obra *O Cortiço*, dadas algumas semelhanças citadas, como localização, número e perfil dos habitantes.

²²² CHALHOUB, Sidney: 1999, p. 17.

²²³ CARVALHO, José Murilo de: 1987, p. 39.

²²⁴ Barata Ribeiro. *Apud.* CHALHOUB, Sidney: 1999, p. 29.

encostas do morro e fincar com quatro mourões os pilares de seu palacete... Ali não moram apenas os desordeiros, os facínoras, como a legenda (que já tem a favela) espalhou; ali moram também operários laboriosos que a falta ou a carestia dos cômodos atira para esses lugares altos”²²⁵.

O recém criado “cartão postal” carioca, síntese das contradições da modernização excludente que teve lugar na capital federal, revelava já o preconceito e discriminação que haveria de persistir com relação aos pobres urbanos que, da senzala, passando pelos cortiços, pensões e estalagens até chegar às “modernas” favelas, tiveram poucas melhoras no tocante à habitabilidade e higiene de suas moradias. “Nem bem se anunciava o fim da era dos cortiços, e a cidade do Rio já entrava no século das favelas”.²²⁶

3.2- Higiene física e moral: os entraves ao estabelecimento da “civilização” :

Aluísio Azevedo, como parte dos intelectuais de fins do século XIX que se julgavam detentores dos códigos de acesso à modernidade e civilização, acreditava que a construção de uma identidade nacional que proporcionasse ao país figurar entre os mais civilizados, passava não apenas por reformas físicas, mas sobretudo por uma mudança dos costumes. A análise dos costumes na busca por compreender os elementos determinantes da realidade do país, traçar seu projeto de nação e estabelecer um ponto de vista a partir de seus livros e crônicas, é uma preocupação perceptível na obra de Azevedo.

A descrição recorrente dos portugueses como homens inescrupulosos e capazes das maiores atrocidades – que o autor faz questão de descrever com detalhes – a fim de atingir seus objetivos, era possivelmente fruto do sentimento anti-lusitano em voga no fim do século XIX. A caracterização daqueles como arrivistas sociais, que deixam sua pátria para vir enriquecer no Brasil, é uma clara propaganda depreciativa das origens brasileiras a serem extintas nas “reformas” – sobretudo morais – rumo à modernidade.

A influência da escravidão sobre a estrutura da família e inclusive como fator degenerativo do caráter e da estrutura fisiológica e psicossocial dos indivíduos, a necessidade de reforma do ensino – primário e superior - e de extinção dos domínios locais

²²⁵ BAKCHEUSER. *Apud*. BENCHIMOL, Jaime Larry:2003, p. 291.

²²⁶ CHALHOUB, Sidney: 1999, p.17.

em favor da unidade nacional, e a figura das casas de pensão enquanto microcosmo de degenerescência social são alguns assuntos abordados em *Casa de Pensão*.

Envolvido em seu plano de reforma nacional, Aluísio Azevedo, segundo um projeto que previa “educar a pátria e formar almas”²²⁷, e crente de seu papel de vocacionado a fornecer os códigos de formação dessas almas, cria que a reforma social passava, necessariamente pela educacional. Dedicou-se então a depreciar o sistema escolar existente, bem como os mantenedores daquela ordem absurda: os pais e mestres.

Nesta nova empreitada, o autor, ao descrever a má influência de uma formação acadêmica distorcida sobre o caráter dos indivíduos e os destinos do país, empenhou-se em depreciar ao máximo a postura de pais e professores.

O professor de Amâncio, Antônio Pires, é descrito como “...homem grosseiro, bruto, de cabelo duro e olhos de touro”²²⁸ que “batia nas crianças por gosto, por um hábito do ofício. Na aula só faltava berrar, como se dirigisse uma boiada”²²⁹. E as crianças, embora tivessem pavor do professor, riam quando ele dizia besteiras e “... iam-se acostumando ao servilismo e à mentira”²³⁰.

A caracterização dos atos de Antônio Pires como “hábito do ofício” sugere o erro geral cometido por professores e pais, que julgavam a escola uma extensão do lar, elogiando, muitas vezes, a rispidez do mestre e autorizando-o a dobrar o castigo se isto fosse preciso para conter as travessuras.

A visão da escola como extensão do lar em uma sociedade patriarcal e escravocrata é igualmente criticada. Segundo Azevedo: “Os pais ignorantes, viciados pelos costumes bárbaros do Brasil, atrofiados pelo hábito de lidar com escravos, entendiam que aquele animal era o único professor capaz de ‘endireitar os filhos’ ”²³¹.

O autor chega a ser sarcástico ao descrever como as lições eram “passadas” aos alunos e a corrupção presente em vários setores da sociedade:

“Foi, contudo, ‘aprovado plenamente’. Mas não sabia nada, quase que não sabia ler. Da gramática apenas lhe ficaram de cor algumas regras, sem que ele compreendesse patavina do que elas definiam. O Pires nunca explicava: -

²²⁷ CARVALHO, José Murilo de: 1990.

²²⁸ AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 23.

²²⁹ AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 23.

²³⁰ AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 23.

²³¹ AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 23.

se o pequeno tinha a lição de memória, passava outra, e se não tinha, dava-lhe algumas palmatoadas e dizia-lhe que trouxesse a mesma para o dia seguinte”.²³²

Mais uma vez a crítica ao sistema de ensino – que será retomada e aprofundada na descrição dos exames prestados por Amâncio na Faculdade – vem acompanhada do caráter determinista do romance naturalista.

O autor é claro sobre a influência destes episódios da infância na formação do caráter de Amâncio, que habituou-se a fazer falsa idéia de seus semelhantes, julgar os homens por seu pai e pelo professor, desconfiar de todos e fingir que era o que todos queriam que ele fosse: um gênio para o professor, um anjo para a mãe e a avó, um bruto para o pai e um amante para as mulheres.

A crítica ao sistema de ensino estende-se também à elite que tinha acesso a esse estudo, para a qual muitas vezes o que interessava era o título obtido e não propriamente o conhecimento. Aluísio Azevedo descreve como foi feita, por exclusão, a escolha do curso por Amâncio: não gostava de matemática, o que o fez desistir da Marinha; agarrou-se à Medicina porque o Direito, que lhe afigurava mais fácil, também não dava o mesmo status.

Em suas reflexões sobre o caráter enfadonho do curso de medicina, o protagonista relembra algumas palavras de seu pai a respeito das artes quando soube que o filho de um conhecido iria estudar na Europa:

“ O velho Vasconcelos nunca tomou a sério os artistas “Uns pedaço d’asnos!” qualificava ele, e, de uma feita em que o Franco de Sá lhe comunicou os seus projetos de estudar pintura na Europa, o negociante fez uma careta e exclamou batendo-lhe no ombro: ‘homem, seu Sazinho! Não queria eu que lhe aconselhasse semelhante cabeçada... porque, meu amigo, isto de artes é uma cadelagem! Procure meios de obter cobres, e o senhor terá à sua disposição os artistas que quiser”²³³.

Para Amâncio o curso de medicina figurava como a descrição do pai sobre as artes: com dinheiro também se obtinha os melhores médicos e portanto não valeria a pena passar anos na academia... Imerso em suas reflexões o protagonista, no entanto, logo reitera seu raciocínio:

²³² AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 28.

²³³ AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 37.

“ Mas, nesse caso, a questão muda de figura!... dizia-lhe uma voz que vinha de dentro de seu próprio raciocínio. Não se trata aqui de fazer um *médico*, trata-se de fazer um *doutor*, seja ele do que bem quiser! Não se trata de ganhar uma *profissão*, trata-se de obter um *título*. Tu não precisas de meios de vida, precisas é de uma posição na sociedade. [...] – Doutor, hein?! repetia Amâncio, meio animado com o prestígio que ao nome lhe daria o título. – Doutor Amâncio! Doutor Amâncio de Vasconcelos! Não fica mal! não fica! A mãe tinha razão: - Era preciso ser doutor!”²³⁴.

Este trecho é revelador das concepções de Azevedo sobre a elite brasileira. A denúncia da compra de títulos²³⁵, das indicações através de cartas de recomendação, e por fim a futilidade de uma categoria que tinha dinheiro mas não prestígio – os prósperos fazendeiros das províncias ou os comerciantes estrangeiros, sobretudo portugueses enriquecidos, como o próprio pai de Aluísio Azevedo –, o qual tentava-se obter através dos estudos dos filhos. Título para os pais, sonho para as mães, status para o portador, a medicina figurava-se em tábua de salvação para os filhos da nova elite brasileira.

Reiterando sua crítica ao ensino de base e estendendo-a ao superior, Aluísio Azevedo aproveitou para, mais uma vez, descrever a situação desfavorável dos artistas no país. Além da dificuldade de acesso à especialização – que só era oferecida na Europa – e dos baixos rendimentos mensais – que obrigava os literatos, por exemplo, a ter que manter outro emprego a fim de prover sua existência –, essa categoria sofria ainda com a discriminação por parte de uma sociedade “culturalmente atrasada”, na qual mesmo às parcelas mais abastadas faltava a “modernidade”, a “civilidade”, onde sobravam os domínios pessoais do mando e do dinheiro.

Além disso, faz nova referência à distorção da realidade proporcionada pelos romances românticos, que davam uma falsa impressão da corte. E ainda com relação ao sistema de ensino – a ser urgentemente reformado –, ao relatar as primeiras impressões de Amâncio na Corte, sugere que seus desapontamentos com as letras haviam de se prolongar por toda sua vida: “Amâncio, como qualquer provinciano que ainda não tivesse ocasião de apreciar o Rio de Janeiro, julgava-se tão desiludido a respeito dele, quanto a respeito de

²³⁴ AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 37.

²³⁵ A compra de títulos era comum da parte da nova elite enriquecida para a qual sobrava dinheiro e faltava prestígio. Em *O Cortiço*, por exemplo, o autor retoma o assunto para descrever a ascensão de Miranda a Comendador e as aspirações de João Romão ao cargo. O tema também é abordado por Arthur Azevedo, que utiliza-se de um caso de compra de título, e do escândalo proporcionado pela descoberta de que este era falso, para escrever uma peça teatral sobre a repercussão do caso na sociedade carioca. Ver: MENCARELLI, Fernando Antonio: 1999.

estudos. – Sempre imaginei que fosse outra coisa! – A tal Rua do Ouvidor, por exemplo!...”²³⁶

É também significativa a menção à Rua do Ouvidor, que é descrita por Marcelo Balaban como o endereço da elegância do Rio de Janeiro da época. Localizada no centro antigo da cidade, era referência por suas lojas requintadas e pela Livraria Garnier – na qual aconteciam encontros de literatos nos fins de tarde. “Era também conhecida como a “grande artéria da civilização” a despeito de suas reduzidas dimensões”²³⁷.

A referência crítica de Azevedo sobre a desilusão do provinciano Amâncio ao deparar-se com a Rua do Ouvidor revela a visão do autor sobre a incompatibilidade entre o projeto de nação gestado pela elite intelectual brasileira e o aspecto colonial que ainda predominava na cidade do Rio de Janeiro, sobretudo em suas vielas onde os novos automóveis e todas as demais invenções que eram sorvidas pela elite tinham de conviver com o fluxo de pessoas, carroças, animais e feiras livres, como podemos notar no testemunho de um contemporâneo:

“[...] O Rio possui hoje um teatro lírico [...] suas ruas são iluminadas a gás e há um piano em cada casa. É verdade que esse teatro está situado no meio de uma praça infecta [...] que as ruas, sem passeios, são mal calçadas de pedra bruta, e que afinal, nos tais pianos [...] não se tocam senão músicas de dança, romanças e polcas”²³⁸.

Também em *O Coruja*, a associação entre educação romântica e determinismo movem o personagem central, Teobaldo. O autor cria uma polarização entre personagens masculinos pautada pelo lugar social (classe alta - ociosa X média/baixa – trabalhadora) e educação romântica (ameaça virilidade e papel social, se vinculada ao ócio cria personagens deformados).

Uma educação desregrada em um mestiço, segundo o cientificismo da época, guiará a trajetória degenerada de Teobaldo em relação à de André. O narrador aponta as trajetórias opostas e que se tocam a todo momento: André representa a capacidade laborativa do ser humano, mas apenas o trabalho ou o ócio não servem para enquadrar o ser humano no ambiente social.

²³⁶ AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 40.

²³⁷ TIGRE, Bastos. *Apud.* BALABAN, Marcelo: 2003, pp. 56-57.

²³⁸ Chales Expilly. *Apud.* ALENCASTRO, Luiz Felipe de: 1997, p. 48.

No romance o cenário principal era a sociedade burguesa do império e se referia a um passado recente. André é de origem humilde e seu apelido dá nome à obra, mas ele serve mais para demonstrar as relações sociais na sociedade burguesa do que descrever as classes mais baixas. As antíteses físicas, morais e financeiras afastam e aproximam os personagens Teobaldo e Coruja. Mais uma vez, na sociedade retratada por Azevedo o mecanismo principal para a ação da burguesa é o dinheiro.

Além dos mandos do dinheiro e poder sobre a vida humana, o *brotamento da vida como de uma podridão*, mencionado por Aluísio Azevedo, diz respeito também à promiscuidade presente nos cortiços e às altas taxas de natalidade. Os exemplos de promiscuidade são vários no romance, seja sob a forma do adultério, do lesbianismo, da prostituição ou do abuso de menores, como nas passagens:

“ - Que fez você com esta pequena?
 - Não fiz nada, não senhor!...
 - Foi ele sim! desmentiu-o Florinda – o caixeiro desviou os olhos para não a encarar – um dia de manhãzinha, às quatro horas, no capinzal, debaixo das mangueiras...”²³⁹

“E Leocádia olhou para os lados, assegurando-se de que estavam a sós (...). E sacou fora a saia de lã grossa, deixando ver duas pernas que a camisa a custo só cobria até os joelhos, grossas, maciças, de uma brancura levemente rósea e toda marcada por mordeduras de pulgas e mosquitos:
 - Avita-te! Anda! Apressou ela, lançando-se de costas no chão e arregaçando a fralda até a cintura; as coxas abertas”²⁴⁰.

A supervalorização do sexo, típica do determinismo biológico e do naturalismo conduz Azevedo a buscar todas as formas de patologia: desvios na relação matrimonial, adultérios, prostituição, lesbianismo, etc.

A referência à violação de uma menina de 14 anos, na primeira passagem, bem como as circunstâncias em que as duas cenas se passam, revelam a ausência de cuidado e higiene: em ambas as situações faz-se sexo ao ar livre, em meio ao mato, sob as árvores. A segunda passagem é mais explícita ao destacar as manchas na perna da lavadeira, decorrentes de mordeduras de pulgas e insetos, em uma clara referência às descobertas científicas sobre os vetores da peste negra e da febre amarela.

²³⁹ AZEVEDO, Aluísio: 1998, p. 69.

²⁴⁰ AZEVEDO, Aluísio: 1998, p. 81.

O autor parece sugerir que as doenças infecciosas, uma vez contraídas devido a esses “contatos”, espalhavam-se com facilidade nas habitações coletivas mal cheirosas, mal iluminadas e com altos índices de promiscuidade, nas quais os regulamentos sanitários e de segurança geralmente não eram respeitados. Além disso, a alta natalidade parece pretender apontar a manutenção do que o autor caracterizou como uma espécie de “pobreza hereditária”:

“ [...] Augusta ficara com a família numa destas casinhas do segundo andar, à direita; estava grávida outra vez; e à noite via-se o Alexandre, sempre muito circunspecto, a passear ao comprido da varanda, acalentando uma criancinha ao colo, enquanto a mulher dentro de casa cuidava de outras. A filharada crescia-lhes, que metia medo. ‘Era um no papo, outro no saco!’”²⁴¹

A promiscuidade, a alta natalidade, os surtos epidêmicos apontados pelo autor eram utilizados por políticos e intelectuais para justificar suas incursões aos cortiços e o combate às moradias populares. O saber médico, investido de plenos poderes pelos governantes, ordenou a destruição de vários cortiços, mas a exemplo do que acontecia com as casas de cômodo, a cada estalagem destruída, aumentava o número de moradores em outras, que tinham diminuídas suas condições higiênicas e de habitabilidade.

No entanto, mais do que uma vigilância sobre as condições sanitárias da cidade, as novas regras e intervenções representavam uma crítica à sociedade tradicional, identificada com o atraso, a sujeira, a desordem, o feio e as epidemias. A questão da insalubridade abre espaço para a crítica aos hábitos dos habitantes: “a rua deveria reunir os atributos e as condições indispensáveis à saúde, à moralidade e à organização do corpo físico e social”²⁴².

Diante da necessidade de “ser” e “parecer” moderno impunham-se exigências morais, higiênicas e estéticas, e neste sentido foram criadas leis e decretos visando banir “velhas usanças”: proibiu-se a venda de vísceras a céu aberto; a venda de leite “ao pé da vaca”; o trânsito de carroças nas ruas do centro; a cultura de hortas, estábulos e capinzais

²⁴¹ AZEVEDO, Aluísio: 1998, p. 156.

²⁴² PECHMAN, Robert Moses: 1992, p. 79.

no perímetro da cidade; e várias outras “práticas rurais que persistiam no contexto urbano”²⁴³.

Além das várias referências, na obra de Azevedo, a vendas de alimento a céu aberto e a presença de hortas nos cortiços, a reforma do pátio com a construção de seis torneiras e latrinas, e de três banheiros, também sugere a degradação das condições de habitabilidade nos cortiços, o que contribuía para a proliferação de doenças, fazendo com que os cortiços fossem alvo de constantes intervenções dos sanitaristas.

A polícia também demonstrava preocupação com os cortiços, considerando-os um mal para a ordem pública, cenário de crimes e agitações, santuário de criminosos e escravos. Além disso, foi encarregada de fazer cumprir a nova legislação acerca da moral e bons costumes que deveriam prevalecer em uma urbe higiênica, moderna e civilizada.

“Em prol do embelezamento da cidade (...) foi proibida, nos estabelecimentos comerciais, a exposição de artigos nas umbreiras e vãos das portas (...).Medida de grande repercussão foi a guerra contra os quiosques, “anti-higiênicos e sem inspiração artística”. [...] Um decreto proibiu urinar e cuspir nas ruas. Para não embaraçar os cabos, as crianças foram proibidas de soltar pipas. [...] Nada mais ilustrativo que o projeto (..) visando pôr termo à vergonha e imundície injustificáveis dos em manga-de-camisa e descalços nas ruas da cidade”²⁴⁴.

As proibições atingiam em cheio não só práticas populares, mas também muitas profissões do Rio antigo, bem como manifestações populares culturais e religiosas. Procurou-se banir formas ambulantes de comércio e artesanato, o carnaval, a serenata, a boemia, o candomblé, a capoeira, as festas de Judas, entre outras.

Possivelmente por este motivo e mais um suposto abuso de autoridade, apontado por Azevedo, a presença da polícia nos cortiços era considerada motivo de desonra. A instituição que deveria zelar pela ordem e proteger a população, era para ela o mais temível inimigo. A qualquer tentativa de intervenção policial, os moradores deixavam de lado suas diferenças para unir-se contra o “inimigo” comum:

“Não entra! Não entra! [...]A polícia era o grande terror daquela gente, porque, sempre que penetrava em qualquer estalagem, havia grande estrupício: à capa de evitar e punir o jogo e a bebedeira, os urbanos invadiam

²⁴³ BENCHIMOL, Jaime Larry: 1984, p. 117.

²⁴⁴ BENCHIMOL, Jaime Larry: 1984, pp.116-117.

os quartos, quebravam o que lá estava, punham tudo em polvorosa. Era uma questão de ódio velho”²⁴⁵.

A república fora instaurada, mas à população não havia sido este

O que, a primeira vista, pode parecer um ponto de vista extremamente conservador e machista, ao longo da leitura figura-se exatamente o oposto: através da ironização da sociedade burguesa – que o autor acredita dirigida pelos mandos do dinheiro e corrupção – Azevedo critica a desvalorização da mulher, mas também a própria mulher, que se deixa desvalorizar em favor de uma vida de luxo e aparências.

O tom predominante na obra é o da sátira, mas a proposta geral é séria: os valores centrais são a preservação do papel da mulher enquanto esposa e mãe, reforçando os preceitos do projeto médico-higiênico de boa formação dos filhos e preservação da família e casamento.

Casa de Pensão também é obra bastante interessante sob o ponto de vista médico-higiênico: os personagens sofrem de doença moral ou física: além do temperamento de Amâncio, produzido pela associação de uma má educação (literária e doméstica) com o leite da escrava, há a falta de escrúpulos de Lúcia e da Família Coqueiro. Além da histérica Nini, são apontadas também a tuberculose de um dos inquilinos e a reuma de Amâncio. A casa de pensão prefigura como ambiente insalubre para a saúde moral e física dos personagens:

“(...) O seu corpo, chupado lentamente pela tísica, nu e esquelético, virava-se de uma para outra banda, entre manchas excrementícias, a porejar um suor gorduroso e frio, que umedecia as roupas da cama e dava-lhe à pele, cor de osso velho, um brilho repugnante. [...]Havia um cheiro enjoativo de moléstia e desasseio”²⁴⁸.

Também em *O Homem*, dentro de uma perspectiva determinista, o autor trata a histeria como consequência de um choque ligado à insatisfação sexual em uma mulher de temperamento frágil causado por uma educação excessivamente romântica em uma jovem de classe média, não afeita ao trabalho.

O livro é o estudo de um caso de histeria provocada por um choque e passa por todos os graus: neurose, mania religiosa, falso misticismo, dupla personalidade, delírios,

²⁴⁸ AZEVEDO, Aluísio: 1999, p. 169.

loucura; a obra é resultado de estudos, observação e leituras. O médico, Dr. Lobão, é personagem secundário, cuja maior função seria legitimar o caráter científico do romance.

No entanto, sob o ponto de vista naturalista, a obra não é fiel à sua proposta: nas descrições dos estágios da loucura, nos sonhos, nas letargias, prevalece uma descrição sensacional e romântica, que não pode ser cientificamente comprovada. Possivelmente mais um estratégia de crítica aos excessos cometidos em nome da medicina, o autor sugere o comodismo e sedentarismo, associados ao romantismo, como agravantes das crises nervosas de Magdá:

“[...] E logo que se sentisse melhor, convinha despertar-lhe o gosto por qualquer ocupação manual. ‘Nada de belas-artes nem leitura! Exclamava o cirurgião. – Jardinagem, serviço de horta, jogos e exercícios, como o bilhar, a caça, a pesca! E passeios! Muitos passeios ao ar livre, pela fresca da manhã, sem chapéu, sem muito medo de apanhar sol!’ (...)”²⁴⁹.

Estes mesmos elementos deterministas podem ser notados em *O Mulato*: Raimundo configura-se em ícone da mestiçagem em direção a um progresso da sociedade. Era o próprio exemplo da eugenia em marcha. O romance não é apenas em prol da abolição e anticlerical, como foi suposto na ocasião de seu lançamento, mas também expressa as teses de Azevedo sobre o ideal de futuro da sociedade brasileira: república positivista e liberal, integração racial e cultural com fins à civilização europeia dos trópicos²⁵⁰.

O mulato claro e de olhos verdes, educado, culto e de idéias esclarecidas e positivistas é o protótipo do homem higiênico em torno do qual se constituiria a democracia brasileira a ser edificada. Em plena campanha abolicionista, Azevedo não manteve a imparcialidade exigida pelo naturalismo, tomando partido de um mulato idealizado, uma vez que Raimundo é cientificamente inverossímil: filho de pai branco e mãe negra, o mulato tem nariz fino, tez clara e grandes olhos azuis.

²⁴⁹ AZEVEDO, Aluísio: 1957, p. 49.

²⁵⁰ O fato de o protagonista ser positivista e republicano indica quais são, aos olhos do autor, a ideologia e regime que deveriam orientar as transformações do país. Contra preceitos da Igreja católica e a favor de uma sociedade baseada na ciência, contra uma sociedade sob jugo do Imperador e a favor de um processo democrático, contra a escravidão. Segundo Mérian (1988), Raimundo torna-se interprete de Azevedo e das teses positivistas, o que confere ao romance “um aspecto de obra de propaganda”.

Voltando-se aos costumes da sociedade carioca, embora o tema central de *O Homem* seja a histeria da personagem Magdá, o autor também traz à tona aspectos das relações sociais no Rio de Janeiro, ressaltando a convivência de dois mundos: o sem graça, ocioso e fechado sobrado e o universo cheio de vida da pedreira e do cortiço.

Retomando o projeto mencionado por Azevedo, *Brasileiros Antigos e Modernos*²⁵¹, podemos identificar pontos em comum entre *O Homem* e *O Cortiço*, como os três ambientes principais em que as histórias se desenvolvem – pedreira, sobrado e cortiço – e as classes representadas: a burguesia mercantil, os portugueses imigrados e os brasileiros pobres. Porém a obra *O Homem* é estéril: morrem os noivos e Magdá fica louca, não tendo como nascer outro romance deste.

Em *O Cortiço* notamos melhor o projeto: Jerônimo, virtuoso e trabalhador vem para o Brasil tentar nova vida com a família, mas deixa-se dominar pela atmosfera do Rio e os encantos de uma mulata, pela qual abandona sua família. Mas as semelhanças com o projeto esboçado param por aí.

O autor insinua que a filha de Jerônimo seria a nova prostituta, mas o romance termina antes que se concretize e ele não tem filhos com a mulata Rita Baiana, o que elimina os últimos três romances: *O Felizardo*, *A Loureira* e *A Bola Preta*. Além disso, o imigrante português João Romão e a escrava Bertoleza adquirem uma importância não prevista no projeto inicial.

A obra também não nos oferece uma panorama da sociedade brasileira: o cortiço é o cenário e personagem principal. O restante da cidade só é apresentado pelos convidados do sobrado, os clientes das lavadeiras ou as confeitarias do centro. O conjunto do romance passa-se num cenário restrito, lugar de experimentação no qual a vida das classes mais desfavorecidas é apresentada. O cortiço e a pedreira realmente existiram no local indicado, no bairro de Botafogo. As casa foram demolidas e a pedreira desativada ainda é visível.

As obras de Azevedo dialogam com a realidade e embora sejam o resultado de um olhar sobre a cidade, nos fornecem pistas sobre o que o autor testemunhou sem ter tido a intenção de fazê-lo. É um testemunho dos conflitos de sua contemporaneidade, já que, embora tenha sido idealizada uma imagem, formaram-se várias.

²⁵¹ Vide capítulo 2.

Da imagem moderna e civilizada que a elite carioca projetava para si e queria ver refletida no espelho e para o restante do país, formaram-se várias. É como se o espelho se tivesse partido em muitos pedaços que, embora não deixem de refletir o país como um todo e o Rio em específico, oferecem a imagem de vários Brasis, reflexo de uma realidade multifacetada.

O Rio de Janeiro, como microcosmo social do Brasil, é fragmentado em centenas de micronações, mescladas ao território físico, mas não ao corpo social. A tríade naturalista ciência-educação-moralidade proposta como solução para os males do país ainda não se resolveu, prevalecendo uma estrutura precária em todos os âmbitos:

“(...)em matéria de habitação popular , foram construídas apenas as 120 casas do conjunto da rua Salvador de Sá. A ampliação da educação primária e dos equipamentos de saúde pública foi insignificante em relação às necessidades do povo. De certa forma, a cidade do Rio, na entrada do século, assumiu integralmente a postura do *Art Nouveau*. Embelezou a cidade falseando a natureza das questões sociais herdadas do escravagismo”²⁵².

A partir de fins do século XIX estão delineados os atores da cena carioca que ainda hoje prevalecem: o povo, prestador de serviço, que, em busca da proximidade do trabalho, superlota as favelas; as elites, mais fascinadas pelo luxo que pelo conteúdo da “civilização” continua sua busca por acúmulo de poder e riqueza. Viajam ao exterior e portam-se como ingleses e nova-iorquinos, mas em casa conservam padrões de comportamento sedimentados desde o Rio escravagista.

²⁵² LESSA, Carlos: 2000, p. 227.

Considerações finais:

As expectativas iniciais, despertadas pela República, nos intelectuais, de maior participação e encaminhamento do país para a “civilização”, não se concretizou. Muitos desistiram da política e aceitaram postos decorativos na burocracia, a exemplo do que aconteceu com Aluísio Azevedo, que, embora não o tenha declarado explicitamente, sentiu-se impotente frente ao “sistema”, como é perceptível em suas correspondências pessoais e profissionais, como cônsul.

A frustração de grande parcela dos intelectuais, entre eles Aluísio Azevedo, deveu-se à ausência de perspectivas para além da abolição e da instauração da República. Apesar de pretender apresentar os problemas em sua real dimensão, Aluísio Azevedo não propõe soluções definitivas para os problemas sociais, raciais e econômicos que detecta na sociedade carioca. As questões acabaram ficando em aberto, forma como muitas ainda hoje permanecem.

A denúncia das mazelas, vícios e chagas dessa sociedade, em fins do século XIX, pelo autor, visava à busca e construção da identidade nacional, e à inserção do Brasil entre as nações mais civilizadas. A “questão nacional” foi amplamente discutida pela intelectualidade do período, que, vivendo a indeterminação do presente, intervinha a fim de tornar real o devir que lhes interessava e no qual acreditavam.

Munidos de armas intelectuais e utilizando a literatura como espaço de denúncia e pedagogia, os literatos de fins do século XIX, crédulos de serem detentores dos códigos de acesso à civilização, se propuseram a identificar e apontar os meios para a superação das mazelas sociais e o caminho para o progresso. Entendendo que o atraso do país estava ligado à permanência da monarquia e escravidão, estes intelectuais travaram uma verdadeira batalha contra estas instituições.

Neste contexto, Aluísio Azevedo faz da literatura uma prática política em seu tempo, difundindo seu projeto político-social-literário através de suas obras, destacando-se

do seu grupo devido às duras críticas sociais e às ironizações que promoveu aos excessos cometidos pelas autoridades “em nome da ciência” e “da moral”.

O que nos chega da cidade do Rio de Janeiro de fins do século XIX através das obras de Azevedo é um retrato pretensamente fiel, no qual predomina uma ideologia modernizadora permeada por uma fina ironia que expõe as mazelas desta cidade, de um projeto social traçado para ela e de seus idealizadores.

Ao mesmo tempo em que propõe e partilha de um ideal modernizador proposto por seus pares, o autor critica e ironiza este mesmo projeto e seus resultados – ou a falta deles – frente aos problemas concretos, o que se revela nas aparentes ambigüidades de sua obra e em exposições que chegam a ser contraditórias com relação a temas centrais na tentativa de comprovar sua visão de mundo.

Apesar das descrições e opiniões estarem “filtradas” pela visão do autor e comprometidas com seus objetivos, sua obra dá vida a um complexo debate e aos interesses em jogo dentro do pretense projeto de modernização da sociedade carioca em questão, e do próprio país, como um todo, dada a corrente idéia do Rio de Janeiro como um pólo irradiador de “cultura e civilização”.

A República pela qual se lutou, no entanto, revelou novas contradições no seio da sociedade carioca e acentuou algumas das antigas. A reforma dos costumes, a “formação de almas”, associadas às idéias higienistas, foram então adotadas como nova tática de “guerra”. Se era preciso reformar a sociedade, o primeiro passo deveria ser a modificação dos costumes e a destruição dos meios propícios ao “brotamento” dos problemas físicos e morais da sociedade. O ideal de nação passou a cristalizar-se então no combate aos “signos do atraso”, sobretudo as habitações populares.

Azevedo utiliza suas obras também com o intuito da exemplaridade. Abusando dos preceitos naturalistas da hereditariedade e da influência do meio sobre o indivíduo, o autor escancara para a população carioca os problemas que até então vinha-se tentando esconder, utilizando-se de suas obras e personagens para exemplificar tudo que deveria ser combatido em favor de uma educação melhor, uma ciência isenta e verdadeira e uma cidade higienizada, na construção do “homem higiênico” que habitaria a nova urbe renovada, “civilizada” e moderna.

No entanto, para o pobre urbano, desalojado, desempregado, doente e sem grandes possibilidades de passear pelas novas e modernas avenidas de nomes e feições francesas, só restavam as conseqüências da agudização da crise sanitária e habitacional acarretada pelas reformas físicas da cidade.

A modernização excludente pela qual passou o Rio de Janeiro em fins do século XIX, desnudava uma contradição que lhe haveria de custar caro no futuro. Se “cada cidade recebe a forma de deserto a que se opõe”²⁵³, a perseguição e demolição dos cortiços pelas autoridades não isentou a cidade de seus “representantes” modernos.

A destruição dos supostos “ícones do atraso”, para construção da cidade civilizada que rumava ao progresso e deslumbrava as elites, deixou milhares de trabalhadores sem casa e outros tantos em habitações cada vez mais precárias e insalubres.

As tentativas de transformação do “país das maravilhas” através da “cidade maravilhosa”, seu cartão de visitas, acabaria oferecendo condições para a criação das favelas. Favelas que no futuro sintetizariam a cidade do Rio de Janeiro, para muitos visitantes estrangeiros e para os novos ricos – que almejam, como João Romão, esquecer suas origens apenas trocando de roupa –, muito mais que a Avenida Central, reproduzindo condições de higiene, senão piores, iguais às dos cortiços.

No espelho em pedaços, que reflete hoje a sociedade heterogênea e multifacetada do Rio de Janeiro, podemos notar claramente o avesso da memória carioca que Aluísio Azevedo, entre outros intelectuais, pretendeu construir em fins do século XIX: mendigos, ambulantes, camelôs, quiosques de todo tipo, degradação das condições habitacionais e higiênica.

A favela reproduz hoje a caricatura da sociedade; o sistema de ensino continua precário e o acesso a ele ainda é restrito e, muitas vezes, fraudulento; e mais do que nunca há hoje um retorno aos métodos naturais de cura (ou mesmo os sobrenaturais), em grande parte graças à falência do sistema público de saúde.

Mais de um século depois ainda não conseguimos resolver os problemas educacionais, apontados por Azevedo como essenciais para um país que se pretenda civilizado e moderno. Não tendo pensado no destino de milhares de escravos livres após a

²⁵³ CALVINO, Ítalo: 1990, p. 88.

abolição, ainda hoje não conseguiu-se lidar com a pobreza e o contingente de desempregados, indigentes e estudantes que não têm acesso ao ensino superior.

Como paliativos, criam-se milhares de tipos de “bolsas”, no intuito de, mais uma vez, esconder a pobreza ou banir o pobre do centro através da criação de “casas populares”, distribuição de terras para plantação ou criando “cotas” em universidades: assistimos a um retorno ao “pão e circo”. Ao não resolver problemas grandes, cria-se uma porção de problemas menores juntamente com um novo ministério para cada um, e delega-se um novo responsável.

Da mesma forma, após um lento e conflituoso embate entre práticas populares e medicina científica, assistimos hoje a um retorno significativo à medicina alternativa: acupuntura, chás, ervas, sementes, massagens, benzições, mediunismo...

Embora não se possa generalizar, ainda hoje há também um pouco de “experimentação” ou informações desencontradas na medicina, devidas em parte ao modismo e em parte à má formação de profissionais do setor por unidades “duvidosas” de ensino superior.

Fortemente influenciados por mídias de moda, saúde e estética, parte da população é atingida por informações que tornam-se contraditórias e os expõe a riscos: se em um primeiro momento a “moda” é beber água o dia todo, no outro divulga-se que seu consumo excessivo elimina potássio do organismo.

Alguns por impotência frente à força e alcance midiático, outros por desconhecimento e má formação, ou ainda por desinteresse em aprofundar seus conhecimentos, graças aos péssimos salários oferecidos, estes profissionais passam a ser desacreditados pela população, que, frente à ineficiência e falência do sistema de saúde, volta a recorrer a “remédios” e “curandeiros” “milagrosos”. A incorporação conflitiva do velho e do novo não conseguiu abolir a memória e a diversidade. Quando muito, criou uma nova forma, resultante de fusões, como é o caso das associações de medicina alopática e natural, ou mesmo da favela.

Projetos para saneamento e humanização das favelas, a exemplo dos que existiam no século XIX para os cortiços, são vários. Resultados, muito poucos. Como outrora, existe hoje uma grande especulação imobiliária em algumas favelas, há bancos, academias e

comércio diversificado, mas seria um equívoco ver nisto uma redução da precariedade e pobreza.

As favelas mais próximas a regiões nobres, habitadas por “prestadores de serviços” apresenta, um diferencial em relação às dos subúrbios, obviamente. A heterogeneidade é inerente à favela. O que existe, muitas vezes, é uma diferenciação no interior da própria pobreza através de ações isoladas. No geral, o que resta, mais uma vez, é a busca pelo transcendental, que pode ser a religião, o crime, as drogas ou formas alternativas de cura.

A modernização excludente de fins do século XIX lançou raízes profundas que ainda hoje marcam a sociedade carioca e brasileira, como um todo. O Rio-paraíso cede lugar, a cada dia, ao crime-negócio à explicitação da violência, que interagem com a perda de auto-estima e prestígio da cidade e da população aí domiciliada.

Se com todos os recursos científicos, tecnológicos e de controle social disponíveis hoje, chegamos a esta conclusão, não é difícil entender a frustração daqueles intelectuais de fins do século que acabaram se empregando dentro da mesma “estrutura” que condenavam. Fenômeno este também cada dia mais atual.

A construção do “homem higiênico” que habita uma urbe civilizada e moderna proposta por Azevedo e propagandeada em suas obras ainda não se concretizou e nos parece um sonho que se esvai no horizonte.

Cada dia menos crianças têm acesso a livros e conhecem mais as drogas; os governantes continuam produzindo obras arquitetônicas para a posteridade, e ocupando-se cada vez menos do crescimento social. E como na crônica produzida por Azevedo em fins do XIX, enquanto o povo for ignorante, o governo vai bem; logo, o povo continuará ignorante.

Cabe a este povo o destino da história a ser construída. O mesmo povo que elege, pode e deve cobrar e depor, se necessário. Mas é, no mínimo, estranho que venha a eleger novamente...O povo brasileiro é acusado de ter “memória curta”, o que parece garantir uma tácita absolvição a todos os corruptos, a longo prazo. Cabe a cada um de nós a decisão de figurarmos, no futuro, como “bilontras” ou “bestializados” nas páginas da história. E a decisão é, a cada novo escândalo, mais urgente.

ANEXOS:

Resumos das obras:

O Mulato (1881):

A obra trata da trajetória de uma criança, filha de um ex-comerciante português com uma ex-escrava do pai, que é enviada a Lisboa depois da morte do pai. Após anos na Europa, retorna recém-formado para o Brasil e regressa à cidade natal, São Luis do Maranhão. Acolhido pelo tio, desperta o amor da prima Ana Rosa. O amor correspondido, no entanto, encontra três empecilhos: a reprovação do pai, que queria Ana Rosa casada com um de seus caixeiros; o da avó de Ana Rosa, beata e racista; e de Cônego Diogo, tutor e adversário de Raimundo (*O Mulato*) e responsável pela morte de seu pai, fatos estes que Raimundo ignorava. Os primos armam um plano de fuga a fim de ficarem juntos, mas são descobertos e Raimundo termina morto enquanto a prima aborta após uma crise nervosa. Seis anos depois, Ana Rosa aparece casada com o caixeiro autor do assassinato de Raimundo e revela-se esposa e mãe esmerada. Escrita na efervescência da Campanha Abolicionista a obra é uma clara crítica social e de oposição ao preconceito racial, constituindo-se também em anticlerical.

Casa de Pensão (1884):

Baseada em um crime real acontecido em 1876, na cidade do Rio de Janeiro, a obra, inicialmente publicada sob a forma de folhetim, retrata a trajetória de Amâncio de Vasconcelos, provinciano de São Luís do Maranhão, filho de um pai rígido e mãe superprotetora, que encontra na família, na ama sífilica e no cruel professor do primário os determinantes de seu comportamento desviante vida afora. Embarcando para o Rio no intuito de estudar medicina, envereda-se pela boemia e pelo ambiente sensual e corrupto das casas de cômodo. Seduzido por um plano da família Coqueiro, proprietários da casa em que o rapaz morava, acaba seduzido por Amélia. Após gastar todo o dinheiro do pai,

resolve viajar ao Maranhão para rever a mãe. Desconfiado, Coqueiro consegue que a polícia o prenda sob acusação de deflorar Amélia. O estudante é absolvido depois de seguidos julgamentos que movimentam e dividem a sociedade carioca. Inconformado com o julgamento, Coqueiro assassina Amâncio com um tiro. Alicerçado em teses deterministas o romance constitui-se em uma crítica da justiça, ensino e sociedade carioca como um todo, bem como ao caráter provinciano e paternalista da sociedade de São Luís do Maranhão.

O Homem (1887):

A obra pretende-se um estudo de um caso de histeria progressiva, que passa por todos os níveis. A mimada e rica Magda, moça de família rica e tradicional, após ser privada de um relacionamento com um primo que descobre ser seu meio irmão (fruto de uma relação extra-conjugal do pai com a cunhada) adocece. Com a morte do irmão, Magda passa a ter pesadelos e delírios que agravam-se após seu contato com um trabalhador da pedreira que fica ao lado de sua casa. Desmaiada, a moça é carregada por Luís, trabalhador braçal, que passa a povoar seus delírios, nos quais ela satisfaz todas as necessidades que não satisfaz em vida: necessidades femininas, sexuais e de maternidade. Conforme a doença evolui Magda passa a trocar a realidade pelos sonhos, que são descritos no mesmo formato do livro bíblico “Cântico dos Cânticos”. Os excessos religiosos e a educação romântica são apontados como agravantes da histeria da personagem. O livro traça paralelos entre a vida dos moradores da pedreira e dos sobrados, enfatizando uma crítica social da burguesia.

O Coruja (1890):

Publicado em folhetim no rodapé de *O Paiz* a partir de 1885, tornou-se livro em 1890, sendo lançado juntamente com *O Cortiço*. Coruja é o apelido de André Miranda de Melo e costa, menino órfão e feio, criado por um padre que só fazia questão da mesada destinada pelos cuidados ao pequeno. Coruja é enviado à escola, onde logo se destaca por sua força física e intelectual. Na escola conhece Teobaldo Henrique de Albuquerque, menino rico e bonito, filho de um credor da escola. Os dois opostos tornam-se amigos inseparáveis e vão estudar no Rio de Janeiro. Na capital Teobaldo envolve-se com várias mulheres e consome todo o dinheiro do pai na boemia, enquanto André torna-se uma sombra silenciosa a sacrificar-se pelo amigo todas as vezes que este precisou. Os personagens seguem

trajetórias paralelas, porém opostas. Após muitos fracassos e dissimulações, Teobaldo chega a ministro do governo, mas desiludido consigo mesmo e fracassado no casamento. Após sua morte, fica uma imagem de sucesso profissional e pessoal. Para Coruja resta a solidão que sempre o acompanhara. O livro pretende-se uma análise psicológica dos personagens e da sociedade, de forma mais ampla. Há uma forte crítica ao sistema de ensino e de privilégios que prevaleciam sobre o mérito no país.

O Cortiço (1890):

O tema central da obra é a exploração do homem pelo próprio homem, que pode ser sintetizado nas relações de João Romão, proprietário do cortiço, com Miranda, Jerônimo, locatários do cortiço e Bertoleza. O vendeiro aspira ao título de Miranda, utiliza-se de Bertoleza para enriquecer, explora seus inquilinos e constitui-se no antagonista de seu compatriota Jerônimo, que se deixa seduzir pelos cheiros e cores do país, decaindo de pai e trabalhador exemplar a malandro que abandona esposa, filha e profissão para habitar com uma mulata. De formas diferentes o vendeiro explora e é explorado por todos. Já o cortiço é gerador de todos os conflitos, constituindo-se em personagem central dentro da trama: ele é feito à imagem de seu dono, crescendo, desenvolvendo-se e transformando-se juntamente com ele. Com a obra o autor pretendeu retratar tipos humanos que se manifestam em consequência do meio, bem como um meio que se modifica e é modificado por estes tipos humanos. No romance a idealização dos sentimentos é abandonada em favor dos mandos do dinheiro, ambição e poder.

Livro de Uma Sogra (1895):

O livro trata de maneira original o tema do casamento, o que causou polêmica à época de sua publicação, também graças à postura ofensiva que o autor assumiu em relação aos costumes morais e religiosos de seu tempo. Quase todo o conteúdo trata dos manuscritos de Dona Olímpia (a sogra) sobre suas convicções acerca do matrimônio. Dona Olímpia descreve medidas necessárias para a completa felicidade conjugal da filha Palmira e do genro Leandro através de um manuscrito desenvolvido à maneira de um tratado filosófico, repleto de deduções e experimentos minuciosos. O manuscrito reúne assuntos tais como o direito da mulher ao prazer sexual, a convivência e os filhos, o amor carnal e fraternal entre

os cônjuges, e o divórcio. O casamento é descrito como uma instituição em que perecem os desejos naturais e decaem os sonhos de felicidade.

Fontes e Bibliografia:

Fontes impressas:

AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato* (1881).

AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão* (1884).

AZEVEDO, Aluísio. *O Homem* (1887).

AZEVEDO, Aluísio. *O Coruja* (1890).

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço* (1880).

AZEVEDO, Aluísio. *O Livro de Uma Sogra* (1885).

Bibliografia:

ABREU, Maurício de Almeida. “Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro”. In.: *Espaço & Debates*, 37, 1994.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. “Vida Privada e Ordem Privada no Império”. In.: NOVAIS, Fernando A Novais. (org. da coleção); ALENCASTRO, Luiz Felipe.(org do volume). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. (História da Vida Privada no Brasil, v.2)

ALMEIDA, Marta de. “Tempo dos Laboratórios, mosquitos e seres invisíveis: as experiências sobre a febre amarela em São Paulo”. In.: CHALHOUB, Sidney. *Artes e Ofícios de Curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas: São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

ASSIS, Machado de. “O segredo do Bonzo”. In.: *Papéis Avulsos II*. São Paulo: Globo, 1997. (Obras Completas).

AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. 12ª. Ed. São Paulo: Ática, 1999.

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Click, 1998. (Biblioteca Z.H.).

AZEVEDO, Aluísio. *O Coruja*. São Paulo: Martins Editora, 1963.

AZEVEDO, Aluísio. *O Homem*. São Paulo: Martins editora, 1957.

AZEVEDO, Aluísio. *O Livro de Uma Sogra*. São Paulo: Martins Editora, 1959.

AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1962.

AZEVEDO, Aluísio. *O Touro Negro*. São Paulo: Martins Editora, 1954.

BALABAN, Marcelo (organização, apresentação e notas). TIGRE, Bastos. *Instantâneos do Rio Antigo*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras; Cecult; Fapesp, 2003.

BENCHIMOL, Jaime Larry- “Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro”. In.: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org). *O Tempo de Liberalismo Excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano, 3).

BENCHIMOL, Jaime Larry. “O Rio se renova com o prefeito bota-abaixo e o general mata-mosquitos. E o povo se rebela”. In.: *Revista do Brasil*. Ano I, nº 2, 1984.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das Almas. O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney. (at. al.). *Artes e Ofícios de Curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas: São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CHALHOUB, Si

hin B

DIOGO, Marcia Cezar. “O moderno em revista na cidade do Rio de Janeiro”. In.: CHALHOUB, Sidney. *et.al.* (org). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2005.

DUARTE, Regina Horta. *A imagem rebelde: a trajetória libertária de Avelino Fóscolo*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1991.

ENNE, Ana Lúcia S. “A obra literária como metáfora social – uma análise antropológica dos romances de Aluísio Azevedo”. In.: *Cadernos de Estudos e Pesquisas*, n.6, ano III. Publicação da Universidade Salgado de Oliveira/UNIVERSO. Niterói, dez/1999.

FARACO, Carlos Emílio. e MOURA, Francisco Marto. *Literatura Brasileira*. São Paulo: Ática, 1998.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FERREIRA, Luiz Otavio. “Ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840)”. In.: *Artes e Ofícios de Curar no Brasil: capítulos de história social*. Campinas: São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. *A Arte de Curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

GUNN, Philip; CORREIA, Telma de Barros. “O urbanismo: a medicina e a biologia nas palavras e imagens da cidade”. In.: BRESCIANE, Maria Stella. (Org) *Palavras da Cidade*. Porto Alegre. Ed. Universidade/ UFRGS, 2001.

HAHNER, June E. *Pobreza e Política: os pobres urbanos no Brasil: 1870- 1920*. Trad.: Cecy Ramires Maduro. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1993.

HOUAISS, Atônio. (et. al.). *Minidicionário da Língua Portuguesa*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasís. Uma reflexão em busca de auto-estima*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

MACHADO, Roberto. *Danação da Norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978. (Biblioteca de Estudos Humanos: Série Saber e Sociedade, v.n.3).

MARQUES, Sonia. Thèse présentée devant L’Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales pour obtenir le titre de docteur. *Les Professions de l’urbanisme au Brésil*. Directeur de Thèse: M.Daniel Pécault, Août, 1995.

MENCARELLI, Fernando Antonio. *Cena Aberta: a absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo*. Campinas, São Paulo: Unicamp, Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999.

MENEZES, Raimundo de. *Escritores na intimidade*. São Paulo: [s.n.], 1949.

MENEZES, Raimundo de. Prefácio à obra *O Coruja*. São Paulo: Martins Editora, 1963.

MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo, vida e obra: (1857-1913) o verdadeiro Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, Banco Sudameris – Brasil: Brasília: INL, 1988.

MEYER, Marlise. *Folhetim: Uma História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NEDER, Gizlene. “Cidade, Identidade e Exclusão Social”. In.: *Tempo*. Rio de Janeiro: v.2, n.3, 1997.

NERY, Laura. “Cenas da Vida Carioca”. In.: CHALHOUB, Sidney. et. al. (org): *História em cousas miúdas*. Campinas, Unicamp, 2005.

NEVES, Margarida de Souza. “Brasil, acertai vossos ponteiros”. In.: Museu de Astronomia e Ciências Afins”. *Brasil, acertai vossos ponteiros*. Rio de Janeiro: Mast, 1991.

NEVES, Margarida de Souza. “Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o XX”. In.: FERREIRA, Jorge. DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org). *O Tempo de Liberalismo Excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (O Brasil Republicano, 3).

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ORTIZ, Renato. *Cultura e identidade nacional*. 2^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PECHMAN, Robert Moses. “Um olhar sobre a cidade: estudo da imagem e do imaginário do Rio na formação da modernidade”. In.: *Cadernos do IPPUR/ UFRJ*. Ano VI, nº 1, dez., 1992.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O Carnaval das Letras*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. 2^a ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

PORTO, Ana Gomes. *Crime em Letra de Forma: sangue, gatunagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano*. Campinas, São Paulo: [s.n.], 2003.

QUEIROZ, Luiz Gonzaga Morando. *As duas faces da moeda. Uma leitura da obra de Aluísio Azevedo*. Tese de Doutorado ao curso de pós- graduação em letras da UFMG, sob orientação de Dra. Maria Zilda Ferreira Cury. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 19 de dezembro de 1997.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. “A geração boêmia: vida literária em romances, memórias e biografias”. In.: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. (org). *A História Contada*. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da Cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial*. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2001.

SAMUEL, Rogel. (org). *Manual de Teoria Literária*. Petrópolis: Vozes, 1985.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 4ª. Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Trad. Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O naturalismo no Brasil*. 2ªed. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1992.

SUSSEKIND, Flora. “Crítica a Vapor” In.: *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 1993.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.